PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: APRENDIZAGEM, TECNOLOGIA, LINGUAGEM EM EDUCAÇÃO

Neudson Antonio Costa Penha

TEATRO DOS SONHOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR: A VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

Santa Cruz do Sul
2021

Neudson Antonio Costa Penha

TEATRO DOS SONHOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR: A VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação, linha de pesquisa: Aprendizagem, Tecnologia, Linguagem em Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como como requisição para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.ª Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Santa Cruz do Sul

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Penha, Neudson Antonio Costa
TEATRO DOS SONHOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR: A VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL / Neudson Antonio Costa Penha. — 2021.
176 f. : il. ; 125 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de SantaCruz do Sul, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes.

1. Educação. 2. Arte. 3. Teatro. 4. Sonhos. 5. Sensível. I. Menezes, Ana Luisa Teixeira de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Neudson Antonio Costa Penha

TEATRO DOS SONHOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR: A VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-graduação- Mestrado em Educação; Linha de Pesquisa em Aprendizagem, Tecnologia, Linguagem em Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes
Professora orientadora - UNISC

Dra. Sandra Regina Simonis Rictcher
Professora examinadora – UNISC

Dr. Nilton Sousa da Silva
Professor examinador – UFRRJ

Ms. Roberto Gambini
Professor Convidado – notório saber

Santa Cruz do Sul
2021

À Úrsula Barros Costa, meu exemplo de mulher, mãe e eternidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força sobrenatural de me fazer ser e crer no que sou e em especial, a todas as minhas Marias, que com os seus milhares de nomes sempre se dispuseram a me olhar e intervir nas horas certas: Aparecida, Conceição, Fátima...

Ao meu pai, Antonio Castro Penha, e sua mais que especial forma de me amar e compreender meus erros e acertos.

À minha mãe, Darcy Costa Penha, que com sua força e dedicação se tornou a minha mãe-coragem.

Aos meus irmãos, João Gualberto Costa Penha, Úrsula Salustiana Costa Penha, Daniele Costa Penha e Flávio Antonio Costa Penha. Cada um, de sua forma, contribuiu muito para a minha existência.

À minha filha, Maria Eduarda Bogéa Penha. A minha Maria, o melhor fruto e presente que o universo poderia ter me dado. Por sua luta, desde pequena, em tentar me fazer “um pai de verdade”. Eu te amo, filhota!

Ao Erik Alves Diniz, meu companheiro de vida, apesar das idas e vindas, sempre compartilhamos sonhos.

Aos meus amigos, os melhores do mundo: Karla Araújo e Marcelo Louzeiro (ambos já partiram, mas sempre dão um jeito de se comunicar comigo nos sonhos), Iandejara Serejo Moraes, Rosilda Moraes e Rosymara Moraes (risos e gargalhadas frequentes me organizam), Eliude Cunha (minha fiel companhia de vida e de trabalho) e Thiago Braz (meu chefe e amigo). Vocês fazem a minha vida ser um mar de loucuras e de rosas.

A todos os meus professores do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação, em especial à Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes, minha orientadora, que acredita nas possiblidades da vida e na humanidade que todos nós podemos construir, todos os dias.

A todos os meus colegas de Chapadinha e Vargem Grande, que seguiram juntos, firmes e fortes nessa jornada. A todas as professoras da Unidade Escolar Duque de Caxias, partícipes da pesquisa, das vivências e deste sonho realizado. À Secretaria Municipal de Educação de Vargem Grande, pelo espaço de pesquisa.

O que singulariza o caminho aqui descrito é em grande parte a certeza de não podermos continuar recorrendo unicamente ao ponto de vista científico-intelectual, mas que o nosso compromisso também compreende todo o lado do sentimento, isto é, a totalidade das realidades da alma.

(JUNG, Carl Gustav, 2019).

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa foi refletir uma possível compreensão das diversas formas expressivas e comunicativas sugeridas pelo inconsciente, o universo sensível dos educadores da Unidade Escolar Duque de Caxias, no município de Vargem Grande, estado do Maranhão. A partir da abordagem qualitativa, em uma perspectiva participante, tendo como pressuposto básico a participação de pesquisador e pesquisados, de natureza básica. A análise bibliográfica partiu da perspectiva analítica *junguiana*, onde busquei a compreensão de como a linguagem do inconsciente em um diálogo com o consciente pode favorecer as aprendizagens de educadores e ampliar a relação entre a narrativa do sonho e sua corporificação, fazendo uso das imagens e do teatro para empreender processos de autoconhecimento em prol de uma educação mais humana. Meu intuito foi problematizar a representação dos sonhos através de espaços de vivências geradoras de possibilidades e ações estéticas expressivas. Nesse sentido, despertar emoções, sentimentos, autoconhecimento e individuação para o favorecimento das aprendizagens e contribuir para reflexão dos sonhos e a arte na educação. Os resultados dessas vivências na educação dos sentidos, desde as profundas conexões com o inconsciente e a expressão de respostas dadas às vivências, deram formas as mensagens que contribuíram para o desenvolvimento pessoal de cada um dos participantes. Das abordagens, destaco que a abertura e amplitude das imagens validaram as compreensões próprias que se desenvolvem no simbólico e sensível, pois versa de um conteúdo que não se apresenta em apontar caminhos, mas de construí-los e de reconstruí-los em uma permanente constância de renovação de possibilidades imaginativas e criativas que cada um faz em sua jornada.

Palavras-chave: Educação. Arte. Teatro. Sonhos. Sensível. Imagem.

ABSTRACT

The main objective of this research was to reflect, a possible understanding of the diverse expressive and communicative forms suggested by the unconscious, the sensitive universe of educators from the Duque de Caxias School Unit, in the municipality of Vargem Grande, state of Maranhão. From the qualitative approach, in a participant perspective, having as a basic assumption the participation of researcher and respondents, of a basic nature. The bibliographic analysis started from the Jungian analytical perspective, where I sought to understand how the language of the unconscious in a dialogue with the conscious can favor the learning of educators and expand the relationship between the narrative of the dream and its embodiment using images and theater to undertake processes of self-knowledge in favor of a more humane education. My intention was to problematize the representation of dreams through spaces of experiences that generate expressive aesthetic possibilities and actions. In this sense, arouse emotions, feelings, self-knowledge and individuation to favor learning and contribute to the reflection of dreams and art in education. The results of these experiences in the education of the senses, from the deep connections with the unconscious and the expression of responses given to the experiences, shaped the messages that contributed to the personal development of each of the participants. From the approaches, I highlight that the openness and breadth of the images validated the own understandings that develop in the symbolic and sensitive, as it deals with a content that does not present itself in pointing out paths, but in constructing and reconstructing them in a constant constancy of renewal of imaginative and creative possibilities that each one makes in their journey.

Keywords: Education. Art. Theater. Dreams. Sensitive. Image.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Alongamento Básico Corporal
AOSD’s	Agentes Operacionais de Serviços Diversos
COVID-19	*Coronavirus Disease-19* (Doença do Coronavírus-19)
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAP	Faculdade do Baixo Paranaíba
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
PAPI	Programa de Apoio Pedagógico Institucional
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PPP	Projeto Político Pedagógico
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – A escola Duque de Caxias, Vargem Grande – MA..... 63
Fotografia 2 – Encontros virtuais, 1º e 2º momentos..... 67
Fotografia 3 – Representação do sonho..... 76
Fotografia 4 – Produção e apresentação da imagem do nome – Costa 88
Fotografia 5 – Produção e apresentação da imagem do nome – Corrêa 88
Fotografia 6 – Produção e apresentação da imagem do nome – Pereira 89
Fotografia 7 – Produção e apresentação da imagem do nome – Mendonça 92
Fotografia 8 – Produção e apresentação da imagem do nome – Penha 94
Fotografia 9 – Mosaico de imagens 95
Fotografia 10 – Cadernos de sonhos 101
Fotografia 11 – Produção de imagens/desenhos 104
Fotografia 12 – Mosaico da apresentação da performance 107
Fotografia 13 – Jogo do espelho 01 112
Fotografia 14 – Desenhando sonhos 112
Fotografia 15 – Imagem do sonho – Trabulsi 01 113
Fotografia 16 – Imagem do sonho – Costa 01 115
Fotografia 17 – Imagem do sonho – Araújo 116
Fotografia 18 – Imagem dos sonhos/a união dos opostos complementares 119
Fotografia 19 – Imagem do sonho – Mendonça 01 121
Fotografia 20 – Imagens relacionadas e sincrônicas 121
Fotografia 21 – Imagem do sonho – Pereira 01 122
Fotografia 22 – Imagens com elementos sincrônicos 123
Fotografia 23 – Imagem do sonho – Corrêa 01 123
Fotografia 24 – Imagens com elementos opostos e sincrônicos 01 124
Fotografia 25 – Imagens com elementos opostos e sincrônicos 02 124
Fotografia 26 – Imagens com elementos opostos e sincrônicos 03 125
Fotografia 27 – Imagens com elementos opostos e sincrônicos 04 125
Fotografia 28 – Protocolo – Costa 128
Fotografia 29 – Imagens/desenhos e imagens/maquetes 01 129
Fotografia 30 – Imagens/desenhos e imagens/maquetes 02 130
Fotografia 31 – Imagens/desenhos e imagens/objetos 130

Fotografia 32 – Mandala de imagens 131
Fotografia 33 – Jogos dos objetos 132
Fotografia 34 – Imagem do sonho – Araújo 02 139
Fotografia 35 – Imagem do sonho – Corrêa 02 140
Fotografia 36 – Imagem do sonho – Mendonça 02 140
Fotografia 37 – Imagem do sonho/música – Costa 141
Fotografia 38 – Imagem dos sonhos – Costa 02 142
Fotografia 39 – Imagem dos sonhos – Trabulsi 02 142
Fotografia 40 – Imagem dos sonhos – Trabulsi 03 142
Fotografia 41 – Imagem do sonho – Monteiro 143
Fotografia 42– Narrativa dos sonhos: em busca das palavras 01 144
Fotografia 43– Narrativa dos sonhos: em busca das palavras 02 146
Fotografia 44 – Palavras na mandala 150
Fotografia 45 – A jornada do herói 150
Fotografia 46 – Avaliação 01 156
Fotografia 47 – Relembrando o processo 156
Fotografia 48 – Avaliação 02 157
Fotografia 49 – Avaliação 03 157

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO.....**	13
2	**FIOS E FORMAS: DOS SONHOS AO PERCURSO INICIAL DA PESQUISA.....**	23
2.1	**Os caminhos de uma pesquisa participante.....**	23
2.2	**Caminhar com os sonhos: a emergência de uma nova educação.....**	32
3	**SÍMBOLOS EMERGENTES.....**	41
3.1	**A função dos sonhos e do mito na educação.....**	41
3.2	**Arte – Movimento transcendente da alma.....**	54
4	**TEATRO DOS SONHOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR.....**	63
4.1	**A Unidade Escolar Duque de Caxias.....**	63
4.2	**Vivências criativas: .....**	67
4.2.1	Primeiro encontro (04 de junho de 2020).....	67
4.2.2	Segundo encontro (10 de junho de 2020)	74
4.2.2.1	*Primeira contação de sonhos.....*	75
4.2.3	Primeiro encontro presencial (19 de agosto de 2020)	79
4.2.4	Segundo encontro presencial (26 de agosto de 2020)	96
4.2.5	Terceiro encontro presencial (02 de setembro de 2020)	102
4.2.6	Quarto encontro presencial (09 de setembro de 2020)	106
4.2.7	Quinto Encontro Presencial (15 de setembro de 2020)	127
4.2.8	Sexto encontro presencial (23 de setembro de 2020)	138
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**	158
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	163
	APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Ana Maria da Costa Monteiro.....	169
	APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Antonia Mary dos Santos Corrêa.....	170

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Bruna Trabulsi Araújo..... 171
APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professor Cleiton Silva Araújo 172
APÊNDICE E – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Joelice Silva Reis..... 173
APÊNDICE F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Joselma Rosa Mendonça..... 174
APÊNDICE G – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Maria Cleomar Mendes da Costa..... 175
APÊNDICE H – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Maria Ilma de Sousa Silva Pereira..... 176

1 INTRODUÇÃO

Não basta saber. É preciso vivê-lo. E aprender a vivê-lo.
(GUILLARD, 2010).

Para esta pesquisa é imprescindível a memória do percurso pessoal, pois é o cômputo de todas as minhas experiências que deram luz às vivências e experimentações profissionais, pois mesmo quando não tinha conhecimento avançado do conteúdo, em estudo, tais como símbolos, sonhos, imagens, arquétipos, individuação e diálogo entre o inconsciente e o consciente, adentrei a um espaço de descobertas e criações no campo simbólico através da imaginação, da arte e dos próprios sonhos que revelaram muito do meu atual campo de pesquisa.

Ao refletir que os sonhos e a arte poderiam ser os resultados profundos de conexões com o inconsciente e a expressão de respostas dadas às vivências geradoras de possibilidades e ações estéticas expressivas, e principalmente, de autoconhecimento, pude refletir a arte a partir dessa possibilidade, de canal intuitivo dos elementos inconscientes para expressão e comunicação conosco e com o mundo.

Esta percepção foi atravessando, pouco a pouco, a minha vida e transformando conceitos e práticas, até então, vivenciadas e internalizadas de maneira intensa, ocasionando a oportunidade de se fazer presente através de um estudo mais sistematizado.

Desta forma, ao estudar os sonhos, iniciei questionamentos, reflexões e avaliações acerca do valor dos seus sentidos e, ao me direcionar ao passado, lembrei dos processos oníricos e percebi as inúmeras possibilidades criativas e criadoras que o trabalho e o desenvolvimento destes como a arte estavam imbricados diretamente e presentes em vários e importantes momentos nos quais precisei tomar decisões, assumir riscos e mudar trajetórias, tanto no campo pessoal quanto no profissional.

A proposta, aqui, não é relatar estes sonhos e seu impulso decisório ao caminho desta pesquisa, pois haveria de me aventurar por um espaço e tempo de memórias perdidos, pelos quais a preocupação limitava-se à uma prática puramente intuitiva e sem a sistematização adequada à reflexão deste processo que nem existia, até então. Desse modo, é salutar que se faça presente um sonho decisivo que transitou por esta experiência particular, pois o foi compreendendo, dando forma, imaginado a simplicidade das possibilidades simbólicas de suas imagens, que

adentrei a este fabuloso caminho rumo à uma possível compreensão das diversas formas expressivas e comunicativas sugeridas pelo inconsciente.

Este momento importante se deu em 2019, quando ingressei no Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado Interinstitucional realizado entre a UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul (Rio Grande do Sul) e FAP – Faculdade do Baixo Parnaíba, (Maranhão), onde vivenciei um conjunto de disciplinas que ampliaram minha percepção e perspectivas sobre a educação e humanidade e os diferentes sentidos relacionais existentes entre a ação de educar e de se humanizar.

Todas as disciplinas do Programa me tocaram de maneira singular, mas as ministradas por algumas professoras[1], em especial, suscitaram a necessidade de ampliar o olhar sobre mim, sobre o outro e como este olhar-ação pode transformar paradigmas e favorecer a construção de pontes a diferentes maneiras de pensar e viver a educação, nas suas singularidades e objetividades presentes dentro e fora da escola.

Esse processo de pensar o ato educativo, através da singularidade existente entre vida e educação e sua indissociabilidade, me afetou sobremaneira e me lançou às novas e complexas perspectivas de pensar-refletir-agir um conhecimento que não pode ser produzido, apenas, sob a égide da análise racional dos fenômenos, mas também do afetivo, do emocional, do transcendente e do irascível.

Desta forma, encontrei-me em uma encruzilhada: o quê pesquisar, por que pesquisar e, principalmente, pra quê pesquisar, além de questionamentos relevantes e necessários, envoltos em brumas latentes e resistentes ao início desta caminhada.

Era urgente seguir, porém, estava estático como refém de algo que ainda não compreendia e sendo manipulado por pensamentos lamuriantes, anulando, o que no fundo, inconscientemente, já pulsava dentro da minha alma: o encontro e o diálogo comigo mesmo.

Eu precisava me encontrar e para isto, estudar, mobilizar, pensar e escrever sobre a educação, “não a educação para o outro”, mas uma educação de possibilidades de inícios de processos de autoconhecimento, era a essência que faltava à pesquisa.

[1] Educação e Filosofia (Drª Sandra Regina Simonis Rictcher); Educação e Autopoiesis (Drª Nize Maria Campos Pellanda) e Educação: Corpo, Vivência e Espiritualidade (Drª Ana Luisa Teixeira de Menezes).

Neste contexto, é útil lembrar Gadamer (2000), que afirma que a educação é educar-se e a formação é formar-se. Desta forma, fui sendo conduzido e me permiti à esta condução, uma produção de si próprio que brota pela vivência de conversações, autodescobertas, silêncios e escutas sobre uma educação que está além dos muros da escola, não encerrada a espaços oficializados, uma educação que gere pensamentos e ações não guiados por preceitos e *scripts* pré-estabelecidos, mas capaz de compartilhar novas sensações e sentidos para a experiência humana em sua totalidade.

Nesta condição, fui tecendo fios e dando formas ao meu desenvolvimento pessoal e consequentemente à iniciação da trajetória desta pesquisa, pois a pesquisa é um processo de fazer escolhas de leituras, investigações e escritas que fazem sentido para si, nos atormentando ou nos motivando a seguir.

Ressalto que escolher não é fácil, requer a responsabilidade de se responder por ela e, na maioria das vezes, o medo a acompanha, como um parceiro imaginário, que pode estar a nossa frente nos estagnando, nos empurrando para trás ou atrás de nós, impulsionando-nos à frente. É uma escolha de como caminhar com esse companheiro ilustre – o medo, que invariavelmente se fará presente quase sempre.

> Quero lembrar que o medo é uma das fontes da fantasia e da invenção, e que grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado. O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância diante do universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido. É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Mas em razão dele desenvolvemos o sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida (KEHL, 2007, p. 89).

Não havia um preparo especial e a única armadura a ser conquistada era o desejo da potência latente de encontrar-se depois de ter-se perdido inúmeras vezes, pois é preciso estar disposto a se perder, temporariamente, a nada entender e aceitar. A única saída era caminhar e tentar não ser devorado pela inércia de não cruzar a encruzilhada rumo ao desconhecido, único caminho. E foi sobre os auspícios do medo

e da necessidade de me encontrar que me deparei entre a encruzilhada e o desafio, entre a Hécate[2] e a esfinge[3].

> O medo, porém, é uma reação saudável de que precisamos para a segurança da vida. Por isso, o primeiro passo para a superação do medo não é reprimi-lo e eliminá-lo, mas sim admiti-lo. No entanto, para isso precisamos de algo como o escudo protetor de Perseu. Com a sua ajuda, o medo pode tornar-se tão suportável a ponto de não nos destruir. [...] Através do escudo refletor de Perseu que nos proporciona distância e objetividade, o medo vai diminuindo aos poucos, de modo que nos arriscamos a experimentar e a imaginar outros comportamentos enquanto fuga ou entorpecimento (MULLER, 2017, p. 106,107).

O desafio proposto na disciplina *Educação e Filosofia,* do Programa de Pós-graduação, permitiu me embrenhar nesta encruzilhada: um convite à caminhada e à extinção das luzes racionais que mais apagavam do que clareavam os pensamentos.

---

[2] Hécate, em grego, significa “a distante” [...], é deusa dos caminhos e seu poder de olhar para três direções ao mesmo tempo sugere que algo no passado pode interferir no presente e prejudicar planos futuros. [...]Tendo o poder de olhar para três direções ao mesmo tempo, ela podia ver o destino, o passado que interferia no presente e que poderia prejudicar o futuro. [...] Para os romanos, era considerada Trívia — a deusa das encruzilhadas. [...] nos lembra da importância da mudança, ajudando-nos a libertar do passado, especialmente do que atrapalha nosso crescimento e evolução, para aceitar as mudanças e transições. [...] Para resgatar as qualidades regeneradoras, fortalecedoras e curadoras de Hécate, precisamos reconhecer que as imagens distorcidas não são reais nem verdadeiras. Elas foram incutidas pela proibição de mergulhar no nosso inconsciente, descobrir e usar nosso verdadeiro poder. Para receber seus dons visionários, criativos ou proféticos, precisamos mergulhar nas profundezas do nosso mundo interior, encarar o reflexo da deusa escura dentro de nós, honrando seu poder e lhe entregando a guarda do nosso inconsciente. A conexão com Hécate representa um valioso meio para acessar a intuição e o conhecimento, aceitar a passagem inexorável do tempo e transmutar nossos medos perante o envelhecimento e a morte. Hécate nos ensina que o caminho que leva à visão sagrada e que inspira a renovação passa pela escuridão, o desapego e transmutação. Ela detém a chave que abre a porta dos mistérios e do lado oculto da psique. Sua tocha ilumina tanto as riquezas, quanto os terrores do inconsciente, que precisam ser reconhecidos e transmutados. Ela nos conduz pela escuridão e nos revela o caminho da renovação (DE BELO HORIZONTE, 2011).

[3] A Esfinge era um monstro fêmea que era descrito de diversas formas diferentes, mas foi popularmente conhecida com corpo de leão, peito e cabeça de mulher, asas de águia e segundo alguns, uma cauda de serpente. Havia apenas uma esfinge na mitologia grega, considerada um demônio de mau agouro, azar e destruição. Essas criaturas eram tidas como traiçoeiras e impiedosas, as pessoas que não conseguiam responder seu enigma sofriam um destino bem comum nos contos e histórias mitológicas, eram mortos e totalmente devorados por esses monstros. Sua lenda conta que foi enviada pelos deuses Hera e Ares para punir um crime antigo na cidade de Tebas. Lá, ela caçava os jovens da terra, devorando todos aqueles que não conseguiram responder o seu enigma, conhecido como O Enigma da Esfinge. [...] é um dos mais famosos quebra-cabeças de todos os tempos. Ela dizia: “decifra-me, ou devoro-te’’. – Qual o ser que pela manhã tem quatro pés, ao meio dia tem dois, e a noite tem três? A esfinge ficava na porta da cidade de Tebas, perguntando seu enigma para todos os viajantes que ali passavam, quem não conseguia responder, ou errava a resposta, ela espremia-o, estrangulava-o e o devorava. Até que um dia, o rei de Tebas ofereceu a realeza para quem conseguisse destruir o monstro, e um jovem chamado Édipo respondeu o enigma. A resposta era: o ‘Homem’, que, quando novo, engatinhava, quando cresce, anda com dois pés, e, por fim, se apoia a uma bengala na velhice que seria representado pela noite. A Esfinge ficou furiosa, e se matou, dizem que ela se jogou de um precipício, e outra lenda diz que ela devorou a si própria. Esfinges eram populares na arte antiga, especialmente para estrelar jarros e tumbas esculturais sobre os túmulos de homens que morreram na juventude. Esfinges decorativas também aparecem nas procissões de animais em vasos gregos arcaicos, muitas vezes ao lado de leões, e aves (MUNIZ, 2020).

Para tanto, produzi breves ensaios, individuais ou coletivos, sobre a concepção de educação a qual desejávamos constituir na vida, na prática da pesquisa e no exercício de um pensamento e uma escrita criativa e produtora de significados reais, era necessário ao exercício da escolha entre os inúmeros caminhos pessoais desejados à revisão de trajetórias, posições, teorias e “certezas”.

O convite à reflexão, à pesquisa e à uma escrita mais criativa, tinha sido feito e aceito, mas o que escrever e o que pesquisar?

O rumo da minha pesquisa precisava se delinear e avançar. Neste contexto, a partir do estudo das disciplinas das professoras supracitadas, tomei uma decisão que enunciaria por qual caminho seguir e transformaria todo o processo de pesquisa, pensamento e escrita.

Parafraseando Raul Seixas, através da música *Guitá*[4], “eu que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando, foi justamente num sonho que Ele me falou”(...). E foi através de um sonho que pude desvendar o enigma da esfinge.

Esse sonho inspirador ocorreu antes da última disciplina do Programa de Pós-graduação, aplicada pela professora Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes, atualmente minha orientadora, *Educação: corpo, vivência e espiritualidade*, e me deixou bastante intrigado:

> Em um espaço, aparentemente, ritualístico fui apresentado a três mulheres personificando a antiga Deusa tríplice[5], da mitologia pagã. Eu estava dormindo dentro de um círculo. Sons e ruídos de uma estranha música que não consegui identificar me acordaram. Levantei-me, a princípio atordoado, pois o lugar, aparentava ser um campo, porém não haviam plantas. A música

[4] "Gîtâ" é uma canção composta pelo cantor e compositor Raul Seixas e pelo escritor Paulo Coelho e lançada originalmente em um compacto simples, em julho de 1974. Eu, que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando. Foi justamente num sonho que Ele me falou. Às vezes você me pergunta por que é que eu sou tão calado, não falo de amor quase nada, nem fico sorrindo ao seu lado. Você pensa em mim toda hora, me come, me cospe, me deixa. Talvez você não entenda, mas hoje eu vou lhe mostrar. Eu sou a luz das estrelas. Eu sou a cor do luar. Eu sou as coisas da vida. Eu sou o medo de amar. Eu sou o medo do fraco. A força da imaginação. O blefe do jogador. Eu sou, eu fui, eu vou. Eu sou o seu sacrifício. A placa de contramão. O sangue no olhar do vampiro e as juras de maldição. Eu sou a vela que acende. Eu sou a luz que se apaga. Eu sou a beira do abismo. Eu sou o tudo e o nada. Por que você me pergunta? Perguntas não vão lhe mostrar, que eu sou feito da terra, do fogo, da água e do ar. Você me tem todo o dia, mas não sabe se é bom ou ruim, mas saiba que eu estou em você, mas você não está em mim. Das telhas eu sou o telhado, a pesca do pescador. A letra "A" tem meu nome. Dos sonhos eu sou o amor. Eu sou a dona de casa nos "peg-pagues" do mundo. Eu sou a mão do carrasco, sou raso, largo, profundo. Eu sou a mosca da sopa e o dente do tubarão. Eu sou os olhos do cego e a cegueira da visão. É, mas eu sou o amargo da língua, a mãe, o pai e o avô. O filho que ainda não veio. O início, o fim e o meio. O início, o fim e o meio. Eu sou o início, o fim e o meio. Eu sou o início, o fim e o meio.

[5] Adam Mclean (1998) no livro intitulado A deusa tríplice – em busca do feminino arquetípico discorre acerca do arquétipo da Deusa Tríplice (deusa cujo símbolo cósmico é a lua e que integra as polaridades sombrias e luminosas da psique feminina), focalizando a mitologia grega. Segundo o autor o arquétipo da deusa tríplice percorre as mais variadas culturas, etnias e nações, encontraremos seu aspecto tríplice de virgem, mãe, anciã, diluído em diversos mitos.

> se intensificou, tornando-se frenética e a sensação de medo inicial deu lugar ao deslumbramento. Foi então que surgiram sombras de três mulheres, sem face, dançando ao meu redor. Elas iniciaram uma espécie de rito e adentraram o círculo me ofertando, cada uma, algo que foi depositado próximo a mim. A primeira tinha uma aparência adulta, estava grávida e me presenteou com rosas vermelhas desabrochando. A segunda, apresentava-se bem idosa, com toda a aparência de quem está partindo para a morte. Ela realizava movimentos leves como se levada por uma suave brisa. Esta me presenteou com uma caixa velha, e dentro dela, algo semelhante a joias, pois brilhavam como esmeraldas; a terceira e última, tinha uma aparência bem jovial. A mais frenética de todas pulava com a alegria, o que possivelmente, somente a juventude, aparentemente, consegue realizar sem as preocupações, dúvidas e medos que, certamente ainda não tinham sido vivenciados. A jovem não me presenteara com nada, apenas sorriu e me convidou a sair do círculo. Não me recordo de sair, pois acordei com um conjunto de sentimentos contraditórios: susto, medo, ansiedade e felicidade. (PENHA, 2019).

Este sonho me inquietou, pois os arquétipos tidos como feminino sempre estiveram presentes, quer sejam nas minhas relações afetivas, na presença de mães, amigas e professoras, protetoras e influenciadoras dos caminhos já percorridos; quer sejam nos poucos estudos religiosos, que iniciei na adolescência acerca da presença sagrada do feminino na história da humanidade.

Acreditei se tratar de um chamamento ao devir. Apesar da ausência de estudos aprofundados sobre sonhos, sempre os tive e, de alguma forma, os interpretava como proféticos ou anunciantes de algo na minha vida. Desta vez, não poderia me esquivar de tentar elaborar uma conexão como o que estava vivenciando. Este sonho foi fator decisivo e catalisador às tomadas de decisões importantes a esta pesquisa, e me permitiu iniciar um processo de autoconhecimento necessário, possivelmente, a todo pesquisador. Além disso e, consequentemente, contribuiu mais significativamente aos meus anseios: ampliar questionamentos sobre quem eu sou e quem desejo ser e quais contribuições ainda posso realizar ao espaço educativo no âmbito pessoal e coletivo, dentro e fora da escola.

A princípio, a proposta de tema de pesquisa era *gênero, sexualidade e diversidade: limites e possibilidades da educação em direitos humanos para a construção da identidade cidadã no espaço escolar.* No entanto, instalava-se um incômodo inconscientemente: a necessidade de pesquisar fenômenos que me afetassem de forma mais ampla e pessoal, trazendo, quem sabe os sentidos e significados à minha trajetória e refletir como poderiam se relacionar ao coletivo.

Neste período, o grande entrave estava na definição da pesquisa que não atava e nem desatava[6], e como era necessária uma tomada de decisão, de apagar as luzes que me encerravam, solicitei à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Mestrado da UNISC, mudança de orientação, linha de pesquisa e tema, sendo prontamente atendido, adentrando, assim, ao desconhecido, porém, inusitado caminho dos sonhos.

Posteriormente, na disciplina *Educação: corpo, vivência e espiritualidade,* compreendi as variantes de possibilidades do significado simbólico que os sonhos poderiam ter, principalmente após ser apresentado ao texto *Sonhos na escola*, de Roberto Gambini (2001).

Somos estimulados de diversas formas: uma música, um quadro, um gesto, um texto...são imagens que produzem sentidos e nos convidam a encontrar outros tantos. A leitura do texto “Sonhos na Escola”, de Gambini (2001), me causou um profundo impacto e interesse em compreender as possiblidades de como os sonhos podem ser trabalhados na escola e como estes sugerem ser canais sutis de compreensão de si, do outro e da própria vida. Com uma escrita simples, mas nunca simplória, o autor nos convida à uma imersão, que, facilmente, nos deixa, nós leitores, ávidos a descobrir mais, e foi assim, que no período da quarentena, imposta durante a pesquisa pelo COVID-19, me debrucei por alguns dos seus textos, principalmente por vídeos de palestras e entrevistas, encontrados na plataforma do Youtube. Neste momento, a ideia não era apenas aprender sobre ele, mas com ele. Para tanto, senti a necessidade de estar próximo das suas falas, gestos, da sua comunicação e do seu poder de envolver e de nos aproximar de conteúdos, que, nesta época, ainda estavam distantes de mim, sonhos, arquétipos, inconsciente e mais que isso, da sua aplicação na sala de aula.

Roberto Gambini é terapeuta junguiano há trinta anos, conferencista e ensaísta, formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP, na década de 1960, fez Mestrado em Ciências Sociais na Universidade de Chicago, lecionou Ciência Política na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, nos anos 70. Tem, ainda, formação em Psicologia Analítica no Instituto Carl Gustav Jung de Zurique. É membro da Sociedade Suíça e da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica.

[6] Expressão popular que significa que não há continuidade para um determinado processo iniciado.

O autor, ao receber, em 1997, um convite da Escola Nova Lourenço Castanho, em São Paulo, para ministrar uma conferência sobre educação e inconsciente, propôs uma experiência onde os alunos relatassem seus sonhos, uma vez por semana às suas professoras. A partir de então, vem acumulando não apenas o registro de milhares de sonhos, mas como estes podem vir a ser eficazes na compreensão das almas, do coração e do cotidiano dessas crianças. Esta mesma experiência já foi desenvolvida com outras crianças, inclusive indígenas e em outros espaços, estando, desta forma, ainda em fase contínua de reflexão, análise e compreensão deste processo.

Este processo, portanto, foi crucial para a elaboração da minha proposta de pesquisa. Assim, pude, inicialmente, refletir a importância dos sonhos e analisei, por conta própria, que a deusa tríplice sonhada anteriormente nos momentos do conflito pessoal com a minha pesquisa, possivelmente, eram as imagens projetadas das professoras já mencionadas[7] na personificação dos meus desejos inconscientes de mudança e do devir da tomada de decisão ou a *anima*, realizando seu papel de mensageira entre o inconsciente e consciente.

No sonho, havia a representação de imagens potentes: a das deusas (as três professoras), seus presentes (as disciplinas), o círculo (talvez uma prisão pessoal) e o devir (ação de saída do círculo, um convite à uma nova jornada, a liberdade do encontrar-se). No sonho, não ficou aparente a minha saída do círculo-prisão, pois, como uma decisão pessoal, afetaria, sobremaneira, os rumos e trajetórias, como, de fato, ocorreu.

Esta foi uma análise poética e simbólica do sonho, talvez fruto da minha imaginação, mas transformou-se na força para escolher e decidir por quais rumos seguir. O inconsciente, através do sonho, provavelmente, estava se comunicando comigo através de imagens simbólicas? Não havia como afirmar, mas essa possibilidade da representação dos meus afetos, pensamentos, angústias em meio ao atual momento decisório foram acompanhados por tantos outros sonhos seguintes que se renovaram a cada passo dado nesta pesquisa.

Através das leituras dos diversos textos da referida disciplina, fui intensificando e me aproximando da temática dos sonhos como produto do inconsciente, e percebi

[7] Tornou-se clara a minha compreensão que a primeira deusa era a representação da professora Sandra Regina Simonis Rictcher); a segunda, professora Nize Maria Campos Pellanda e; a terceira, a professora Ana Luisa Teixeira de Menezes, minha atual orientadora.

que eles, os sonhos, estiveram presentes em diversos e constantes momentos em que precisei tomar decisões, principalmente quando ligados à Arte[8], área de conhecimento que trabalhei durante muitos anos, em especial a linguagem teatral.

Se este sonho, assim como os outros que não há a necessidade de descrever e socializar, transformaram minhas perspectivas e projetos de vida, isso poderia, de alguma forma, significar que o mesmo ocorreria com outras pessoas? E de quais formas isto poderia acontecer, não partindo de uma perspectiva psicanalista ou da arteterapia?

Desse modo, este trabalho parte do princípio da reflexão das práticas pessoais e profissionais desenvolvidas ao longo da minha vida e, que agora, latente, me disponho a aprofundar, pesquisar e sistematizar a sua teoria, ao sabor dos sonhos, pois, ao perceber a força que brota do fazer arte, deflagrado pelo inconsciente, senti-me afetado a realizar um estudo dialógico entre o teatro e os sonhos, e como sua relação e entrecruzamento, a partir de vivências capacitadoras de ativar e gerar potências criativas e criadoras com imagens, são necessárias à aprendizagem na escola.

Evidenciei a necessidade de fazer um percurso de memória como constituinte inicial da minha intenção de pesquisa, pois é a conversação entre as marcas construídas ao longo do tempo e as que, ainda, serão produzidas no devir que refletem experiências de atravessamento e afeto ao meu caminho, ou seja, o processo de vida pessoal e profissional.

Assim, os convido a caminhar por entre escritas recheadas de idas e vindas nas folhas de memórias que se fazem adequadas à compreensão de um percurso que foi se constituindo antes mesmo de ser pensado e neste caminho indago: Como o teatro e os sonhos possibilitam aprendizagens do sensível para deflagrar a imaginação e a função transcendente nos educadores da Unidade Escolar Duque de Caxias?

Busco, numa dimensão geral, compreender como o diálogo entre a linguagem do inconsciente, a partir dos sonhos, da ação teatral e as relações com as imagens produzidas pode favorecer a aprendizagem e a educação do sensível dos educadores da referida escola.

---

[8] Sou professor de Arte, habilitado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Maranhão e professor da Rede pública Estadual de Ensino do Maranhão e da Rede pública Municipal de Ensino de Vargem Grande, Maranhão, além de ter experiências em organizações não-governamentais.

E é por este mesmo caminho interrogativo que me realizo nesta pesquisa em uma pretensão de sair das obviedades, trilhar rumos desconhecidos, para talvez, conseguir o que o herói deseja, perder-se para se encontrar e, nesta caminhada, convido-os a também a se perderem comigo por um longo, desconhecido, mas prazeroso sonho, que possivelmente só será compreendido quando todos nós, chegarmos à sua etapa decisiva, e finalmente estivermos acordados – ou sonhando – nesta vivência.

2 FIOS E FORMAS: DOS SONHOS AO PERCURSO INICIAL DA PESQUISA

> *A pesquisa é intensão múltipla de sujeitos: pesquisar é um ato de conhecer o que acontece entre os sujeitos, um movimento que reflete e gera vida* (STRECK, 2006).

Neste capítulo, será feita uma breve apresentação dos percursos que eu tive que percorrer na esfera do *Teatro dos Sonhos na aprendizagem escolar: a vivência na educação do sensível,* para demonstrar, através da pesquisa participante, vivências capazes de adentrar no debate sobre a produção do conhecimento acadêmico em torno da educação do sensível.

2.1 Os caminhos de uma pesquisa participante

Pensar é diferente de conhecer. Portanto, praticar o pensamento é identificar a essência das palavras, relacionando-as e ampliando seus sentidos e significados rumo ao desconhecido e ao conhecimento.

> E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (LARROSA, 2002, p. 20, 21).

Conforme preconiza Calvino (1990), a palavra é mais que a representação do mundo, é o identificador dele e da sua essência. Para o autor, a palavra não é um meio, pois há palavra que só conhece a si mesma, e nenhum outro conhecimento do mundo é possível, onde o uso da palavra é uma incessante perseguição das coisas, uma aproximação, não de sua substância, mas de sua infinita variedade, um roçar de sua superfície multiforme e inexaurível.

À luz de palavras que podem ficar emolduradas e apenas apreciadas em livros esquecidos e vestidos por poeiras em estantes frias e enfileiradas, me obrigo a tecer e encontrar, na leveza das descobertas, sínteses, que sirvam não apenas ao espaço formal acadêmico, mas para quaisquer pessoas que desejem se embrenhar por um pensamento repleto de palavras simples, mas que se formaram através da ação,

reflexão, do sonho, de decisões, da teoria praticada, da arte, do simbólico e do inconsciente.

Silva e Silva, *apud* Streck (2006) salienta ainda que o conhecimento da realidade nunca é capaz de reproduzir a realidade em todas as suas dimensões e, tal como Calvino (1990), me interrogo se devo ou posso adentrar por um caminho óbvio demais ou por uma escrita como modelo de todo o processo do real e mesmo como única realidade cognoscível, ou ainda a única realidade.

> O óbvio nos encontra nas ruas, nas salas de aula, nas rodas de conversa, sempre que estejamos dispostos a um tipo de escuta em que deixamos cair nossas defesas e barreiras, quando abandonamos a posição daqueles que já sabem e imaginam ter de enfiar cada pedaço do mundo e da experiência em determinado lugar ou lhe colocar uma etiqueta. Possivelmente nos surpreendêssemos então com a constatação de que vivemos num mundo mágico, sobre o quão pouco ou nada sabemos das coisas que nos cercam, desde a variedade dos pássaros que cantam e brincam no jardim, o computador que faz parte de nossa rotina diária, ou o que acontece quando aprendemos ou não aprendemos (BRANDÃO, STRIKES, 2006, p.265, *apud* MERLEAU-PONTY, 2014).

Como bem observou Merleau-Ponty (2014), a comunicação transforma-nos em testemunhas de um mundo único, mas a certeza, embora inelutável, permanece inteiramente obscura; podemos vivê-la, mas não podemos pensá-la, nem formulá-la, nem erigi-la em tese. Toda a tentativa de elucidação traz-nos de volta aos dilemas.

Morin (2015) contribui a essa questão quando diz que estamos condenados ao pensamento incerto, a um pensamento trespassado de furos e sem nenhum fundamento de certeza. Desta forma, temos que compreender, segundo o autor, que jamais poderemos ter um saber total, pois a totalidade não é verdade.

Esta pesquisa tem como norte a compreensão que o processo é completamente simbólico, baseada nas perspectivas do pensamento Junguiano, que me permitiu aproximar imagens, teatro, sonhos e escola, estabelecer conexões com o sensível através de espaços vivenciais, avaliar as possibilidades da ampliação das aprendizagens no espaço escolar e nas relações entre o *Eu e o Outro.*

A pesquisa está intimamente ligada ao sujeito e a sua possiblidade de auto-organização ou individuação. Para Hall (2007, p.25), individuação, na perspectiva junguiana, é um processo em que a pessoa, na vida real, tenta, consciente e deliberadamente, compreender e desenvolver suas potencialidades inatas. Morin (2015, p.65), quando se refere ao sujeito, nos diz que é alguém que se coloca no centro de seu próprio mundo, pois é um ser autônomo, mas, ao mesmo tempo, dependente, é ser alguém provisório, vacilante, incerto, é ser quase tudo para si e

quase nada para o universo. Porém, para o autor, essa concepção é, ao mesmo tempo, complexa, pois, mesmo quando nos colocamos no centro do nosso mundo, também colocamos os outros.

Neste diálogo, sempre inacabado, de construções individuais, a estética, que abre espaços de sensibilização e criação e que tem a arte como canal transcendente para a renovação de novos fazeres e saberes, busca uma perspectiva renovadora de si, mas também do outro e do seu meio. Brandão e Streck (2006, p.274) nos apontam que a metodologia é aqui entendida como conjunto de procedimentos e instrumentos que permitem a aproximação a uma realidade, pois estamos nos dando conta, cada vez mais, de que os fenômenos exigem uma aproximação estética e a pesquisa que não incorpora a poética pode asfixiar-se na superficialidade.

Dessa forma, o foco é o universo sensível dos educadores da Unidade Escolar Duque de Caxias e, através dos espaços vivenciais, refletir como despertar emoções, sentimentos, autoconhecimento e individuação para o favorecimento das aprendizagens. Neste ínterim, a investigação dos sonhos, numa abordagem pedagógica, pode colaborar para sedimentar as ideias e práticas já desenvolvidas anteriormente em sala de aula, confirmando a percepção de que há, sempre, a necessidade de ampliar caminhos e estes podem se dar através dos sonhos, das imagens e da arte.

Sobremaneira, a pesquisa em educação parte de experiências vivenciadas onde é preciso estar consigo e com o outro, visando à construção do conhecimento baseado nas relações compartilhadas de saberes, de sentidos, de emoções, de sensibilidades e de criações que rompam com as fronteiras da razão instrumentalizada pela educação moderna e da razão, alcançando, assim, espaços possíveis de ações poéticas, criativas, criadoras, mas essencialmente humanas.

A pesquisa participante tem essa proposta:

> [...] pode criar nas pessoas uma consciência maior de seus recursos e incitá-las a desenvolver uma confiança maior em si mesmas. Trata-se de um método de pesquisa científica, no qual a participação da coletividade organizada – no processo de pesquisa – e permite uma análise da realidade local em que o pesquisador é partícipe e aprendiz comprometido no processo. (BRANDÃO, STRECK, 2006, p.113).

Brandão (1981) reflete a ideia de pesquisa participante não como um mero instrumento de pesquisa, mas como uma atitude objetiva de uma nova forma de concepção do fazer científico. Para tanto, a construção dialógica entre pesquisado e pesquisador é essência maior, pois ambos sofrem influência um do outro.

Schmidt (2006) ressalta que o termo participante sugere a inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, que é convocado a participar da investigação na qualidade de informante, colaborador ou interlocutor e, que desde as primeiras experiências etnográficas, pesquisador e pesquisado foram sujeitos e objetos do conhecimento e a natureza destas complexas relações estiveram, e estão, no centro das reflexões que modelam e matizam as diferenças teórico-metodológicas.

> As ideias de ação ou intervenção não são equivalentes, mas sugerem, além da presença do pesquisador como parte do campo investigado, a presença de um outro que, na medida em que participa da pesquisa como sujeito ativo, se educa e se organiza, apropriando-se, para a ação, de um saber construído coletivamente. A alteridade é visada como co-produtora da mudança social e convocada à participação e o pesquisador é obrigado a questionar sua pesquisa e sua pessoa (SCHMIDT, 2006, p. 15).

Ampliando o exposto, creio que estas relações só terão sentido junto às emoções e sentimentos em um diálogo sensorial com as respostas que os corpos nos dão: cores, cheiros, movimentos, sabores, olhares, falas, silêncios e etc., que são aportes para nos conhecermos e conhecermos o outro e assim, vivenciar as conexões com o mundo sensível. Portanto, é preciso compartilhar, é preciso ouvir, é preciso sentir, porque palavras não são apenas expressões do pensamento, são a concretude dos nossos sentimentos.

A educação responsável por nossos mais diversos modos de ver e sentir a realidade precisa de instrumentais que nos transformem, simbolicamente, cada vez mais em *borboletas* que não fazem seus caminhos apenas caminhando como lagartas, mas saem dos seus casulos voando e sobrevoando os mais diversos espaços em busca da verdadeira liberdade. Morin (2015, p.67) ressalta que precisamos refletir com que frequência temos a impressão de sermos livres sem o sermos, de fato. Porém, somos capazes de liberdade, como somos capazes de examinar hipóteses de conduta, de fazer escolhas, de tomar decisões. Somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronomia, de acordo com o autor.

Acredito, quando Streck (2006, p.264) se pergunta onde estaria o simples na pesquisa, que ele ressalta que suas intenções básicas é ler e pronunciar o mundo, pois o segredo da pesquisa talvez esteja em penetrar esse simples movimentar-se dentro dele, entre suas fissuras e saliências, uma simplicidade e um óbvio que não se encontram na escrivaninha, protegida entre os livros, atrás da tela de computador.

E é por este caminho de voos, mas também de troca de saberes e interações, que alçamos, professoras e eu, sobrevoos por saberes ilógicos e distantes da lógica da educação formal, buscando os espaços que não se firmam em calabouços criadores de humanidades, mas espaços dialógicos de complexidade e simplicidades de existências do devir.

Inicialmente, vários questionamentos foram se delineando, tais como: o que é a consciência? Que consciência é esta? Como ela pode ser descoberta e ampliada na escola? A escola consegue desenvolvê-la? Quais canais sutis a escola pode despertar tendo a ideia e o sentimento como aportes para o processo de individuação?

E na perspectiva de um trabalho, partindo da educação do sensível como possibilidade de ampliação de aprendizagens, outras perguntas surgiram: o que priorizar? Inteligência ou sentimento? Consciência ou o inconsciente? O educador precisa entender o mundo subjetivo dos sonhos e da imaginação da criança, mas como fazê-lo? Quem responde essas perguntas? A nossa mente? A nossa alma? O que é alma? Ela ainda pode estar ao nosso serviço, ao serviço de uma além-formação? Para que serve a imaginação? Como ela nos organiza? O humano pode existir sem imaginar? Qual a separação e distância entre imaginação e ciência?

A amplitude desses questionamentos possivelmente me fez ponderar que esta pesquisa não dará conta de respondê-los. Os questionamentos serviram mais como caminho de estímulo, ao direcionar mais às incertezas do que às certezas, às dúvidas que às soluções específicas. Este caminho é simbólico e, como tal, inexiste parâmetros concretos e, sim, brumas que ainda, um dia, poderão ser descobertas.

A vida não diz respeito a uma questão a ser resolvida, mas às questões em movimento contínuo. Uma interlocução sem fim. Um diálogo através do tempo. Temos que aprender a pensar e a nos transformar através da experiência que obtemos conosco, consigo e com o outro. Este é o movimento de mudança: explorar possibilidades de pensamento, vivência entre conversações e conexões.

As intenções desta pesquisa: contribuir para a compreensão de como a linguagem do inconsciente, em um diálogo com o consciente, pode favorecer as aprendizagens de educadores; ampliar a relação dialógica e intuitiva entre a narrativa do sonho e sua corporificação através das suas imagens a partir da ação teatral e empreender processos de autoconhecimento em prol de uma educação mais humana.

Aqui, encontro a relevância da pesquisa *Teatro dos Sonhos na aprendizagem escolar: a vivência na educação do sensível,* pois, com esta proposta, existe a

expectativa de realizar, através da pesquisa participante, vivências capazes de adentrar no debate sobre a produção do conhecimento acadêmico em torno da educação do sensível. Proponho-me a pesquisar os sonhos e o sensível no espaço escolar com a participação de sete professoras da Unidade Escolar Duque de Caxias, escola situada na zona periférica da cidade de Vargem Grande, Maranhão.

Deste modo, através de espaços vivenciais, desenvolver diálogos de aprendizagens, necessários à ampliação de saberes e conhecimentos através das relações simbólicas despertadas pelo inconsciente, dos sonhos, das imagens produzidas e corporificadas pela linguagem teatral, enquanto elemento de potência energética de produção criativa e criadora do processo.

A intenção de trabalhar o *Teatro dos Sonhos na aprendizagem escolar: a vivência na educação do sensível* se fez oportuna e relevante no atual contexto sócio-histórico da educação brasileira, pois, a cada dia, apesar das contradições sociais, políticas e econômicas, existentes em nossas escolas, há uma preocupação, em muitas delas, de buscar, experienciar e implementar novas metodologias que contribuam para a ampliação e melhoria da aprendizagem dos alunos. Este paradigma surge em função da necessidade de construir novos valores capazes de transformar a educação e, possivelmente, *o humano*.

A pesquisa participante, como já refletida acima, enquanto ferramenta metodológica qualitativa das ciências humanas, se situa entre as diversas práticas investigativas que focam pela presença do sujeito-pesquisador nas problematizações construídas em sua pesquisa. Dessa forma, decidi atuar através das vivências e diálogos nos quais dei o nome de “vivências criativas”, que foi concebido por mim, como um espaço dialógico criativo e criador de vivências em arte.

Os objetivos das vivências criativas foram: favorecer as aprendizagens dos educadores e identificar a relação entre a narrativa dos sonhos e sua corporificação através da linguagem teatral. Assim sendo, optei desenvolver, com as professoras, os jogos de improvisação teatral, já estudados por mim anteriormente, organizados e sistematizados a partir de conceitos e procedimentos metodológicos desenvolvidos por Spolin (2001), que, através da experiência real, constrói a canalização orgânica de técnicas teatrais a partir do sistema de jogos.

Segundo a autora, “A técnica de jogos teatrais propõe uma aprendizagem não-verbal, onde o aluno reúne seus próprios dados, a partir de uma experiência direta” (SPOLIN, 2001, p. 64). Incialmente os jogos teatrais foram desenvolvidos para

crianças e posteriormente sua metodologia pôde ser expandida para todas as idades. Desta forma, os jogos são apresentados através de situações-problema que devem ser solucionadas pelas participantes. O objetivo do jogo é a solução destes problemas.

> Em palavras simples, isto significa dar problemas pra solucionar problemas (...) ela proporciona a ambos o contato direto com o natural, desse modo desenvolvendo o relacionamento ao invés da dependência entre os dois. Ela torna a experiência entre os dois possível e suaviza o caminho para que as pessoas de formação diferentes trabalhem juntas (SPOLIN, 2001, p. 19).

O foco é o ponto de concentração que permite a descoberta da linguagem teatral em ação, trabalhados não de maneira expositiva ou explicativa, mas orgânica em consonância com a experimentação criativa e improvisacional[9].

> (1) ele ajuda a isolar o segmento de técnicas teatrais complexas para que estas sejam completamente exploradas. (2) ele dá o controle, a disciplina artística em improvisação, onde a criatividade não canalizada poderia ser uma força mais destrutiva do que estabilizadora. (3) ele proporciona ao aluno o foco, num ponto único (olhe a bola) dentro do problema de atuação, e isto desenvolve sua capacidade e envolvimento com o problema e relacionamento com seus companheiros na solução do problema. Ambos são necessários para a improvisação de cena. O ponto de concentração atua como canalizador entre um jogador e outro, e entre o jogador e o problema [...] o ponto de concentração torna possível a percepção ao invés do pré-conceito e atua como um trampolim para o intuitivo (SPOLIN, 2001, p. 20-21).

A avaliação é sempre realizada após a finalização dos jogos e tem uma abordagem direta de contextualizar o alcance dos objetivos durante o processo, uma vez que o objetivo do sistema de Spolin (2001) não é a interpretação, mas a atuação que surge na execução do jogo. Por isso a atuação é centrada na percepção dos gestos espontâneos, do tornar real, da corporificação que, sendo a ação propulsora, dará vida à liberdade de ação e à experimentação com o ambiente.

Essa metodologia preconiza a improvisação, a interação e a espontaneidade em detrimento de uma técnica específica e possibilita o desenvolvimento orgânico da linguagem e expressão teatral onde as participantes desenvolvem um espaço dialógico e sabem, a partir de sua interação, que não serão avaliadas suas técnicas ou encenações e, sim, se conseguirão, através do ponto de concentração, do foco, resolver um dado problema, desmistificando, assim, toda a estrutura verticalizada de julgamento e medos prévios.

Um instrumento de avaliação do jogo é a contextualização. Para a verificação do alcance dos objetivos é necessária uma avaliação, não no sentido de dar nota ou julgar o “bom” ou o “ruim”, mas de registro. Neste caso, optamos pelo uso dos

[9] Termo específico e utilizado pela autora.

“protocolos”, correspondentes às avaliações pessoais das vivências anteriores. Esses registros são facilitadores e orientadores, servindo ainda para a compreensão da importância da reflexão do processo.

Protocolo é um registro da sessão de trabalho realizado pelo participante. Pode ser escrito e conter desenho, ilustrações, colagens, etc. (JAPIASSU, 2001, p. 57) e para as nossas vivências, este conceito se ampliou para trabalhá-lo de maneira artística e criativa, pois houve a possiblidade de construções corporais, cênicas e danças.

As vivências criativas foram em número de treze, sendo três virtuais[10] e dez presenciais, com uma carga horária de quarenta horas (40h), e se constituíram através de conversações e experimentações a partir do registro dos sonhos explicitados por cinco professoras da escola, da gestora e da coordenadora pedagógica, totalizando sete participantes, em horário acordado com todas e tendo como espaço físico a própria instituição.

Construí as vivências criativas a partir dos seguintes momentos:

a) Acolhida poética ou realização dos protocolos;
b) Jogos de alongamento, aquecimentos e teatrais;
c) Avaliação e contextualização;
d) Contação de sonhos e apresentação do registro onírico efetuado por cada uma a partir dos registros em seus cadernos de sonhos;
e) Produção criativa dos sonhos contados realizada através de desenhos, pinturas e colagens;
f) Corporificando o sonho. Os sonhos teatralizados através da dramatização de jogos teatrais;
g) Tarefas, conversação, indicação de protocolo e avaliação final.

Escolhi a abordagem qualitativa, em uma perspectiva participante, tendo como pressuposto básico a participação de pesquisador e pesquisados, de natureza básica. Em relação aos objetivos propostos, pode ser considerada descritiva e de cunho amplificador. Este último baseado na perspectiva analítica junguiana e no tratamento simbólico de analogias de Hillman (2018).

[10] Tendo em vista o atual contexto de isolamento necessário para conter a pandemia causada pelo COVID-19, vírus que causa doença respiratória aguda e grave, houve momentos virtuais. Destra forma, utilizamos dos recursos tecnológicos disponíveis até retornar ao cotidiano “normalizado” para os momentos presenciais.

Vale ressaltar que toda a metodologia se deu a partir dos pressupostos metodológicos dos autores supracitados, mas de forma intuitiva e não diretiva, ou seja, baseada e não orientada, pois a intuição permeou todo o processo e a teoria só se evidenciou, em estudo, ao seu final.

Trata-se de uma pesquisa de campo desenvolvida a partir de encontros virtuais e presenciais em formato de vivências, sendo realizada no espaço da Unidade Escolar Duque de Caxias, bairro Soldadinho, em Vargem Grande, Maranhão, com a participação de gestoras e professoras da referida escola.

Para o registro das vivências criativas utilizei técnicas de gravação de áudio, vídeo, descrição dos encontros no diário de campo pessoal e a análise do material se deu baseado nos pressupostos do pensamento simbólico de Jung (2019) e da analogia de Hillman (2018).

Jung (2019) denomina amplificação o alargamento de uma imagem onírica por meio de associações dirigidas e de paralelos tirados das ciências humanas e da história (mitológica, mística, artística etc.) mediante o que o sonho se torna acessível à reflexão. Desse modo, todas as conversas, atitudes, falas, imagens, foram, de certa forma, amplificadas a partir dessa prática e conceito, percorrendo um caminho não unilateral de registro de pesquisa, mas, sim, um possível aglutinador de saberes e conhecimentos.

Para Hillman (2018), uma boa análise de sonho é aquela que se leva mais e mais etapas, mais e mais analogias, o sonho expondo toda sua inconsciência, a matéria básica de sua vida psíquica e, por analogia, ele considera:

> Uma palavra usada na anatomia comparada para nos referirmos a uma relação na qual há semelhança na função, mas não na origem. [...] As analogias nos mantêm na operação funcional da imagem, nos padrões das semelhanças, sem postular uma origem comum para essas semelhanças. O termo operacional é como. Isto é como aquilo. (Hillman, 2018, p.54).

Portanto, para Hillman (2018), fazer analogias é um procedimento bem adequado, pois há uma diferença entre analogias e interpretações. O autor considera que as analogias são múltiplas e não se perdem umas às outras e não se distanciam e nem se perdem da imagem. Elas mantêm a imagem lá, viva, e podemos retornar a ela cada vez em busca de um sentido renovado, já a interpretação tende a transformá-la num único significado comum.

Adotei para estudo e análise a observação do meu diário de bordo pessoal, das falas e conversações formais e informais, os materiais registrados em áudio e vídeo,

os relatos nos cadernos de sonhos das professoras, além das imagens e posturas corporais, construídas ao logo do processo, como referência de avaliação do percurso.

As vivências ocorreram entre os meses de agosto e dezembro de 2020 e, para fins de compreensão geral da apresentação das professoras envolvidas, adotei para este estudo, a seguinte nomenclatura: Ana Maria da Costa Monteiro (Monteiro); Maria Ilma de Sousa Pereira (Pereira); Antonia Mary dos Santos Corrêa (Corrêa); Joselma Rosa Mendonça (Mendonça); Maria Cleomar Mendes da Costa (Costa); Cleiton Silva Araújo (Araújo); Joelice Silva Reis (Reis) e Bruna Trabulsi Araújo (Trabulsi). Ressalto que todas as participantes assinaram o termo de consentimento e autorização para uso de imagens e falas.

2.2 Caminhar com os sonhos: a emergência de uma nova educação

A escola como espaço de construção de significados de vida e de aprendizagem é consubstancialmente enraizada de complexidades que foram se constituindo desde a sua gênese, pois é o lugar de socializar a multiplicidade de saberes transformados em conhecimento que, ao longo da história, a humanidade se construiu, reconstruiu e vem constantemente se ressignificando.

Ressalto a escola enquanto a instituição formal, pois além dela, há vários outros espaços de aprendizagens que favorecem a criação, o reconhecimento e ampliação do ser, do sujeito e de suas relações consigo, com o outro e o seu meio.

A materialidade e fragmentação das diversas disciplinas que estão compartimentadas em caixas separadas de conhecimentos oficializados e inquestionáveis já não dão mais conta, e talvez nunca deram, da complexa tarefa que é formar a humanidade. A escola necessita se conectar e se integrar através de seus conteúdos, currículos, metodologias, didáticas e práticas avaliativas às novas e importantes possibilidades de formar o humano, pois sua configuração, através de códigos objetivados pela indústria de seres coletivos destinados a cumprir tarefas sem sentido e significado, trouxe a separação da contingência espiritual e material que até então o ligava e o identificava enquanto ser cuja função natural seria se auto-organizar (MORIN, 2015) e transcender (JUNG, 2016).

Jung (2016) ressalta que, à medida que aumenta o conhecimento científico, diminui o grau de humanização do nosso mundo e, desta forma, o sujeito cognoscente

pode vir a sentir-se isolado no cosmo, não estando integrado à natureza, pondo em risco a sua “identificação emocional inconsciente” com os fenômenos naturais, perdendo, assim, suas implicações simbólicas.

Gallo (2010, p. 43) revela que, para Kant, um homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação: *ele é aquilo que a educação faz dele.* Portanto, para a modernidade, a humanidade se daria pela formação de um sujeito, que através da aprendizagem, se apropriaria do conhecimento e validaria seu passaporte para o mundo civilizado. Neste processo mediado pela educação, o humano é o sujeito educado, culto e que segue um padrão determinado pela hegemonia do que vem sendo estabelecido como natural e normal do “homem civilizado”.

O autor destaca que o conceito moderno de sujeito não responde mais a nosso campo problemático e Harvey (1992) antecipou essa reflexão ao dizer que a modernidade prometia trazer o tipo de clareza e transparência ao ser humano onde a racionalidade prometia a libertação da escassez e das calamidades naturais por meio do domínio científico da natureza e também da libertação das irracionalidades da religião e dos mitos, pelo desenvolvimento de formas racionais de organização social.

O projeto da modernidade, provavelmente, trouxe um conceito de humanidade que já não nos cabe, pois, se a promessa do entendimento de evolução e superação das desigualdades não foi validada, cabe à reflexão: este projeto pode compactuar com as novas e possíveis formas de pensar o humano e sua humanidade?

O dificultador dessa resposta está na questão da identificação de humano e humanidade centralizados em apenas poucos corpos e em poucos territórios em uma visão de mundo, onde a diferença e a multiplicidade, ainda, desfavorecem espaços de conversação e transitoriedade pelos diversos saberes e pela aprendizagem dinâmica, processual que está em constante movimento.

Portanto, creio que pensar em processo de educação, que fuja do conceito de formação de sujeitos individuais, é pensar em processos de uma além-formação.

> Pretende-se pensar a além-formação como força subversiva que dança sob as certezas, as seguranças dos hábitos, que esteja para além da “mesmidade” do pensar e provoque uma perspectiva de liberdade da vontade, do desejo, da potência criadora, para finalmente se despedir da moralidade cerceadora, da lei, do interdito, do costume estabelecido; para, finalmente, criar. São esses traçados que serão postos como agenciadores da além-formação (BRITO, 2012, p. 226).

De acordo com Brito (2012), não há um método, como preconiza a moderna formação, pois não há como constituir um padrão ou um único percurso formativo de pressuposto de fé, mas, apenas, tensão, vontade de expansão, desejo de criação.

> [...] a além-formação encaminha uma perspectiva da superação como viagem experimental que não deseja a chegada. Por isso, ela quer ir além do mero pedagógico, porque entende que a formação do homem está nas transversalidades que forjam linhas de acontecimentos, encontros, saídas. Ela exercita aquilo que se pode chamar formação sem projetos determinados, sem identidade ou itinerário fixados (BRITO, 2012, p. 229).

Para Boechat (2014), a cultura moderna dissociou-se, de algum modo, das intimidades com as imagens naturais típicas do paganismo ou das culturas ancestrais e primevas e, se, por um lado, esse fenômeno pode ser considerado um ganho por conta do desenvolvimento da consciência, por outro, foi uma grande perda, pois houve uma dissociação das raízes instintivas fundamentais. Eis a importância de retomar essas imagens perdidas em prol de um desenvolvimento da consciência menos unilateral.

> Neste viés, o conhecimento novo resultará da superação de barreiras convencionais e da transdisciplinaridade. Quer dizer, é necessário que ocorram trocas de pontos de vista, aproveitamento de descobertas múltiplas e de olhares aparentemente incongruentes até agora mantidos à distância (GAMBINI, 2011, p. 105).

Calvino (1990) é muito salutar ao dizer que só a esperança e a imaginação podem servir de consolo às dores e desilusões da experiência, uma vez que o homem projeta seu desejo no infinito e só encontra prazer quando pode imaginá-lo sem fim. Mas como a característica humana não concebe o infinito, resta-lhe apenas se contentar com o indefinido, com as sensações, que se misturando, umas às outras, criam a impressão de ilimitado, uma agradável ilusão.

Morin (2015) destaca, ainda, que a realidade é mutante, que o novo pode surgir e, de todo modo, vai surgir. A modernidade deixou o humano incompleto. Já não somos mais organizados por leis transcendentes e, sim, objetivados por uma permanente incapacidade de querer ter e não mais ser.

> A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas (BARROS, 1937, não paginado).

Em *retrato do artista quando coisa,* o poeta Manoel de Barros (1937) nos aponta o desejo desperto para a imagem de *ser outros*. Mas como ser outros quando ainda

não sabemos ao certo quem *somos*? *Ser outros* retrata a possibilidade de ampliar a existência necessária e cocriar espaços coletivos e múltiplos de afetividade e humanidade.

Esta existência, efêmera, pode ser um contínuo e vigoroso movimento para nos desprendermos da razão instrumentalizada. O poeta não deseja mais navegar e nem tão pouco percorrer os caminhos da moderna razão onde a sensibilidade, a criação e imaginação são despojadas de pensamentos, de palavras e sentidos que contraditoriamente, hoje, formam a humanidade: uma humanidade que é ou que deseja ser ou que já foi.

A completude ansiada, nunca alcançada, no enlace desse diálogo contraditório entre o que se é e o que se deseja ser encontra-se amarrada face ao emaranhado de toda a essa complexa e imbricada formatação que o humano moderno se viu obrigado a constituir-se.

O poeta nos remete a imagens que nos encaminham para possibilidades de transformação, sendo uma dessas importantes, a borboleta. Se é preciso ser borboleta para renovar, é necessário transpor a ideia de singularidades postas como objetivas e com fins meramente reprodutores de uma proposta de vida vazia e repleta de rasas razões, pois já não nos basta mais *abrir portas e puxar válvulas,* é necessário ter sentido e dar sentido, retornar-se ao que nos cerca, à natureza da nossa humanidade.

A borboleta nos remete à ideia de renovação e espiritualidade em várias culturas antigas. De acordo com Von Franz (1996), a borboleta é um símbolo do *Self* e este trata-se, especificamente, da aventura de encontrar, dentro de si, um centro interior mais forte que o ego.

Portanto, renovar não me parece tão novo e tão contemporâneo, mas, sim, algo buscado por nossos ancestrais para dar sentido ao que, aparentemente, nunca tem, a própria vida. Esta, tão complexa, está sempre nos obrigando a criarmos a nossa existência, a cada dia, a cada hora e a cada momento e em cada vivência, ao longo da nossa trajetória.

Esta renovação não se concretiza através do outro, tão somente, mas, principalmente, pela mediação conosco em um processo de individuação permanente. Ora, se as relações humanas são sempre coletivas, o desejo de existência é sempre individual. Por isso, a vida é tão complexa e cheia de tranças, como uma tessitura de

pensamento e ação que colidem no diálogo entre o individual e coletivo, originando uma mistura de sentidos organizados para compreendermos a realidade.

> O primeiro passo para uma boa consciência da realidade é o autoconhecimento. Esforçando-nos sem cessar para perceber, sentir, expressar e formular – em suma, "para objetivar" – desejos, fantasia, medos e sentimentos quase imprevistos e pouco admitidos, desenvolveremos aos poucos a capacidade de distanciamento, extremamente importante para o domínio da vida. [...] o segundo passo para a consciência da realidade reside no esforço para a objetividade diante do mundo exterior. Em vez de ficarmos presos a opiniões e preconceitos duvidosos sobre nossos semelhantes e os acontecimentos mundanos, podemos polir e ilustrar nosso escudo refletor [...] (MULLER, 2017, p. 67-68).

Desta feita, é necessário ampliar o olhar e refletir sobre as diversificadas maneiras de pensar, conceituar, filosofar e, principalmente, educar-se numa direção de possibilidades libertárias e libertadoras, onde a produção do conhecimento seja um fenômeno relevante às possibilidades de transformação do humano em seus mais diversos espaços dialógicos de existência. Portanto, é necessário sermos borboletas que se renovam sob novas perspectivas de alçar voos individuais e coletivos, altos ou rasantes à procura de novas existências, mais criativas e criadoras rumo ao retorno da essência humana.

> Quem faz um poema abre uma janela. Respira tu, que estás numa cela abafada, esse ar que entra por ela. Por isso é que os poemas têm ritmo — para que possas profundamente respirar. Quem faz um poema, salva um afogado (QUITANA, 2012, p. 26).

Não podemos perder a capacidade de nos afetar, pois são pelos afetos que as possibilidades intuitivas de transformação criam nossas existências e as diferentes formas de ver e atuar na vida e no mundo, mas devemos estar atentos e não romantizar esse processo.

Segundo Boechat (2014), o homem da modernidade parte de um pressuposto totalmente diferente das sociedades pré-letradas e não pode pretender uma "volta mágica" às origens em uma atitude nostálgica. A pretensão, segundo o autor, é realizar um processo de personificar emoções e um resgate de algo perdido, de uma raiz mitológica ancestral, sem se perder, de uma vez por todas, o ganho de consciência histórica que a cultura ocidental proporcionou. Seria uma recuperação de raízes, mas sem a dissolução positivista, unilateral, da modernidade.

Desta forma, temos que emergir no diálogo com as naturezas do inconsciente e do consciente sem perdermos a capacidade de construção de pontes para a transcendência com o cosmos, com o espiritual e com a matéria na qual estamos encerrados. Campbell (1990) sugere um diálogo em constante movimento entre o que

denomina de mundo interior, das exigências, das energias, da estrutura e das suas possibilidades e o mundo exterior, que é o campo da encarnação.

O ponto básico desta ideia, de acordo com Gambini (2001), é que o inconsciente cria a predisposição para aprender. Não só para aprender:

> Na verdade, o inconsciente abre ou fecha o próprio acesso à experiência da vida. Qualquer aspecto da vida que se tome em consideração estará sempre determinado por uma constelação inconsciente favorável ou desfavorável, de modo que o aprendizado, tomado como um dos aspectos da experiência humana, depende de uma porta aberta (GAMBINI, 2001, p. 106).

A educação tem muito a contribuir com esse diálogo pois só ela favorece a nossa humanidade. Há de ser humanos – porque humanos só o somos se tivermos a capacidade de renovar sonhos e realidades.

Este texto de Freire (2000) simboliza a empatia necessária da espera e da busca, da ação e da reflexão para o combativo processo que é renovar a educação:

> Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti. Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero trabalharei os campos e conversarei com os homens. Suarei meu corpo, que o sol queimará; minhas mãos ficarão calejadas; meus pés aprenderão o mistério dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais, meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti. Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer. Desconfiarei daqueles que virão dizer-me em voz baixa e precavidos: É perigoso agir. É perigoso falar. É perigoso andar. É perigoso esperar, na forma em que esperas, porque esses recusam a alegria de tua chegada. Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam. Estarei preparando a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera (FREIRE, 2000, não paginado).

E sob a sombra de uma árvore, símbolo da própria vida, sinto que é preciso emergência para a renovação da educação. Emergência é a palavra essencial para criarmos uma nova humanidade, novas posturas de ação, onde as emoções sejam ressignificadas e não fiquemos apenas nas rasas razões, pois se temos a imaginação que cria o pensamento que pari a palavra, e esta se transforma em verdadeira ação de conhecimento, não precisaremos de apenas ilusórias reações.

Morin (2015) ressalta que ação é estratégia e não programa, pois permite uma decisão inicial, prever certos números de cenários, mas que podem ser modificados dadas as informações no percurso e os acasos que vão se suceder e perturbar a própria ação. Portanto, a ação é dialética e contraditória, pois supõe a complexidade, o acaso, o imprevisto, a inciativa, a decisão e a consciência das transformações.

Portanto, é preciso emergir. Necessitamos da transcendência da clareza, mas também da imanência da escuridão; da delicadeza e da aspereza, pois, somente nas

contradições, o conhecimento é construído e nesse estranhamento produzido pelos gestos, cores, sons, sabores das imagens que podemos potencializar uma nova humanidade.

> Não sei quantas almas tenho. Cada momento mudei. Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei. De tanto ser, só tenho alma. Quem tem alma não tem calma. Quem vê é só o que vê, quem sente não é quem é, atento ao que sou e vejo, torno-me eles e não eu. Cada meu sonho ou desejo É do que nasce e não meu. Sou minha própria paisagem; assisto à minha passagem, diverso, móbil e só, não sei sentir-me onde estou. Por isso, alheio, vou lendo como páginas, meu ser. O que segue não prevendo, O que passou a esquecer. Noto à margem do que li o que julguei que senti. Releio e digo: “Fui eu?” Deus sabe, porque o escreveu. Não sei quantas almas tenho. (PESSOA, 1993, p. 48).

Há uma necessidade urgente de transformar a educação no espaço do conhecimento e da transcendência para recriarmos raízes de transformação conosco, com o outro e com o que está ao nosso redor, rompendo, assim, com tudo aquilo que nos consome, a totalidade ilusória da matéria. Deixando, pois, de sermos ressignificações complexas de simples conceitos de objetos foscos e obtusos de apenas uma parte da realidade, tornando-se consciente e partindo em direção à uma realidade produtiva e criativa de vivência com humanos, entre humanos e como humanos.

Nesta perspectiva da emergência, escolho o inconsciente, o sonho e suas imagens como potências energéticas de vivências, tendo o espaço da escola como primordial à criação de saberes e conhecimentos possibilitadores de uma educação capaz de transformar o humano a partir das relações dialógicas entre a criativo e o criador, o imaginativo e poético, o simbólico e transcendente.

Ao pensar em uma nova perspectiva em educação e como esta pode alçar voos mais longínquos, reflito: como detectar os símbolos? O provavelmente nos sonhos, nas artes, nas fantasias e imaginação. Acredito na necessidade de pesquisar o inconsciente, o sonho, a arte e o simbolismo gerados por disparadores imagéticos em um diálogo canalizador de conhecimento a uma possível renovação de uma educação mais humana no espaço escolar, capazes de possibilidades de aprendizagens vivenciais, a fim de abrir espaços de ampliação e renovação do humano que vem sendo construído desde tempos de outrora, mas, que, apenas com a além-educação, pode ser efetivada.

A escola, como dito anteriormente, é o espaço adequado à esta possibilidade, uma vez que lá se encontram as crianças que atuam e se aventuram, todos os dias, a partir das suas imaginações criativas, percorrendo e criando novos e alternativos

caminhos, longe das asperezas da vida. Gambini (2008) enfatiza que a criança é pura sensibilidade, pois faz uma leitura e interpretação de mundo diferente da dos adultos. Elas têm contato com o desconhecido e com a espontaneidade das verdades profundas de um movimento de vida, único e singular. O autor ainda afirma que, desta forma, a criança deve ter uma ligação com o inconsciente e com o não revelado e consegue se conectar com um universo mais ampliado que o percebido pelos adultos. Em concordância com essas afirmações, é inegável refletir a necessidade urgente de que temos muito a aprender com as crianças.

Boechat (2014) nos relata, que para Jung, a personalidade da criança, estando ainda em formação, está muito próxima ao inconsciente, pois,

> Apresenta ainda um pensamento mágico, o conto de fadas e o mito fazem parte atuante de seu dia a dia. Seus sonhos possuem, frequentemente, intenso material arquetípico do inconsciente coletivo. Esses grandes sonhos infantis marcam toda a vida da criança estão conectados ao seu mito pessoal. A natureza arquetípica do grande sonho infantil não pode ser compreendida e só muito mais tarde parte de seu complexo significado começa a fazer sentido. De qualquer forma, esse núcleo de representações inconscientes tem uma eficácia simbólica muito grande e irá operar no decurso dos anos, de uma forma ou de outra, consciente ou inconscientemente. O ego consciente poderá ou não integrara parcialmente esses conteúdos, mas esses podem atuar de forma autônoma (BOECHAT, 2014, p. 35).

Contudo, este aprendizado requer uma nova educação, uma nova concepção de ensino, um novo adulto, novas conexões e integrações. “Não podemos atingir as crianças sem antes preparar o adulto perdido” (GAMBINI, 2008). Assim, este estudo tem como indicativo investigar como essa preparação pode passar pelo poético, pelo sensível e pelo simbólico, de tal modo a despertar nos adultos-professores a imaginação e as potencialidades energéticas superiores de criatividade e de criação, que tanto nos causa medo e nos acovarda.

> Educamos um ser que na verdade teria muito a nos educar [..] é preciso que as crianças sejam educadas para que tenham consciência profunda, não para mexer em aparelhos de tecnologia, não para entender as leis civis do código, não para terem profissões futuras rentáveis [...] as crianças precisam, elas mesmas, desenvolverem uma consciência profunda para a preservação do planeta e do homo sapiens (GAMBINI, 2008, não paginado).

Gambini (2008) explicita que a psicologia estuda a imaginação, mas a imaginação não é conteúdo específico desta área de conhecimento, ela é constituinte da nossa humanidade, portanto, conteúdo necessário à compreensão e transcendência de uma realidade posta como unilateral. Por isso, cabe ao professor tentar conhecer suas relações subjetivas, suas corporeidades, para, enfim,

compreender o outro, o mundo da criança e as cenas externas que só podem ser aprendidas quando os portões do seu próprio palco interno forem expostos.

Jung (2014) relata que o autoconhecimento só pode resultar numa maior consideração para com o próximo, pois somos facilmente levados à transferência para nossos semelhantes toda a falta de respeito e a violência que praticamos contra nossa própria natureza. Portanto, é necessário nos conhecermos para ter acesso aos canais sutis que nos permitirão conhecer o outro, pois, assim, como o indivíduo não é apenas um ser singular e separado, mas, também, um ser social, a psique humana também não é algo de isolado e totalmente individual, mas também um fenômeno coletivo. E assim como certas funções sociais ou instintos se opõem aos interesses dos indivíduos particulares, do mesmo modo a psique humana é dotada de certas funções ou tendências, que, devido à sua natureza coletiva, se opõem às necessidades individuais.

> Isto se deve ao fato do homem nascer com um cérebro altamente diferenciado, que o dota de uma ampla faixa de funções mentais possíveis; estas não foram adquiridas ontogeneticamente, nem foram por ele desenvolvidas. Na medida em que os cérebros humanos são uniformemente diferenciados, nessa mesma medida a função mental possibilitada é coletiva e universal. Assim é que se explica o fato de que os processos inconscientes dos povos e raças, separados no tempo e no espaço, apresentem uma correspondência impressionante, que se manifesta, entre outras coisas, pela semelhança fartamente confirmada de temas e formas mitológicas autóctones (JUNG, 2005, p. 37).

Esses canais sutis, função da psique coletiva, que tanto servem para si como para o outro, podem ser revelados pelo inconsciente. É salutar que pensemos na utilidade pedagógica dos sonhos, haja vista que, através de suas imagens, é que as grandes e pequenas questões ficam latentes a serem resolvidas. Jung (2016) já havia se questionado: Qual o propósito da vida onírica do indivíduo em seu todo? Que papel representam os sonhos, não apenas na organização psíquica imediata do ser humano, mas na sua vida como um todo? (JUNG, 2016. p. 210).

O sonho faz parte deste processo de pesquisa, de modo que o humano é o único animal com potencial de desenvolver experiências oníricas complexas com funções de ampliar as capacidades criativas e criadoras, ou seja, despertar a imaginação.

3 SÍMBOLOS EMERGENTES

Eu penso renovar o homem usando borboletas
(BARROS, 1937).

Eu me abasteço por retranças, quer sejam iniciais, dos aspectos intuitivos detectados por mim, quer sejam processuais estudados no âmbito coletivo para a compreensão do desenvolvimento de um possível diálogo entre consciente e inconsciente, buscando especialmente em Jung este complexo dialógico, entre consciente e inconsciente, que foi, de alguma forma, encerrado na modernidade, mas que já foi, há muito, utilizado por antigos povos como forma de conexão com o divino e como as coisas e causas que, mesmo ainda desconhecidas, eram capacitadoras de organizar a vida e sua relação com o transcendente.

Nesse capítulo, são abordadas as ações afirmativas, seus conceitos e objetivos, numa perspectiva dos sonhos e mitos na educação, trilhando pela observação e diálogos nos conteúdos psíquicos.

3.1 A função dos sonhos e do mito na educação

A nossa realidade é muito mais ampla do que a razão da consciência propõe e formata. Milhares de anos foram necessários para que a humanidade pudesse se tornar o que hoje ela é – um complexo sistema integrado e conectado com aspectos mais sutis do que meramente o visível e o tangível das nossas simples vivências repetidoras de percepções e sensações faz crer.

> Além disso, há aspectos inconscientes na nossa percepção da realidade. O primeiro deles é o fato de que, mesmo quando os nossos sentidos reagem a fenômenos reais e a sensações visuais e auditivas, tudo isso, de certo modo, é transposto da esfera da realidade para a mente. Dentro da mente esses fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza radical nos é desconhecida (pois a psique não pode conhecer sua própria substância). Assim, toda a experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos, sem considerar o fato de que toda a realidade concreta sempre tem aspectos que ignoramos, uma vez que não conhecemos a natureza radical da matéria em si (JUNG, 2016, p. 21-22).

A mente humana, de acordo com Jung (2016, *apud* VON FRANZ, 2016), divide-se em duas partes principais: consciente, mais restrita; e, inconsciente, mais ampla. A mente inconsciente está repleta de informações, já a consciente só consegue captar parte dessas informações. Por vezes para tentar compreender um sentimento ou uma

determinada situação ou comportamento, tentamos trazer informações do inconsciente à consciência, pois o que é consciente em um determinado momento, pode-se tornar inconsciente no outro.

Jung (2019), ao se referir à consciência, revela que um acontecimento que se produz no cosmo cria simultaneamente uma imagem em nós ou, de algum modo, se desenrola paralelamente, tornando-se assim, consciente. Desse modo, a consciência é a relação entre os conteúdos psíquicos e o ego na medida em que essa relação é percebida pelo ego.

> Nossa consciência não se cria a si mesma, mas emana de profundezas desconhecidas. Na infância, desperta gradualmente e ao longo da vida, desperta cada manhã, saindo das profundezas do sono, de um estado de inconsciência. É como uma criança nascendo diariamente do seio materno (JUNG, 2019, p. 403).

A partir da psicologia junguiana, Von Franz (1996) explica que o inconsciente é tudo aquilo que sabemos ser psiquicamente real, mas que não é consciente. Sonhos, gestos involuntários, lapsos da fala, alucinações ou fantasias, que não são conscientes e não ocorreram materialmente, mas são eventos psíquicos, logo não são conscientes, portanto, denominamos de inconsciente.

> Tudo o que eu conheço, mas não penso em um dado momento, tudo aquilo que já tive consciência, mas esqueci, tudo o que foi percebido pelos meus sentidos e meu espírito consciente não registrou, tudo o que involuntariamente e sem prestar atenção (isto é, inconscientemente), sinto, penso, relembro, desejo e faço, todo o futuro que se prepara em mim e que só mais tarde se tornará consciente, tudo isso é conteúdo do inconsciente (JUNG, 2019, p. 405).

Von Franz (1996) revela que há vários nomes para esse fenômeno ou evento psíquico: supraconsciente, subconsciente, esfera divina, base existencial. Entretanto, Jung preferiu o termo inconsciente justamente porque não diz nada. Diz apenas que não é consciente e que é um mistério, logo não sabemos o que é. Portanto, o inconsciente não pode se expressar através de uma linguagem racional prontamente acessível à mente consciente. A grande descoberta da psicologia profunda é que cinco ou seis vezes por noite a parte inconsciente da psique é retratada nos sonhos; ao relembrá-los, nossa mente consciente tem a oportunidade de observar os conteúdos da mente inconsciente. No entanto, mesmo que o sonho seja lembrado, via de regra, a informação não faz o menor sentido para a mente consciente e não é fácil de decifrar.

Jung (2019) destaca que há dois tipos de inconsciente, um pessoal e outro coletivo. Às representações ou impressões penosas, mais ou menos,

intencionalmente, reprimidas, dá-se o nome de inconsciente individual e são parte da personalidade individual e poderiam ser conscientes. Porém, no inconsciente há propriedades que não foram adquiridas individualmente e sim herdadas e guardadas em uma camada mais profunda, sem motivação consciente. Este é o inconsciente coletivo, que é constituído pelos instintos e arquétipos e se caracteriza por uma condição ou base psíquica em si mesma.

Hall (2007) nos diz que Jung empregou termos para descrever diferentes partes da psique, tanto a consciente quanto a inconsciente. Existem, pois, quatro níveis:

> 1) consciência pessoal, ou a percepção consciente ordinária; 2) o inconsciente pessoal, o que é exclusivo de uma psique individual, mas não consciente; 3) a psique objetiva, ou o inconsciente coletivo, que possui uma estrutura aparentemente universal na humanidade e 4) o mundo exterior da consciência coletiva, o mundo e cultural dos valores e formas compartilhados. Dentro dessas divisões topográficas básicas existem estruturas gerais e especializadas. As estruturas gerais são de dois tipos: imagens arquetípicas e complexos. As estruturas especiais das partes pessoais da psique, tanto conscientes como inconscientes, são quatro: o ego, a persona, a sombra e a sizígia (grupamento pareado) de animus anima. Na psique objetiva existem arquétipos e imagens arquetípicas, cujo número não pode ser estabelecido com precisão, embora exista um notável arquétipo: o si-mesmo, que também pode ser referido como o arquétipo central de ordem (HALL, 2007, p. 14)

Apesar da importância desses conceitos para a compreensão de como é constituída e psique humana, não me atentarei a eles de forma minuciosa, pois não é a proposta desta pesquisa engendrar pela interpretação dos sonhos em uma perspectiva puramente analítica de um método interpretativo dos sonhos e, sim, como a partir deles, os sonhos, podemos aglutinar imagens possíveis de estudos para a comunicação e expressão tendo a arte como catalizador de aprendizagens pessoais e coletivas.

Para Campbell (1990), transcendente é um termo técnico, filosófico, que, dentre tantos conceitos, significa propriamente aquilo que está além de todos os conceitos. O transcendente transcende todas as categorias de pensamento e Boechat (2014) sinaliza que a função transcendente tem uma enorme importância, pois valida a produção espontânea de símbolos a partir do inconsciente.

> A produção de símbolos a partir do inconsciente fala da criatividade do si-mesmo e das possibilidades do arquétipo central construir caminhos novos. Essa produção simbólica se realiza independentemente da volição consciente e mostra a função organizadora do si-mesmo. Essa colocação de Jung, definindo um aspecto criativo no inconsciente pela produção de símbolos, é revolucionária e realmente nova (BOECHAT, 2014, p. 95).

De acordo com Gambini (2008), este é o paradigma junguiano: manter a chama da humanidade, pois o conhecimento do outro me ajuda a fundar o meu, o contato

com o outro faz com que eu me aprofunde nas minhas questões pessoais e isto tudo pode ser lido de maneira simbólica. Desta forma, temos que nos aprofundar mais nas questões simbólicas e sua importância para a renovação do humano.

Para Jung (2016), o que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. O autor revela, ainda, que a função criadora dos símbolos oníricos é uma tentativa de reencontrar a mente original do humano e relacioná-la à uma consciência original avançada e mais esclarecida, pois, no passado, essa mente era toda personalidade do humano e, na proporção que sua consciência foi sendo desenvolvida, foi perdendo contato com a mente primitiva. Desta forma, desconhece a mente original, rejeitada no processo de desenvolvimento dessa consciência.

O Símbolo é a representação de algo que neste momento não pode ser representado de outra forma, portanto, não se trata de decifrar o símbolo, mas de compreendê-lo como possibilidade de expansão de conteúdos inconscientes, pois este é a tentativa de se auto representar para a percepção da consciência, conteúdo do inconsciente.

> Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto ou imediato. Essa palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperança de definí-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, 2016, p. 19).

Gambini (2008) reforça a ideia da impossibilidade da escrita de um verbete sobre um símbolo vivo, pois são catalizadores de energia, portanto, não há a necessidade de decifrá-lo, mas de receber a energia que emana dele capaz de mobilizar o que, muitas vezes, nem sabemos que está dentro de nós, pois o que é um símbolo? É a melhor representação de algo inconsciente que neste momento não pode ser representado de melhor maneira (GAMBINI, 2010, p. 155).

Jung (2016) esclarece, também, que fazemos uso consciente dos símbolos, mas também produzimos, inconscientemente, todos os dias, através dos sonhos. O homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de símbolos. Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana, é que, frequentemente, utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam

uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens. Mas esse uso consciente que fazemos de símbolos é apenas um aspecto de um fato psicológico de grande importância.

Eu acredito que é necessário fazer emergir das informações guardadas e formuladas, apenas pelo nosso inconsciente e pelos seus símbolos produzidos, o retorno ao caminho da consciência. Jung (2016) destaca que há caminhos indiretos, quando o direto não conduz a meta e esses caminhos apenas o inconsciente pode indicar, através dos sonhos. Logo, a análise dos sonhos favorece a abertura a esses caminhos e é importante um canal aberto para o diálogo entre o consciente e o inconsciente.

> Pode-se dizer que o sonho é a pedra desprezada pelos pedreiros e que depois se tornou pedra angular. Efêmero e insignificante produto de nossa alma, o sonho nunca foi tão desprezado como em nossos dias. Antigamente era muito valorizado como um prenunciador do destino, admoestando e consolando, como um emissário dos deuses. Hoje, é utilizado como porta-voz do inconsciente; sua função é revelar os segredos que a consciência desconhece, e realmente o faz com incrível perfeição (JUNG, 2014 p. 32).

Os sonhos são estudados há milhares de anos. A humanidade sempre se viu intrigada pela estranheza e incômodo que as imagens produzidas pelos sonhos causavam e causam. São imagens peculiares, que equidistantes das imagens reconhecidas na realidade por nossa consciência, nos fazem desejar compreender seus significados. Jung (2016) já sugeriu que os sonhos servem a um propósito de compensação, isto significa que o sonho é um fenômeno psíquico normal, que transmite à consciência reações inconscientes ou impulsos espontâneos.

> Os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não criamos através da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem nossa intervenção e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico. Este último, como qualquer outro processo vital, não consiste numa simples sequência causal, sendo também um processo de orientação teleológica. Assim, podemos esperar que os sonhos nos forneçam certos indícios sobre a causalidade objetiva e sobre as tendências objetivas, pois são verdadeiros autorretratos do processo psíquico em curso (JUNG, 2015, p.19).

Hall (2007) explicita que os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não são criadas através da intenção consciente. Eles aparecem espontaneamente, sem uma intervenção direta, e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pistas de certas tendências básicas do processo psíquico. Este último, como qualquer outro processo

vital, não consiste numa simples sequência causal, sendo também um processo de orientação teleológica. Assim, podemos esperar que os sonhos nos forneçam certos indícios sobre a causalidade objetiva e sobre as tendências objetivas, pois são verdadeiros autorretratos do processo psíquico em curso.

> O sonho é um fragmento de realidade cuja origem é pessoal, mas obscura, cujo significado é fecundo, mas incerto e cujo destino no mundo do ego vígil está em nossas próprias mãos. Se o tratam com respeito e interesse, serve-nos de múltiplas maneiras. Se desprezarmos o sonho, ele nos impressiona de qualquer modo, operando suas transformações alquímicas nas profundezas da psique, buscando o mesmo objetivo de individuação, com ou sem a nossa ajuda consciente (HALL, 2007, p. 144).

Campbell (1990) define o sonho como uma fonte inexaurível de informação espiritual sobre nós mesmos e se baseia num conjunto de experiências que têm alguma espécie de significação na vida. Desta forma, os sonhos, imagens do inconsciente, nos causam sensações diversas: surpresa, encantamento, alívio, resistência, desinteresse, dentre outros. Provavelmente, por serem autônomos e involuntários, dialogam e interferem em nossa vida de forma psicológica, emocional e corporal.

O aspecto central e fundante do sonho são as imagens que funcionam como linguagem de comunicação entre o nosso consciente e o inconsciente, entre a nossa realidade vivida e outras realidades que nos transcendem, entre o racional e o irracional. Desta maneira, Von Franz (1996) destaca que um sonho revela o inconsciente sob a forma de imagem, metáfora e símbolo, numa linguagem intimamente associada à da arte. Não são exposições objetivas, os sonhos costumam ser confrontos altamente subjetivos e pessoais, nos quais o ego, o "eu", sente emoções que vão do medo e hilaridade à sensação de sublime paz e beleza. Assim como as peças teatrais, os poemas e a pintura, a linguagem dos sonhos transmite o poder e a sutileza tanto dos sentimentos quanto do pensamento racional.

Von Franz (1996) esclarece que os sonhos não têm a finalidade de nos proteger das vicissitudes, doenças e eventos dolorosos da existência. Antes disso, eles fornecem uma linha mestra de como lidar com esses aspectos, como encontrar um sentido na vida, como cumprir nosso próprio destino, como seguir nosso caminho, a fim de realizar o potencial de vida que há em todos nós.

Após acompanhar os sonhos por um bom período de tempo, Von Franz (1996) percebeu certas qualidades e funções e que possuem uma inteligência superior, uma sabedoria e uma perspicácia de orientação. Os sonhos, assim, mostram em que

aspecto estamos enganados e nos alertam a respeito de perigos; predizem eventos futuros; aludem ao sentido mais profundo da nossa vida e nos propiciam *insights* reveladores.

Por outro lado, Von Franz (1996) nos chama atenção para algo importante, os sonhos não são levados em conta porque o inconsciente pode “devorar” o ser humano. Essa descoberta do mundo dos sonhos é o que existe de mais benéfico na terra e que observar os próprios sonhos é a coisa mais salutar que se pode fazer. Entretanto, este mundo pode entorpecer o indivíduo que fica sonhando acordado e arrancá-lo da realidade, pois não se pode ser absorvido completamente pelo mundo onírico. Este, só traz benefício quando estabelece um diálogo vivo e equilibrado com uma vida real bem vivida.

Von Franz (1996) sinaliza que novas ideias são reveladas aos artistas e cientistas criativos pelos sonhos e brotam do inconsciente sob a forma de ideias súbitas. Há uma variedade de relatos históricos e documentos que demonstram as soluções matemáticas, físicas e de toda ordem, que, primeiramente, foram sonhadas e, só posteriormente, resolvidas no consciente. Portanto, a autora conclui que deve existir uma matriz psíquica capaz de produzir novos *insights* criativos.

De acordo com Gambini (2008), a espécie homo surgiu há 4 milhões de anos, sendo que o fóssil mais antigo de um artefato humano, no período da Pedra Lascada, tem provavelmente cerca de quinhentos mil anos (500.000 A.C). Não temos como afirmar se nesta época já havia símbolos, porém, a evolução criou uma espécie complexa que desenvolveu um cérebro único com a capacidade de simbolizar e imaginar e que este processo desencadeou a criação de uma inteligência com quatro modalidades e funções, até então, separadas, mas que necessárias à sobrevivência da espécie:

> No futuro Jung irá descrevê-las como tipos psicológicos: Função pensamento que é a base da tecnologia e da ciência, ou seja, a capacidade de perceber pegadas de animais, indícios de água, mudanças climáticas; Função sentimento é a base da vida social. A capacidade de percepção do comportamento do outro a partir do seu; função sensação, a base da linguagem, quando os sons adquirem significados e função intuição que trata da capacidade de imaginar e criar, originando o mito, a religião e arte. (GAMBINI, 2008, não paginado).

Somente a partir de quarenta mil anos é que essas funções se fundem, originando a complexa humanidade que somos.

> O homem primitivo é de uma tal subjetividade que é de admirar-se o fato de não termos relacionado antes os mitos com os acontecimentos anímicos. Seu conhecimento da natureza é essencialmente a linguagem e as vestes

> externas do processo anímico inconsciente. Mais precisamente pelo fato de este processo ser inconsciente é que o homem pensou em tudo, menos na alma, para explicar o mito. Ele simplesmente ignorava que a alma contém todas as imagens das quais surgiram os mitos, e que nosso inconsciente é um sujeito atuante e padecente, cujo drama o homem primitivo encontra analogicamente em todos os fenômenos grandes e pequenos da natureza. (JUNG, 2000, p. 18)[11].

Do exposto, venho acrescentar o que afirma Cirlot (1984), sem pretender analisar questões de origem, a maioria dos autores está satisfeita em situar o princípio do pensamento simbolista simulado em uma época anterior à história, no final dos primeiros sinais do Período Paleolítico, pois o conhecimento atual sobre o pensamento primitivo e as deduções que podem ser validamente estabelecidas sobre a arte e o enxoval do homem daquela época justificam a hipótese.

Cirlot (1984), ainda nesse viés, destaca que o simbolismo aparece quando as religiões da natureza sofrem uma ruptura, intensificam o religioso e fazem analogias entre a representação e o sentido, numa dinâmica cheia de valores emocionais e ideais, isto é, da vida verdadeira, pois o significado simbolista de um fenômeno facilita a sua explicação, porque vincula o instrumental ao espiritual, o casual ao causal, o desordenado ao ordenado e justifica uma palavra como um universo que, sem essa integração superior, não teria sentido.

> É importante lembrar que há grande influência dos mitos na história da humanidade. A psicologia, mais especificamente, utilizou-se deles para tornar claros os diferentes caminhos simbólicos concebidos para explicar o desenvolvimento do homem e a formação da psique individual e coletiva. Assim, Freud, Jung, Erich Fromm, entre outros muito contribuíram para que os mitos deixassem de ser vistos como simples lendas ou histórias e passassem a ser entendidos como soluções imaginativas elaboradas pelos povos a fim de solucionar os fenômenos inexplicáveis da natureza, os problemas de cunho emocional, pessoal e cognitivo que lhes propõem sua existência. O mito também é definido como expressão simbólica dos sentimentos e atitudes inconscientes de um povo. Por essa razão, sua importância para a psicologia é tão grande (BRAZ, 2005, p. 63).

Em meio a tudo isso, é válido questionar: como o mito se perpetuou e deu conta de responder grandes e pequenas questões da humanidade? Para Chauí (2000), um mito é uma narrativa da origem de alguma coisa, dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e

[11] Jung usa o termo “primitivo” para referir-se a uma condição original. Contudo, este termo está sendo revisado pelos Junguianos com cuidado para que não remeta a uma compreensão de “atraso”. O “pensamento primitivo” que Cirlot utiliza, idem.

da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.)[12].

> [...] toda interpretação empobrece o mito e o sufoca: não devemos ser apressados com os mitos; é melhor deixar que eles se depositem na memória, examinar pacientemente cada detalhe, meditar sobre seu significado sem nunca sair de sua linguagem imagística. A lição que se pode tirar de um mito reside na literalidade da narrativa, não nos acréscimos que lhe impõem os do exterior (CALVINO, 1990, p.16-17).

Campbell (1990) destaca que mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, aquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente. Portanto, mais que uma busca de sentido, o mito é uma experiência de sentido de vida. Eles ensinam que você pode se voltar para dentro e captar a mensagem dos símbolos. O mito o ajuda, ainda, a colocar a mente em contato com a experiência de estar vivo.

> Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos (CAMPBELL, 1990, p.17).

Ademais, o autor ressalta que todos os mitos são verdades em diferentes sentidos, uma vez que se relacionam com a sabedoria da vida e alguma cultura específica, numa época específica. Eles integram o indivíduo na sociedade e a sociedade no campo da natureza e, unindo o campo da natureza do mundo à natureza pessoal, pode ser traduzido como uma força harmonizadora.

Nesta perceptiva, Jung (2016) destaca que os mitos são fundamentais para se compreender a espécie humana, pois, através deles, é que acontecem as manifestações dos arquétipos, modelos criados no inconsciente coletivo da humanidade constituintes da base formativa da psique humana. Os arquétipos têm

---

[12] A palavra mito vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados. Quem narra o mito? O poeta-rapsodo. Quem é ele? Por que tem autoridade? Acredita-se que o poeta é um escolhido dos deuses, que lhe mostram os acontecimentos passados e permitem que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para que possa transmiti-la aos ouvintes. Sua palavra – o mito – é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável.

como função revelar atitudes dos homens, dar uma significação ao mundo e à existência humana, ou seja, o mito é organizador.

Jung (2016) chama a atenção para dois pontos importantes: primeiro, ele denomina de arquétipo, os resíduos arcaicos ou imagens primordiais; e, segundo, há uma diferença na relação entre arquétipo e instinto. Este último, também chamando de impulsos fisiológicos são percebidos pelos sentidos. Porém, podem se manifestar como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas por meio de imagens simbólicas. São essas manifestações que o autor denomina de arquétipos. Sinaliza que o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta.

> O conceito de "archetypus" só se aplica indiretamente às représentations collectives, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente. Neste sentido, representam, portanto, um dado anímico imediato. Como tal, o arquétipo difere sensivelmente da fórmula historicamente elaborada. Especialmente em níveis mais altos dos ensinamentos secretos, os arquétipos aparecem sob uma forma que revela seguramente a influência da elaboração consciente, a qual julga e avalia. Sua manifestação imediata, como a encontramos em sonhos e visões, é muito mais individual, incompreensível e ingênua do que nos mitos, por exemplo (JUNG, 2000, p. 17).

O conceito de arquétipo, para Jung (2016), derivou-se da observação de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda a parte. Esses temas também são encontrados nas fantasias, nos sonhos, nas ideias delirantes e nas ilusões dos indivíduos da atualidade. À essas imagens e correspondências, o autor denominou de representações arquetípicas e tem a força e o poder de nos impressionar, influenciar e fascinar.

Campbell (1990) classifica os arquétipos como ideias elementares, que poderiam ser chamadas ideias de base, isto significa que vem de baixo, das camadas mais profundas do inconsciente e destaca que o mito tem quatro funções básicas – mística, cosmológica, sociológica e a pedagógica – todas com sentido organizacional, que contribuem com a leitura de mensagens e das probabilidades típicas existenciais:

> A primeira é a função mística. [...] Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. [...] A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo o de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifesta. Hoje, tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: “Não, não temos todas as respostas”. [...] A terceira função é a sociológica –

> suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. [...] Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo e está desatualizada. [...], mas existe uma quarta função do mito, aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deviam tentar se relacionar – a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. (CAMPBELL, 1990, p.44-45).

Cirlot (1984) acrescenta que o mundo atual carece de sua própria imagem, porque só pode ser constituído por uma síntese universal do conhecimento, uma síntese que se torna complexa desde a Renascença aos dias de hoje. A organização sistematizada dos símbolos que se tornaram signos, mas são passíveis de representar o mundo, não conseguem organizá-lo, são ideias amorfas e fabricadas para uma apreciação cada vez mais líquida e passageira. O mundo de agora, daqui a cinco minutos não será o mesmo, novos signos são freneticamente mudados e os símbolos, cada vez, distanciados de suas funções primordiais.

> Vivemos sob uma chuva ininterrupta de imagens; os media todo-poderosos não fazem outra coisa senão transformar o mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de jogos de espelhos — imagens que em grande parte são destituídas da necessidade interna que deveria caracterizar toda imagem, como forma e como significado, como força de impor-se à atenção, com a riqueza de significados possíveis. Grande parte dessa nuvem de imagens se dissolve imediatamente como os sonhos que não deixam traços na memória; o que não se dissolve é uma sensação de estranheza e mal-estar (CALVINO, 1990, p. 72).

De acordo Jung (2016), o homem gosta de acreditar-se senhor de sua alma, porém certamente não é, por ser incapaz de controlar os seus humores e emoções, ou de se tornar consciente de suas inúmeras maneiras secretas pelas quais os fatores inconscientes se insinuam nos seus projetos e tomadas de decisões. O símbolo, pode ser antecipação de algo possível de ocorrer. Assim sendo, em cada época histórica, há símbolos que gestaram o que estariam por vir e, certamente, há símbolos que não exercem mais sua função, alguns foram ressignificados e outros deixaram de existir.

Os primeiros mitos se referiam a uma transcendência intuída. Nesta concepção, o mito atribui forma à essa intuição que constrói as percepções transcendentais. Para os nossos ancestrais, a realidade é transcendente e se confunde com a dos deuses, com a do sagrado, com a do plano arquetípico, pois todos estavam irmanados a uma realidade que seria cópia do transcendente.

Segundo Campbell (1990), os mitos antigos foram concebidos para harmonizar a mente e o corpo como um todo. A mente pode divagar por caminhos estranhos, querendo coisas que o corpo não quer. Os mitos e ritos eram meios de colocar a

mente em acordo com o corpo, e o rumo da vida em acordo com o rumo apontado pela natureza.

Gambini (2008) expõe que o mito organiza a difícil travessia de uma vida que não se compreende, contribui para mobilizar emoções profundas, transformar ideias em sentimentos. Portanto, ele é eficaz e psiquicamente verdadeiro. O autor sinaliza que a natureza nunca deixará de ser símbolo. O primeiro conjunto de mitos surge da ideia que existe algo além do tangível. Alguma coisa que rege a natureza, o dia, a noite, a lua, o sol, as chuvas, o crescimento de uma árvore e etc. Ele cita como exemplo o céu, primeiro elemento mítico do simbólico.

> Todos os acontecimentos mítologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas, etc, não são de modo algum, alegorias destas experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através de projeção - isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza (JUNG, 2000, p. 18).

Cambell (1990) cita que precisamos de mitos que identifiquem o indivíduo, não com seu grupo regional, mas com o planeta. Cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida.

O símbolo é necessário à individuação, processo pelo qual a pessoa se torna inteira, integrando os polos opostos da personalidade em um sistema homogêneo. Essa tendência à autorrealização é algo inato, porém, não é fácil, pois poucos são os que conseguem assimilar seu inconsciente dentro de uma personalidade total. Jung (2019) chama esse processo de individuação para denominar o caminho pelo qual um ser torna-se um *individuum* psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade.

> A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima e irrevogável; trata-se da realização do seu si mesmo, no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda a comparação. Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra individuação por realização de si mesmo, realização do si mesmo (JUNG, 2019, p. 406).

A individuação é a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano, pois, segundo Jung (2015), é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. A singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como uma estranheza de sua substância ou de suas componentes, mas, sim, como uma combinação única, ou uma diferenciação gradual de funções que em si mesmas são universais.

> A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. Com isto, não se torna "egoísta", no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser e isto, como dissemos, é totalmente diferente do egoísmo ou do individualismo (JUNG, 2015, p. 64).

Nesse sentido, Jung (2000) questiona: em que medida o homem se conhece a si mesmo. E podemos concluir pelo que a experiência revela que esse conhecimento é limitado, restando muito espaço para o inconsciente. Neste processo, podemos aplicar alguns caminhos: compreender as próprias experiências, desenvolver atitudes saudáveis, reconciliar forças opostas, ter uma percepção mais apurada da realidade, compreender o *si-mesmo*, confrontar o inconsciente, reconhecendo sua comunicação e o que ele diz através dos sonhos e exercitar a imaginação criativa através da arte ou de outras expressões.

> Nessa época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muitas coisas dependem de suas qualidades mentais e morais. Para as observarmos na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado quanto o seu presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos (JUNG, 2016, p. 69).

Nesta compreensão, é lícito refletir sobre a necessidade do equilíbrio entre os dois humanos e os dois sentidos para que possamos nos renovar. Jung (2014) nos esclarece que, na realidade, a natureza humana é portadora de um combate cruel e infindável entre o princípio do eu e o princípio do instinto: o eu, todo barreiras; o instinto, sem limites; ambos os princípios com igual poder.

Deste modo, a utilização das imagens simbólicas trazidas pelos sonhos sobre os aspectos da subjetividade e dos afetos que podem provocar sobre nossas vidas se fez presente na trajetória da pesquisa, como um ato provocativo e estimulante de potências através das vivências.

> [...] A plenitude da vida tem normas e não as tem, é racional e irracional. Podemos afirmar, e com toda a razão, que a maior vitória da humanidade foi a conquista da racionalidade. No entanto, não queremos dizer que isso deva continuar ou continue sempre assim, aconteça o que aconteça (JUNG, 2014a, p. 61).

Este aspecto, de abertura e amplitude que as imagens trazem, valida as compreensões próprias que se desenvolvem no simbólico e sensível, pois versa de um conteúdo que não se apresenta em apontar caminhos, mas a de construí-los e de reconstruí-los em uma permanente constância de renovação de possibilidades imaginativas e criativas.

3.2 Arte – movimento transcendente da alma

Há uma frase, expressada por mim sempre no início de todo ano letivo em minhas aulas de Arte, que não sei de onde surgiu, nem sua autoria, onde a li, mas representa muito a relação da arte como partícipe das complexas construções da humanidade: *o homem quando criou Deus, criou a arte para se comunicar com ele.*

Partindo desse pressuposto, a arte – ou as produções simbólicas e estéticas – também é protagonista e testemunha da história da humanidade e sua capacidade de interação e transformação da realidade foi documentada em todos os espaços humanos. Portanto, dizer que a arte foi um dos principais meios pelo qual a humanidade se constituiu é dizer que a humanidade e a arte são indissociáveis, pois a arte é o movimento que transcende da alma.

Vale realizar uma ressalva sobre sua importância ou talvez função na formação dos sentidos humanos. Para tanto, corroboro com Schlichta (2009), quando diz que é necessário examinar as fronteiras entre o estético, o político e o ético, sem limites rígidos de separações históricas, pois:

> As imagens ou as representações visuais cumprem uma função, antes inimaginável, e ocupam lugar de destaque – de um lado, como objeto e fonte de pesquisa para historiadores, sociólogos, educadores, enfim, para inúmeros pesquisadores e, de outro, como objeto e estudo do educador em Arte. [...] a Arte, pois como expressão especificamente humana, sua função só pode ser pensada a partir do contexto histórico em que se realiza; [...] (SCHLICHTA, 2009, p. 13).

Schlichta (2009) ressalta, além disso, que devemos revisitar a concepção de arte como conhecimento, em uma concepção não como fato, mas como ato, pois é uma forma de captar e conhecer a realidade humano-social. Ampliando essa concepção de finalidade, Peixoto (2003) contribui:

> A arte, no processo criativo-fruitivo constitui fonte de humanização e educação humana. Concebida como produto da criação e do trabalho de indivíduos histórica e socialmente datados – para cuja produção e fruição congrega a totalidade dos aspectos do homem: o sensível, o ético e o cognitivo-, a arte é portadora de todas as características e possibilidades inerentes à vida humana em sociedade. Como tal, ela representa uma das formas de expressão dessa realidade e, ao ser produzida, não apenas frutifica em objetos artísticos, mas dialeticamente, produz seu criador, constituindo-o como ser humano que sente, percebe, reflete e toma posição ante o mundo (PEIXOTO, 2003, p. 94).

Esta concepção da arte-conhecimento como ato e não como fato, em particular, esteve presente quase em sua totalidade nas práticas desenvolvidas e experienciadas por mim, mas havia uma questão a ser elucidada: por que e como a expressão do

produto ou processo artístico se constituía de forma ora consciente, ora inconsciente? Era como se algo externo, coletivo e desconhecido cocriasse com o individual, dando soluções, designadas, muitas vezes, de inspiração, mas dissociada de uma compreensão.

> A arte é uma via antiquíssima de conhecer nosso mundo interno tanto quanto de registrar o externo e, por estar apoiada na imaginação e na fantasia, na verdade constitui uma dimensão da realidade. Ela não é mero espelho desta, não é cópia da vida, nem seu reflexo, nem comentário inteligente: a arte cria realidades (GAMBINI, 2010, p. 152).

Bakhtin (2003) reflete que vida e arte não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em todos nós, na unidade da responsabilidade, em um campo energético de complementaridade das vivências dos produtos expressivos criados.

> Os três campos da cultura humana, a ciência, a arte e a vida- só adquire unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. Mas essa relação pode tornar-se mecânica, externa. Lamentavelmente é o que ocorre com maior frequência. O artista e o homem estão unificados em um indivíduo de forma ingênua, o mais das vezes mecânica: temporariamente o homem sai da “agitação do dia-a-dia” para a criação como para outro mundo “de inspiração, sons doces e orações”. O que resulta daí? A arte é de uma presunção excessivamente atrevida, é patética demais, pois não lhe cabe responder pela vida que, é claro, não lhe anda no encalço. “Sim, mas onde é que nós temos essa arte- diz a vida-, nós temos a prosa do dia-a-dia” (BAKHTIN, 2003, não paginado).

A obra de arte é um objeto por ela mesma, independente do homem que a produziu, pois, a arte nos antecede. A minha experiência na disciplina Arte, como professor, esteve sob o viés, especificamente da ação teatral, linguagem que, de certa forma, consegue agrupar todas as demais. Portanto, a denomino de integradora, pois, assim como o humano, consegue ser múltipla e diversa em suas facetas expressivas e estéticas. E, foi através do teatro, quer seja na prática em grupos e companhias (ensino informal), quer seja na sala de aula (ensino formal), que iniciei um processo de abandono de técnicas expressivas elaboradas e me direcionei, em cada vivência teatral, a um espaço mais espontâneo e intuitivo do fazer arte mais livre, ligada ao dia-a-dia, com a possibilidade de ser produzida e apreciada por todos.

Os processos educativos formais e informais sempre suscitaram uma política de cultura de imposição de destinos: a arte, produto próximo dos poucos que detêm o talento e dons especiais e distante de muitos, os ditos comuns sem talento algum; uma arte a serviço dos poucos privilegiados, produtores e os muitos infortunados, os meros apreciadores.

> A arte, como fonte de consciência do mundo e de autoconsciência, destina-se ao desfrute da totalidade dos homens, não devendo ser confinada a ambientes para a apreciação e o consumo seletivos de determinado grupo

> de pessoas ou classe social. Portanto, o fosso cavado entre arte e grande público na sociedade capitalista, em função de interesses econômico-sociais excludentes, constitui afronta e crime contra o direito do homem de desenvolver ao máximo todas as qualidades que lhe garantam o enriquecimento como indivíduo social e histórico, bem como contra a capacidade e liberdade de criar e o direito de todos de ter acesso livre aos objetos criados (PEIXOTO, 2003, p. 95).

A partir das leituras e do processo realizado juntamente com as professoras da Unidade Escolar Duque de Caxias, iniciei uma caminhada para refletir os caminhos entrelaçados entre Jung e a arte e se estes caminhos conseguem reverberar um pensamento libertário e coletivo, do qual acredito, que a arte é capaz de possibilitar.

Segundo Jung, *apud*, Fischer e Kaufamann (2019), no início do século XX, quando a arte moderna começa a construir novas e complexas formas de expressar a natureza humana e suas relações com o mundo, acreditava-se que a arte dependia de três fatores: a habilidade do artista, a beleza da expressão na obra de arte e o símbolo como uma expressão particular do artista.

> A terceira característica é diametralmente oposta à concepção de Jung, que entendia que símbolo surge de um nível mais profundo, transpessoal de consciência na psique, e que, portanto, é uma mensagem do inconsciente coletivo, comunicando algo ainda desconhecido, frequentemente arquetípico. (JUNG, *apud* FISCHER; KAUFAMANN, 2019, p. 24).

Corroboro com os autores em suas reflexões baseadas nas experiências artísticas e pessoais de Jung (2019) no campo das artes, que, ao apreciar uma obra de arte, não se deve focar em um processo de compreensão daquilo que o "autor queria dizer como ela", mas no que o mesmo "não conseguiu dizer" e como esse "não dito" é carregado de símbolos passíveis de influenciar as diversas formas de ver e atuar no mundo.

> Uma obra de arte, anotou Paul Valéry, deveria nos dizer que não vimos o que estamos vendo. Vimos ou não vimos? Vimos e não vimos. Estamos vendo. A Obra de arte nos retira de um tempo e nos reinstala em outro. Um empo à parte. A arte não está em lugar algum, a nãos ser no próprio lugar da arte: quando se põe o pé onde ela está, já está em outro lugar. Em lugar algum, em nenhuma parte (COELHO, 1987, p. 7).

Esse lugar nenhum que Coelho (1987) relata é o lugar da utopia, do não inexistente em uma totalidade concreta, daquilo que sempre está visto e, amplio sua concepção para já relacionar a arte como símbolo, que como tal, em análise, nunca alcançaremos a completude da sua presença, pois de acordo com Barcellos (2004), a arte é um tipo de instinto, veículo e modelador da vida psíquica inconsciente da humanidade, inato que se apodera do homem, fazendo dele seu instrumento, já que, enquanto artista, ele é homem e também homem coletivo.

Nessa perspectiva, Barcellos (2004) sugere que, a partir de uma perspectiva junguiana, a arte não precisa de nenhum significado, ela apenas é, uma vez que significado não tem nada a ver com arte.

> [...] a arte também é, primeira e fundamentalmente, uma projeção do espírito na matéria. Consiste essencialmente em dar forma a um elemento ou uma ideia abstrata: é uma incorporação e, assim, relaciona-se com o tema da encarnação. Isso coloca o jogo entre as realidades interior e exterior no centro do processo criativo, e é a recorrência da noção de que um ato criativo cria um significado (BARCELLOS, 2004, p. 29).

A arte, portanto, é mais que pessoal, pois escapa dos limites individuais do seu criador. O processo criativo é uma potência viva implantado em nossa alma, que nasce do inconsciente sem pedir licença de forma abrupta e violenta, por isso, o seu significado é complexo, como uma mensagem do devir que será apenas lida, compreendida, muitas vezes, longe do período no qual fora produzida.

Ao estudar a arte enquanto possibilidade simbólica, percebo que o processo criativo se dá pela relação da consciência do artista com o complexo criativo. Barcellos (2004) elucida que os produtos criativos têm um significado coletivo, uma vez que, através deles, um complexo do inconsciente pessoal levou a personalidade para além de seus limites, para além do meramente individual, ou familiar, apresentando assim uma obra que, em maior ou menor escala, diz respeito à toda a coletividade.

O símbolo representa o indizível de maneira insuperável, pois é uma tentativa de expressar algo que é sentido de forma clara, e para qual, ainda não temos uma expressão verbal adequada.

> Uma obra de arte que ofereça uma leitura simbólica parece servir ao mesmo propósito - para a coletividade e para uma época - a que serve o trabalho individual de um paciente com os símbolos em análise. E, lembrem-se, algo significativo que Jung introduziu definitivamente nas reflexões sobre a arte é a distinção a ser feita entre signos e símbolos - observe-se, por exemplo, a precisão desta definição: "Pois um símbolo é a sugestão de um significado para além de nossa capacidade de compreensão no momento" (BARCELLOS, 2004, p. 36).

A atenção para arte que Jung esmiuçou, de acordo com Barcellos (2004), é especialmente capturada pelas raízes inconscientes da criação, pelos símbolos e imagens eternas da alma que a grande obra de arte apresenta. Ademais, de acordo com Barcellos (2004), Jung trata a produção e a natureza das obras de arte, abandonando completamente uma visão redutiva, que levaria a fatores pessoais alojados na personalidade do artista, o que, por sua vez, nos desviaria da psicologia da obra de arte em direção à psicologia do artista.

Dessa forma, alguns questionamentos foram necessários à minha reflexão neste processo de repensar arte, enquanto, potência energética de criação, produção e caminho para a transformação subjetiva, melhoramento pessoal, crescimento individual ou individuação: O conceito de arte é muito diverso, mutável e varia de acordo com o sabor da história, da política, da cultura ou da sociedade, portanto, devemos pensar em “arte” ou “produtos artísticos”? A arte deve ser desenvolvida de forma sugestionada através de técnicas elaboradas e sistematizadas ou livre, de maneira espontânea? Qual enfoque dar aos seus conteúdos e formas? O material deve ser mais estético informal ou intelectual formal? Devemos interpretar ou fazer uma leitura simbólica?

São questionamentos que vieram à tona, durante a pesquisa, que servem para futuramente adentrar em outros processos de pesquisa mais elaborados sobre arte na perspectiva junguiana, mas não no viés da arteterapia, pois é um campo de pesquisa que não desejo adentrar.

Certamente, não haverá respostas e, sim, possivelmente, elocubrações a partir dessa pesquisa, que não se encerra, antes disso, abre caminhos para o devir. No processo de imaginação ativa, quando Jung (2012) ouviu vozes falando que suas pinturas são arte, este confrontou e disse: não é arte, é natureza. O autor resistiu para que suas produções não virassem obra de arte, para que pudessem ser pensadas como material da alma, do inconsciente.

Jung concebeu um método aplicado à intepretação dos sonhos, da mitologia, da fantasia, portanto, presumo, possivelmente, à própria arte, pois a mesma está no mesmo campo imagético de estudo, prática, reflexões, revisões e compreensão.

Para Jung (2019), a psique pulsa de vida e a vida acontece para frente, ela precisa ser levada adiante. O sonho também serve a esse propósito de “fazer a vida ser levada adiante”, o que significa que ele precisa ter um sentido, uma função que ainda precisa ser realizada pela consciência. Não será esse propósito da arte?

> [...] porque a vida não é só ontem nem fica explicada como se reduz o hoje ao ontem. A vida também é amanhã; só compreendemos o hoje se pudermos acrescentá-lo àquilo que foi ontem e ao começo do que será amanhã (JUNG, 2019, p. 57).

A perspectiva junguiana não tem como presunção encontrar o significado oculto das imagens dos sonhos. As imagens se aglutinam em uma narrativa e elas contam uma história que possui um sentido de ser e dialoga no momento atual com a consciência. Portanto, sintetizar o motivo das imagens estarem juntas naquele

contexto do sonho realizando uma determinada narrativa é compreender, o pressuposto, de que elas dizem, realmente, o que elas querem dizer. Não são formas de encobrir a verdade, mas uma expressão da verdade. Será a arte também uma expressão da verdade?

Este método dialético e analítico leva em consideração a hipótese da existência de um inconsciente psíquico e que não é sugestivo e que resulta num embate, frequente e dialético, entre a consciência e o inconsciente, haja vista que os produtos do inconsciente são simbólicos e representam uma antecipação de uma fase de desenvolvimento psicológico, uma função prospectiva do inconsciente e antecipa um desenvolvimento futuro, não como algo acabado, mas como uma expressão orientada para um fim.

> Lidar com o inconsciente é um processo (ou conforme o caso, um sofrimento ou um trabalho) cujo nome é função transcendente, porque representa uma função que, fundada em dados reais e imaginários ou racionais e irracionais, lança uma ponte sobre a brecha existente entre o consciente e o inconsciente. É um processo natural, uma manifestação de energia produzida pela tensão entre os contrários, formado por uma sucessão de processos de fantasia que surgem espontaneamente em sonhos e visões (JUNG, 2019, p. 92).

A mudança de atitude vai depender não de uma técnica ou da arte, e sim do aparecimento do símbolo atrativo que vai permitir que haja uma modificação, e esse símbolo é algo que não pode ser gestado de maneira artificial.

Na vivência proposta nesta pesquisa, como veremos adiante, não foram utilizadas técnicas, pois não se considerou, como objetivo principal, elaborar produtos e identificá-los como arte, visto que não é arte como se convencionou chamar, e nem deve ser. Desta forma, não corremos o risco de nos perdermos em uma tendência estetizante do que poderia ser a mera compreensão do que as imagens estavam querendo dizer. A proposta foi desenvolver a arte de forma objetiva e subjetiva, com base nas imagens do inconsciente, dos sonhos. Os objetivos permaneceram, assim, ao longo do percurso, irracionais, já que esperávamos apenas que as produções revelassem um significado em si. Não foi um processo formativo de artistas ou obras de arte, mas de individualidades que contemplassem, caso seja útil e possível, processos expressivos de criação estética criativa e criadora.

Percebi que conhecer uma técnica profundamente expressiva atrapalhava a expressão espontânea, pois quando não se tem técnica a vivência flui de maneira mais orgânica. A proposta foi desenvolver a criatividade e as potências latentes, de

cada uma do grupo, de maneira autêntica, livre e nunca forçada, para que não houvesse o impedimento na participação.

Segundo Rosemberg (2018), Jung fez uma crítica recorrente a uma concepção estética do mundo, que considera apenas os aspectos associativos ao belo. Essa concepção estética do mundo, estetismo, sempre pressupõe o que deveria produzir, isto é, a capacidade de amar a beleza. Ela impede um aprofundamento do problema ao desviar os olhos do mau, do feio e do difícil e voltar-se para o gozo. Por isso, falta, também, ao estetismo, aquela força motivadora moral:

> [...] Jung considerava este ponto de vista extremamente parcial, pois desconsidera tudo aquilo que é feio e mau (para a consciência) e não considera, portanto, o inconsciente - e a vida - em sua totalidade (na medida do possível), já que este envolve, também, aquilo que a consciência nem sempre julga como bom e bonito (ROSEMBERG, 2018, p. 130).

O processo criativo é mais um atravessamento do que algo inerente ao humano, portanto, seria interessante denominá-lo, também, de impulso criativo e não de processo. Partindo da premissa que este impulso atravessa a cultura e os séculos, ele é próprio do psiquismo humano. Os arquétipos seriam a manifestação desse impulso organizacional e de desenvolvimento do psiquismo, como processos de organização simbólica humana que a consciência apreende como imagens plenas e geradoras de sentido.

Nesse sentido, os arquétipos são apreendidos pela consciência por meio dos símbolos, pelas formas psíquicas que possuem uma representação consciente, mas cujo significado nunca será clarificado de forma definida. O elemento criativo ou arquetípico é essencial ao desenvolvimento da personalidade e possibilita um novo olhar em relação a si mesmo, ao outro e ao mundo que o cerca.

Quanto à forma e ao conteúdo, intrínsecos nas produções artísticas, a formulação estética precisa da compreensão e do significado material e a compreensão, por sua vez, precisa da formulação estética para formar a função transcendente.

Assim, apenas se deter na formulação estética, talvez não seja o caminho, assim, como se deter apenas na apreciação intelectual, é desviar-se mais ainda dele. A função transcendente vai surgir do confronto dialético de sustentação dos opostos que se complementam.

> Na reflexão de C. G. Jung, o criativo é um processo caracterizado pela função simbólica da psique, a que ele chamou de função transcendente. Todo o processo de reconhecimento e de unificação de opostos na psique, enfatizado por Jung em qualquer nível de experiência em que possa ocorrer,

> torna-se possível através da função transcendente. Ela é a própria função da transformação, e também deve ser encarada corno o objetivo do processo. Devemos aqui compreender a função transcendente fundamentalmente corno urna forma de cognição na qual coexistem urna afirmação e sua contradição: urna operação criativa (BARCELLOS, 2004, p. 29).

Percebi que é necessário haver, ao mesmo tempo, um confronto estético de um lado e um confronto intelectual do outro e, mais ainda, ampliar essas relações: Qual a finalidade dessas imagens? O que esses conteúdos significam para mim, para o outro e para o mundo?

A espontaneidade é necessária para abrir o caminho para a alma se desvelar, se revelar, se esmiuçar entre as nossas facetas construídas diariamente com a nossa própria vida e com a do outro, que nos complementa e integra.

Jung (2019) refere-se à alma como algo que deve ser infinitamente complicada e de uma diversidade ilimitada, impossível de ser aprendida por uma simples psicologia dos instintos. Em seu turno, Baktin (2003) complementa que a alma é uma dádiva do meu espírito ao outro, pois é o todo fechado da vida interior, o qual é igual a si mesmo, coincide consigo mesmo e postula o ativismo amoroso distanciado do outro.

Esta pesquisa me possibilitou um novo pensar sobre o que é a arte, e tal como um estrangeiro em minha própria terra, fui procurando sair de um espaço familiar e adentrar a um novo e complexo mundo desconhecido, o que me permitiu senti-la como um fenômeno que não pode ser limitado à uma expressão meramente particular, mas, sim, uma experiência muito mais ampla, profunda e coletiva.

> A arte nos convida para um outro lugar, para um pulsar, para uma entrega entre a desordem infinita e a grande ordem da vida. A criação num gesto sutil e intenso é a possibilidade de alinhar as forças difusas entre nós, com uma força desconectada muitas vezes chamada de caos. Na arte, nos processos criativos, podemos vivê-los, conectá-los dentro de uma ordem expressiva, num pulsar entre a origem e uma nova percepção diante da vida. Eis o sentido da realização criativa: a vivência expressiva da conexão entre as forças internas e externas, suaves e agressivas, percebidas como singulares e transcendentais (MENEZES, 2014, p. 129-130).

Estes questionamentos, estendidos, se amplificaram e produziram uma decisão e principalmente uma ação: avançar da prática a um campo mais complexo e teórico e buscar, através de um processo metodológico e sistematizado, como o entrecruzamento entre sonhos, imagens e arte podem se relacionar e favorecer possíveis aprendizagens na escola, a partir do simbólico e do diálogo entre o inconsciente e o consciente.

> A obra de e arte na concepção de Jung é vista como símbolo, desta forma, não pretendo esgotar ou esmiuçar conceitos acerca do fenômeno artístico, pois tal como o simbólico, não pode ser traduzível de forma simplificada e consciente, não se resumindo ao mero fazer ou interpretação em leitura de significados e sentidos. Uma arte da possibilidade do devir, do que pode vir a ser, de caminhos desconhecidos e encruzilhadas, que muitas vezes, nos parecem desconexas, mas são plausíveis para nos integrar ao nosso mais íntimo ser, rumo ao nosso conhecer-se (ROSENBERG, 2018, p.26).

Os produtos artísticos são criados a partir da ativação do complexo autônomo criativo e, portanto, suas criações envolvem um processo inconsciente. Não são meros produtos das experiências prévias do artista, mas algo genuinamente novo que não pode ser analisado apenas em termos causais e são sempre abertos a novas significações e evocam a sensação de algo pressentido, mas não totalmente compreendido. Trata-se, pois, de símbolos, mediadores que surgem, ante algum embate psíquico, da cooperação mútua entre a consciência e o inconsciente e, portanto, carrega elementos de ambos.

Rosenberg (2018) ressalta que obra de arte está, assim, mais no âmbito da experiência, quer seja em seu processo de criação, quer seja de recepção, do que no campo de um objeto estático e unívoco. Os elementos inconscientes da obra de arte não advêm apenas de substratos psíquicos pessoais, mas, sim, do inconsciente coletivo, pois é na relação dialética entre obra e artista ou entre obra e receptor que o caráter arquetípico da obra vem à tona e que ela pode, enfim, ser compreendida com maior amplitude.

Nesse viés, corroboro com Gambini (2010) quando reflete a arte como um caminho que leva ao conhecimento, em uma atitude ousada que o leva ao encontro daquilo que era intuído antes de ter forma. É assim que ele cria, mas o resultado não é nem uma fantasia nem uma reprodução, mas uma descoberta.

4 TEATRO DOS SONHOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

> *Quando penetramos no verdadeiro sentido de um sonho, mergulhamos profundamente no segredo do sonhador e descobrimos com espanto que seu aparente absurdo é significativo ao mais alto grau e sua linguagem fala apenas coisas extraordinárias e sérias da alma (JUNG, 2014, p. 152).*

A vivência do sensível me possibilitou um novo pensar sobre a arte, mesmo no perfil de estrangeiro em meu próprio ser, procurei adentrar a um novo e complexo mundo desconhecido, o que permitiu-me transitar por fenômeno que não pode ser limitado a uma expressão meramente particular, mas a partir de uma experiência muito mais ampla, profunda e coletiva.

Neste capítulo são esmiuçados os principais elementos desta discussão, o teatro dos sonhos na aprendizagem escolar e todos os percursos dessa vivência na perspectiva da educação do sensível, no qual teve a participação de professores que foram parte imprescindível para que eu pudesse efetivar esta pesquisa.

4.1 A Unidade Escolar Duque de Caxias

A Unidade Escolar Duque de Caxias está localizada no município de Vargem Grande, na Rua José Vicente, s/nº, Bairro Soldadinho. Faz parte da Rede Pública Municipal de Ensino da cidade. Foi criada pela Lei Municipal nº 254 /1998, de 11 de setembro de 1988 (VARGEM GRANDE, 2019).

Fotografia 1 – Fachada da Escola Duque de Caxias, Vargem Grande – MA



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

A escola reelaborou seu Projeto Político Pedagógico – PPP no ano de 2019 e teve como norte principal um projeto desenvolvido na instituição intitulado de “cem por cento alfabetização – 100% alfabetização – que visa alfabetizar todos os alunos em período adequado à idade/série e tem como missão garantir o acesso e a permanência dos alunos com sucesso, tornando-os cidadãos capazes de sonhar, criar, realizar e transformar através da organização, disciplina e responsabilidade e por meio de gestão e inovação educacional.

A escola, atualmente, atende duas turmas de 1º e 2º anos (primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental), no turno matutino, no horário de 07h15min às 11h15min; e, no turno vespertino, três turmas, sendo uma turma de 1º ano (primeiro ano do Ensino Fundamental); e duas de 2º ano (segundo ano do Ensino Fundamental), das 13h15min às 17h15min; e a EJA (Educação de Jovens e Adultos), no turno noturno funciona do 1º ao 8º ano (primeiro ao oitavo ano do Ensino Fundamental), das 19h15min às 21h30min (VARGEM GRANDE, 2019).

A escola desenvolve seus trabalhos com 21 (vinte e um) alunos no Primeiro Ano e 23 (vinte e três) alunos no Segundo, ambos no turno matutino. No turno vespertino, são 23 (vinte e três) alunos no primeiro ano e 35 (trinta e cinco) alunos, divididos em duas turmas do segundo ano. À noite, funciona a EJA, havendo 10 (dez) alunos no terceiro e quarto anos; 07 (sete) no quinto e sexto anos; e 12 (doze) no sétimo e oitavo ano (VARGEM GRANDE, 2019).

A escola tem, em seu núcleo de funcionários, uma gestora geral, graduada em Pedagogia; uma coordenadora pedagógica, graduada em Letras e especializada em Gestão Escolar; duas secretárias, com formação superior; cinco professoras, todas graduadas em Pedagogia; seis AOSDs (Auxiliar Operacional de Serviços Diversos), sendo um graduado em Pedagogia, outro com o Ensino Médio completo e os demais com Ensino Fundamental incompleto. Há três vigias, um graduado em Letras, um outro com o Ensino Médio completo e ainda um com Ensino Fundamental incompleto (VARGEM GRANDE, 2019).

Vale ressaltar que todos da escola, de acordo com a gestora Antonia Mary dos Santos Corrêa, se dispõem a serem educadores, independente da função que ocupam. Provavelmente, essa percepção contribui para a melhoria dos resultados positivos alcançados.

Um dos aspectos a ser destacado nesta escola e mencionado acima é o Projeto 100% Alfabetização, que propõe substituir o quadro de giz por recursos pedagógicos.

A escola saiu do espaço do fazer pedagógico tradicional e se lançou através de atividades lúdicas, artísticas e culturais, um processo que a criança experiencia o aprender ao brincar e aprende e ensina, ampliando, assim, a aprendizagem.

Os materiais didáticos, todos adquiridos pelo Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE[13] foram reconstruídos e transformados e sua função ganhou ares de brinquedos e jogos interativos que favorecem a imaginação e criação dos alunos. As professoras apontam que é minimamente utilizado o quadro negro e as crianças não ficam dispostas em fileiras de cadeiras, elas sentam no chão e podem mexer, pular, correr e se expressar quando desejarem, pois a escola anseia ser de fato um organismo vivo, promotora de uma cultura de liberdade, atenta à diversidade de todos os membros da comunidade escolar, o que somente se construirá através do respeito, solidariedade, humanidade, coletividade e afetividade, declarou a Gestora.

Na contramão dos processos educativos onde manuais são utilizados ao aprendizado em rede, a escola optou em construir seu próprio caminho e é importante salientar o foco no lúdico para construir aprendizagens significativas (VARGEM GRANDE, 2019).

Outro fator importante que contribui para o espaço de aprendizagem se fortalecer é a participação da comunidade: pais, mães e responsáveis sempre estão na escola contribuindo com os projetos, cobrando e ajudando no que for necessário, quer seja para tratar de assuntos relativos ao pedagógico, quer seja para avaliar questões diversas da comunidade, comentaram as professoras.

A escola, desse modo, virou uma referência à comunidade, pois em muitos projetos e programas ela serve como apoio e organizadora de diferentes aspectos, desde o pedagógico às relações desenvolvidas em cada ação. No ano de 2018, participante do Programa de Apoio Pedagógico Institucional- PAPI, instituído pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED/VG, em virtude das comemorações dos oitenta anos da cidade, a escola desenvolveu seus projetos focando a saúde do município. Entre as variadas ações sociais, a principal conquista foi desenvolver e contribuir com as do único posto de saúde da comunidade, revitalizando-o.

[13] Criado em 1995, o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tem por finalidade prestar assistência financeira para as escolas, em caráter suplementar, a fim de contribuir para manutenção e melhoria da infraestrutura física e pedagógica, com consequente elevação do desempenho escolar. Também visa fortalecer a participação social e a autogestão escolar. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/pdde>. Acesso em: 20 de março de 2020.

De acordo com as professoras, a comunidade voltou a utilizar o posto de saúde, que antes estava sem credibilidade. A gestora salienta que a escola é parceira e mobilizadora, uma vez que consegue dialogar e fazer pontes entre a comunidade e o posto de saúde (VARGEM GRANDE, 2019).

A maioria dos alunos faz parte da comunidade do bairro Soldadinho, alguns poucos vêm de bairros próximos e da zona rural. Uma característica que precisa ser ressaltada é o território que a escola ocupa. A mesma não se situa no centro da cidade e, sim, em uma região tida como marginalizada e dita por muitos como uma das mais perigosas e complexas do município.

A alta taxa de criminalidade e o baixo nível de escolaridade dos chefes (as) de família que, em sua maioria, é constituída por trabalhadores autônomos e desempregados são reflexos, possivelmente, da falta de políticas públicas que por anos desfavoreceram o crescimento econômico local (VARGEM GRANDE, 2019).

> A comunidade foi uma invasão fundada por ciganos que chegaram no local na década de 80 e acabaram se fixando nessa área. As pessoas não veem com bons olhos os ciganos e estes, ainda são julgados, pela maioria, relacionados a estereótipos de violência e marginalidade (VARGEM GRANDE, 2019).

O bairro não tem asfalto, saneamento básico, água encanada e muitas das casas ainda são construídas com taipa e cobertas de palhas. A extrema pobreza do local só é amenizada pela presença da escola, que, juntamente com o posto de saúde, representam muito para esta população que vive quase exclusivamente de recursos destinados pelo governo Federal – Programa Bolsa Família, lavoura de subsistência e pequena prestação de serviços (VARGEM GRANDE, 2019).

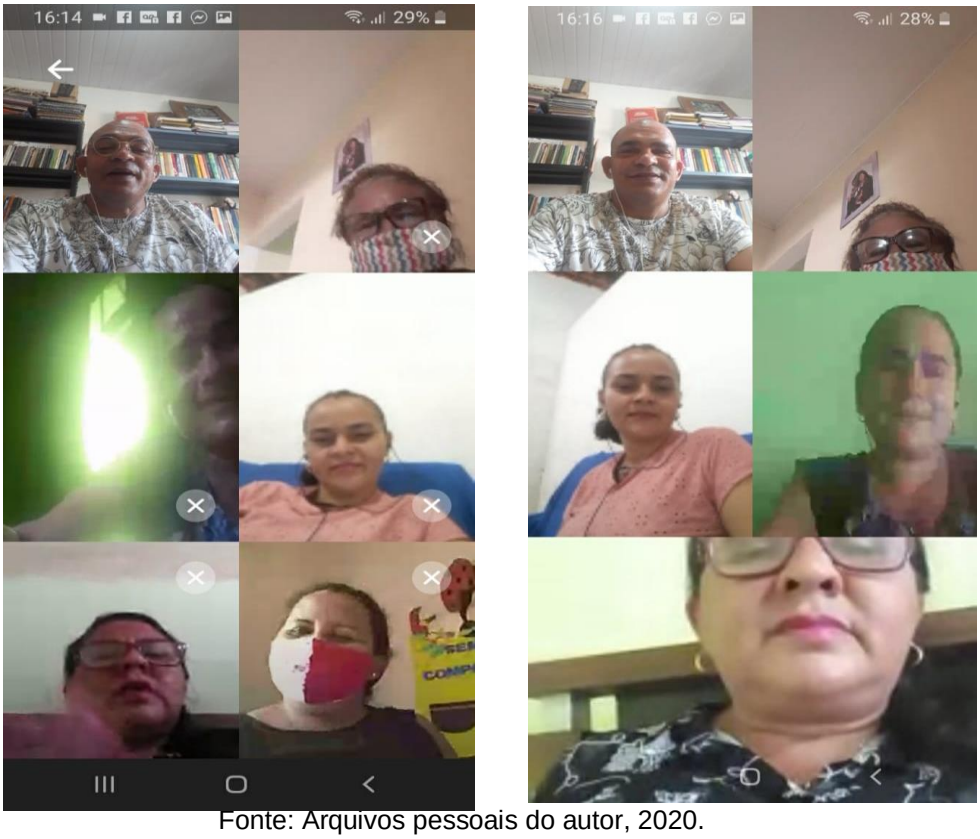
A gestora explicou que havia uma relação complexa entre a escola e comunidade, mas nesses três anos de gestão, a instituição conseguiu construir respeito e admiração, ao verem os objetivos e as metas serem alcançadas, o que permitiu o reconhecimento, a valorização e a aproximação das famílias, pois, através do trabalho pedagógico o desenvolvimento das crianças, se ampliou, isto facilitou o diálogo e a proposição de novas e avançadas metas. A visão da escola como um espaço educativo de referência a nível local e estadual tornou-se palpável pelo desempenho nas avaliações de seus alunos, pela qualidade do seu ambiente interno e relações externas e pelo elevado grau de satisfação das famílias.

4.2 Vivências criativas:

4.2.1 Primeiro Encontro (04 de junho de 2020)

O Primeiro encontro com as professoras da Unidade Escolar Duque de Caxias ocorreu de forma virtual em 04 de junho de 2020, às 15h. Utilizamos, para este fim o *Google Meet*, um aplicativo de videoconferência da plataforma Google, pois, desde março de 2020, o distanciamento necessário, por conta da Pandemia causada pela Covid-19, modificou a metodologia inicial, que seria de forma presencial na escola. Neste contexto, as videoconferências tornaram-se efetivamente o meio mais viável para manter o funcionamento dos mais variados segmentos, sejam reuniões, aulas, cursos e, até mesmo, as pesquisas de campo.

Fotografia 2 – Imagens dos encontros virtuais



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

A minha orientadora de Mestrado, uma semana antes desta primeira reunião, me concedeu algumas dicas, acerca de como esta plataforma, apesar de ser bastante intuitiva, funcionava e maneiras de otimizar a sua utilização: necessidade de uma agenda prévia, testar a funcionalidade, verificação da conexão e velocidade da internet, pontualidade, evitar distrair-se e perder o foco do encontro, atenção às falas

das professoras, receptividade e acolhimento virtual para espaço de aprendizagem coletiva.

Acredito que as tecnologias da informação são, certamente, as facilitadoras do processo comunicativo e, nesse momento, atuam como apaziguadoras dos danos causados pela pandemia, dentre eles o distanciamento que se impôs socialmente. Sem elas, tudo estaria muito mais complexo, difícil e dolorido. Contudo, mesmo compreendendo o momento atual e a necessidade de se manter os cuidados devidos, por conta da propagação do vírus, confesso que as videoconferências não conseguiram suprir as necessidades da minha pesquisa. Mesmo que, a priori, tenha havido uma empolgação pela possibilidade de "estar junto" e iniciar o processo de pesquisa de maneira mais prática e direta, não conseguimos, as professoras e eu, desencadearmos um vínculo de empatia por via remota.

As conexões viabilizadas para minimizar os impactos do distanciamento necessário, infelizmente, não produziram o mais importante, o contato humano, com as energias que emanam dos corpos de forma presencial: o olho no olho, o sentir o outro, o toque.

O virtual não consegue, desse modo, eliminar a necessidade da presença do outro, enquanto corpos em ação. A percepção de seus movimentos de totalidade, o sentimento que vem através de um olhar mais apurado ou de um cheiro mais afetivo, o abraço, o sabor de uma lágrima ou a doçura de um sorriso que por perto, dá vontade de estrar junto e compartilhar as alegrias e tristezas vivenciadas. O outro certamente nos completa se complementa em todas as suas contradições e condições.

Esse "novo momento", não esperado por ninguém, proporcionou inúmeras leituras do que somos, porque somos e pra que somos. Nunca nos sentimos tão sozinhos, mas, ao mesmo tempo, tão próximos e cheios de "afazeres" que se multiplicavam a cada dia; o trabalho e os estudos não podiam parar, assim como a vida. Repentinamente, seminários, webconferências, cursos de aperfeiçoamento, *lives* e reuniões e mais reuniões tomaram conta da nossa solidão e dos nossos pensamentos. Estávamos separados fisicamente, mas juntos virtualmente.

Creio que futuramente o "novo normal", que tem sido enfatizado pelas mídias, proporcionará inúmeras questões a serem refletidas e discutidas e não somente para a compreensão deste período histórico, mas principalmente ao entendimento de como a humanidade se desenvolverá a partir de então. Será que aprenderemos alguma coisa com isso? Quais lições levaremos para nossa vida? Sairemos mais fortalecidos?

Ressalto que este não é o cerne e nem objetivo do meu trabalho, mas, assim como todas as ações no ano de 2020, a minha pesquisa também foi afetada por este novo momento, tendo havido adaptações necessárias na fase inicial deste percurso.

A qualificação da minha pesquisa já ocorreu durante a pandemia. Conforme combinado entre estudantes e instituição, devido ao risco imediato de contágio, o processo não seria completamente de forma presencial, mas de maneira remota e virtual.

A minha qualificação foi marcada para o dia 15 de maio de 2020, às 14h, tendo como banca examinadora a Drª Sandra Regina Simonis Rictcher da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, o Dr. Nilton Sousa da Silva da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e a Drª Ana Luisa Teixeira, também da UNISC, sendo esta última a minha orientadora.

Dentre os alunos do Maranhão, fui o primeiro a realizar a qualificação e também a utilizar a ferramenta de vídeo conferência para esta finalidade. Confesso que antes de sentir orgulho de tal feito, fiquei apreensivo, pois ainda não a dominava de maneira adequada e temia não conseguir a tão necessária qualificação. Porém, como estávamos, aprendendo juntos a enfrentar essa pandemia e dirimir os possíveis efeitos negativos causados, este momento, antes de ser apenas avaliativo, foi de muita aprendizagem e crucial para os encaminhamentos futuros.

O meu cronograma já havia sido modificado para a realização de encontros virtuais com as professoras da Unidade Escolar Duque de Caxias e este início se deu no mês de junho.

O meu contato com as professoras, inicialmente, foi realizado através de conversa informal e convite à diretora da escola, Corrêa. Esta foi a intermediadora entre as professoras e eu. Até então, não tinha tido nenhum momento especifico com as mesmas. Assim, este encontro seria muito significativo para o aceite e continuação da pesquisa por parte das professoras, pois a contribuição e participação das mesmas era fundamental para a realização da pesquisa. Silva e Silva (2006) reflete que a figura do pesquisador não desaparece e nem se dilui, mas entra em articulação com outros sujeitos que também passam a contribuir com a construção do conhecimento.

Alguns questionamentos surgiram: as professoras iriam colaborar em meio a uma pandemia? Como elas estariam emocionalmente afetadas, pois muitas eram do grupo de risco, segundo informações da diretora. Dúvidas, medos, incertezas e havia a novidade do conteúdo abordado: a educação do sensível a partir do teatro dos

sonhos no contexto escolar. Se este era novo para mim, imaginei que também poderia ser para as mesmas, que possivelmente não tinham tido contato algum com algo desse tipo de forma sistematizada, assim acreditava eu.

> O homem é assim, mas que naturalmente medroso, naturalmente ansioso, pois o medo, proveniente de uma condição em que se entrecruzam a curiosidade e a ignorância, não tem em geral, um objeto definido e é perpetuo. Não sabendo o que pode lhe causar algum dano, teme o que não sabe (LIMONGI, 2007, p. 142-147).

Limongi (2007) ressalta, também, que essa ansiedade é uma condição e não a natureza humana na medida em que o medo não define a nossa essência, pois como toda paixão, o medo é uma disposição circunstancial, e se ele está sempre presente na nossa vida é porque certas circunstâncias nos acompanham, a curiosidade e a ignorância das causas. Mas nada nos impede pensar que essas circunstâncias que o conhecimento dessas causas avance de um tal modo que o medo ganhe outros contornos.

Esses medos, iniciais, eram somente meus, pois, se ainda não tinha feito sequer um contato diagnóstico com as professoras, como poderia antecipar o que as mesmas conheciam ou avaliar seus possíveis interesses?

Ao escolher o caminho como percurso, compreendi que o difícil não é tão somente a caminhada, em si, que pode ocorrer cheia de percalços e desafios, mas também de alegrias e surpresas, mas o seu início: a complexa arte de decidir que precisamos dar o primeiro passo, a primeira ação, eis o desafio, mesmo com tantos medos.

O início de uma caminhada, para alguns, é algo doloroso e torturante. E para mim, assim foi, principalmente porque o problema nunca foi caminhar, mas iniciar este processo. E para iniciar, foi indispensável coragem e decisão.

O processo junto a minha orientação de pesquisa sempre foi guiado pela liberdade de criar e decidir os caminhos a trilhar, eventualmente apontando becos, ruelas e estradas possíveis. O importante era caminhar. Acredito que, na observação dessa minha dificuldade em “dar inícios”, uma questão sempre foi muito incisiva: acordar metas e principalmente estabelecer prazos que deveriam ser cumpridos a risca.

Esse caminho como percurso me fez refletir e rever o que é o ser humano, como estar humano e principalmente o que é ser professor e como estar professor nos dias de hoje. Estamos sofrendo pelo medo e pelo silêncio amorfo. Uma morte

simbólica acampa em nossas almas e a falta de esperança transborda em nossos corações, portanto, rever práticas de encontros e de estar junto é, antes de tudo, esperançar e prover a humanidade de sua essência através de uma educação com alma. O ser humano tem uma ânsia de transformar. Como eu vou saber? Para que eu vou saber? Será possível prover essa arte do encontro que, talvez, possibilite a reconstrução do humano e do ser professor?

Um percurso como ato amoroso torna-se um espaço do lugar do estar quando a acolhida se propõe pela possiblidade e capacidade, de singularmente, aceitar que os conteúdos que nos atravessam são sensíveis, mas que não são somente nossos e, sim, de todos. Essa experiência que nos habita pode amplificar quem somos e favorecer novos caminhos de construção de novos seres que não se emergem através de uma educação forjada em sua superfície e aparência. Eis o passo inicial da caminhada.

Assim, por meio de muitas conexões e de uma solidão produtiva, que o primeiro encontro com as professoras da Unidade Escolar Duque de Caxias aconteceu.

De início, aconteceu a apresentação de todas[14] as participantes, questionei como elas estavam vivenciando esse processo de pandemia e exclusão imposta? Sequencialmente, selecionaram palavras-chaves sobre este momento e que, possivelmente, refletiam seus sentimentos:

a) Medo;
b) Temor;
c) Tristeza;
d) Receio;
e) Saudades.

Monteiro ressaltou que *esse período está sendo um momento muito doloroso para todos nós, pois, muitas pessoas estão adoecendo e não temos o que fazer a não ser orar por todos para que acabe com tudo isso.* Mendonça avisou: *há uma professora que não poderá participar porque está se recuperando da COVID-19 e cuidando da mãe que está também adoentada. O mais difícil é não entender direito como isso está acontecendo com todo mundo. Faltam informações e a gente se sente insegura com tudo isso.*

[14] Até este momento a participação era exclusiva de professoras. Por isso, o uso dos artigos no feminino. Porém, escolhi continuar utilizando o artigo feminino, mesmo após a presença do único professor participante.

Todas tinham familiares ou pessoas próximas acometidas pelo Corona vírus, o que ficou demonstrado pelas palavras de temor produzidas pelo coletivo. Corrêa mencionou a saudade da escola, do trabalho e de todos os alunos: *acho que esse momento é definido pelo medo e pela saudade. Não sabemos, ainda, como sairemos dessa, mas temos que ter fé.* A palavra saudade citada por Corrêa foi amplamente discutida, referindo-se ao espaço do trabalho realizado com as crianças da escola, bem como do afeto diário perdido e hoje só estendido a poucos familiares. *A ausência do abraço, do afago, das palavras, dos olhares, do dia a dia estava fazendo falta,* relatou Corrêa. Essa fala foi essencial para que percorrêssemos pela narrativa da reflexão de suas trajetórias pessoais e profissionais e sobre como suas ausências na escola estavam sendo fundamental para definirem e ampliarem os seus espaços de sentimentos.

Monteiro ressalta que sente falta de tudo: *do barulho, do corre-corre, do lanche, das conversas, das coisas que fazia na escola, dos projetos, das outras professoras, do convívio real, pois nunca pensei que sentiria falta assim, da escola.*

As professoras estavam bastante afetivas e emocionadas neste momento. Este que foi o primeiro espaço de encontro entre elas, de forma virtual e, desta forma, sentiram-se próximas. É lícito mencionar o preparo de todas para o encontro. As professoras estavam arrumadas e bem vestidas como se fossem a um momento presencial. Isso demonstrou, a princípio, o interesse e a importância de estar juntas novamente. *Olha, todas bonitas e arrumadas, até parece que estamos juntas de verdade,* ressaltou Corrêa.

No segundo momento, apresentei o tema, objetivo, intenções da pesquisa e a proposta de desenvolvimento do trabalho. Pautei, de forma especial, a metodologia participativa, e que necessitaria da participação efetiva do coletivo.

As professoras apresentaram motivação, curiosidade e vontade em participar, principalmente pela temática, a educação do sensível a partir do teatro dos sonhos no contexto escolar. Conteúdo este, segundo as mesmas, nunca trabalhado, por elas, em sala de aula.

Costa enfatizou que estava muito curiosa em saber como trabalhar com os sonhos: *Já tinha vontade de fazer teatro e acho que essa será uma boa formação. Precisamos sempre nos aprimorar e conhecer mais um pouco. Eu gosto muito de arte.*

Na apresentação, optei em não revelar processos iniciais específicos e diretivos sobre a metodologia e nem desenvolver conceitos, para que esta construção fosse

verdadeiramente coletiva. As professoras mostram-se ansiosas por oficinas de arte, provavelmente por conhecerem, de antemão, a minha formação inicial como professor de Arte.

As oficinas, com certeza, ajudarão muito as professoras da escola porque tudo o que vier para contribuir com os nossos alunos, a gente concorda. Aqui é uma família muito unida e nós gostamos de fazer essas coisas de arte, comenta Mendonça.

Ao serem questionadas se elas sonhavam, muitas explicitaram que não sonhavam, outras revelaram que não se lembravam dos sonhos e que nunca tinham sequer pensado na importância dos mesmos. Para a grande maioria, os sonhos eram algo natural, mas de menor interesse.

Eu não sonho. Se eu sonho, não me lembro, relata Corrêa*. Eu creio que os sonhos são coisas da nossa cabeça, pois a gente sonha com aquilo que fazemos durante o dia. Eu lembro de muitos dos meus sonhos. O único problema é quando eu tenho pesadelo,* completou Monteiro.

Von Franz (2018), a respeito do ato de não lembrar do sonho, nos revela duas situações: quando a pessoa vive uma vida extrovertida demais, muito voltada para o exterior e que, sem a devida tranquilidade, cria um problema energético. O inconsciente tem necessidade de certa energia para engendrar um sonho e, também, quando, por alguma razão, a pessoa não gosta de seus sonhos.

Refleti que a partir deste momento, os sonhos, seriam o nosso principal conteúdo. Von Franz (2018) acrescenta, pois, já que os sonhos exprimem o instinto, podem e conquanto possamos lê-lo e decifrá-los, fornecerem indicações sobre os caminhos que devemos seguir.

Ponderei que as mesmas precisariam registrá-los em um caderno, todos os dias, ou pelo menos o que se lembrassem. Poderia ser a narrativa completa, frases ou palavras e, se possível, transformá-los em imagens. A ideia era escrever ou desenhar seus sonhos, de maneira bem simples. Este passou a ser um compromisso diário.

As professoras explicitaram como positivo este momento, sendo percebido como uma nova dinâmica de trabalho e de ampliação de conhecimento. Nossos encontros de pesquisa passaram a ocorrer, conforme o acordado, todas as quartas-feiras, às 15 horas, e que cada uma iria registrar seus sonhos em um caderno.

A proposta de cada encontro foi realizar processos de escuta e prosseguir com o caminhar, para favorecer o autoconhecimento, de ambas as partes, um aprendizado coletivo e orgânico.

4.2.2 Segundo Encontro (10 de junho de 2020)

No dia 10 de junho de 2020, realizamos o nosso segundo encontro, que não foi possível pelo *google meet*, assim, optamos por realizá-lo via *WhatsApp*. Iniciamos com um breve resumo do que foi discutido no encontro anterior e as boas-vindas foram realizadas pela leitura do texto de Clarisse Lispector, extraído do livro As palavras: “Escrever é o mesmo processo do ato de sonhar. Vão-se formando imagens, cores, e sobretudo uma atmosfera de sonho que parece uma cor e não uma palavra” (LISPECTOR, 2018, sem paginação).

A partir desta leitura, perguntei às professoras qual o sentido dos sonhos e se haveria um conceito para o ato de sonhar. O objetivo foi sondar ideias e pensamentos inicias:

Monteiro disse que *o sonho é a própria Imaginação e fantasia acontecendo, que temos ao dormir. Sonhar é o ato de imaginar e relembrar*. Pereira, continua: *o sonho é o pensamento que todos temos durante o sono*. Corrêa ressalta: *o sonho é o ato de realizar e conquistar*. Já, para Costa, *sonho é a imaginação de nossas esperanças.*

Assim, iniciaram as reflexões acerca dos sonhos, optei em não trabalhar com conceitos fechados, mas vivenciá-los através de imagens e compreendê-los como meio de ativação da imaginação necessária à criação e à criatividade do que viria à frente, em um processo vivo e dinâmico, evitando as formalidades educativas de solidificar conceitos e definições à luz de teorias, que, neste momento, de nada adiantariam. Hillman (2018) nos revela que as imagens evocam e carregam mais inconsciência com elas. Elas falam para o inconsciente, ao passo que os conceitos falam para a consciência.

Von Franz (2018) reflete que a intepretação dos sonhos não é algo puramente racional, é uma arte, que necessita de uma sensibilidade artística; é necessário um sentimento. Partindo dessa premissa, que o sentimento e a linguagem devem estar permeados por conexões, o terceiro momento foi destinado à socialização dos sonhos. Algumas professoras não o fizeram, ou os sonhos não eram lembrados ou

elas haviam esquecido de fazer seus registros no ato de acordar, uma vez que não era algo comum nas suas rotinas diárias.

Mendonça relatou sua dúvida quanto ao registro dos sonhos: *se eu não consigo lembrar deles e também, eu nunca fiz isso, como fazer os registros? Acho que tenho que ir de pouco a pouco escrevendo como se fosse um diário, não é?*

Refleti com as professoras que esse registro não deveria ocorrer de forma opressora e obrigatória, mas um momento prazeroso e pessoal de cada uma. No início, seria difícil, mas, no decorrer, poderíamos verificar se estava mais fácil ou não. Um direcionamento era anotar as lembranças essenciais que sejam por narrativas escritas completas, quer sejam por palavras-chaves ou imagens.

Explicitei, ainda, que elas não se preocupassem se um dia ou outro não houvesse registro, o importante era registrar os sonhos sempre que possível e de maneira livre e simples.

4.2.2.1 Primeira contação dos sonhos

O primeiro sonho foi relatado por Corrêa que mencionou sonhar com a escola, não exatamente com seu espaço físico, mas o de uma atividade escolar sendo realizada: *ontem eu sonhei com um jogo de bola no bairro Soldadinho, aqui próximo da escola. Acredito que esse sonho ocorreu porque no dia anterior estava olhando algumas fotos antigas de um lazer que fizemos como os pais em comemoração ao seu dia.*

Hall (2007) nos indica que, na concepção junguiana, os sonhos estão continuamente funcionando para compensar e complementar a visão vígil que o ego tem da realidade.

> A interpretação de um sonho permite que se preste um pouco de atenção consciente na direção em que o processo de individuação já está se desenrolando, embora inconscientemente. Quando bem-sucedida, tal associação de vontade consciente e dinamismo inconsciente promove o processo de individuação com mais rapidez do que é possível quando os sonhos ficam por examinar (HALL, 2007, p. 33).

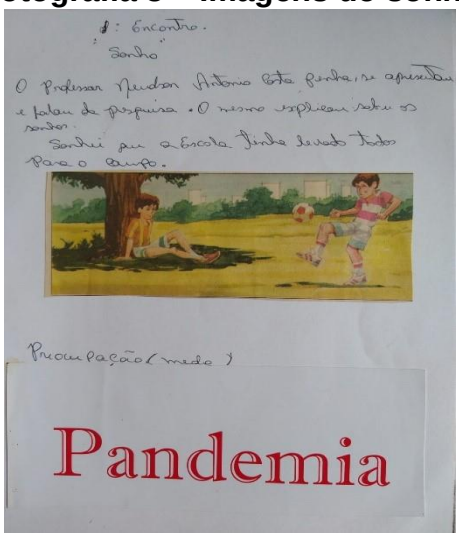
Propus à Corrêa algumas perguntas no intuito de fazê-la lembrar mais do sonho, dos seus detalhes ou de algo marcante em sua narrativa: quem estava no sonho? Você reconheceu alguém presente? Qual o local? Você lembra das cores ou dos sons? Que sensações foram despertadas, de imediato, ao acordar?

Corrêa relatou*: lembro de eu estar no jogo, mas as outras pessoas eram desconhecidas. O local era o campinho de bola, próximo da escola, aqui mesmo no bairro Soldadinho, onde sempre estamos realizando ações de esporte e lazer. O mais engraçado é que a cores usadas pelos jogadores eram o branco e o vermelho, que são cores que não usamos na escola com frequência. A palavra que resume o sonho é saudade e preocupação. Acho que estou com saudade da escola, mas também com medo*.

Os sonhos, de acordo com Von Franz (2018) são, às vezes, como pacotes de imagens, mas, quando vamos contá-los, é necessário transformá-los numa sequência discursiva de cenas, pois que é uma função da intuição, que é uma percepção, através do inconsciente, essa forma de ver um conjunto de coisas, em bloco.

Para Hall (2007), os motivos de um sonho podem referir-se ao presente, ao passado e indicar pessoas reais, vivas ou mortas, ou figuras totalmente desconhecidas na vida vígil. Pela cuidadosa atenção a esses detalhes, é possível inferir que partes da psique e partes da experiência passada do ego estão consteladas na mente, por ocasião do sonho. A atenção a essas áreas, mesmo sem uma interpretação formal do sonho, pode conduzir o processo na mesma direção do fluxo natural de individuação.

Fotografia 3 – Imagens do sonho



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

A professora tentou buscar uma causa para o sonho e não uma finalidade. Ao descrevê-lo, ela suscitou sentimentos, emoções e sentidos que a pandemia teria originado como o medo e a preocupação ao lado da alegria de estar junto com as pessoas da escola. As outras professoras concordaram com o efeito causal deste

sonho e, neste início, todas as falas estavam direcionadas a um motivo, razão e circunstância para a existência do sonho. Elas estavam tentando interpretá-lo de diversas formas, como mostra Mendonça: *acredito que o sonho não queria incluir as pessoas da escola na alegria do jogo, porque Mary não conhecia nenhuma delas, ou, talvez, Mary não tenha querido sonhar com os pais, alunos porque sabe que eles não podem se aglomerar.*

Costa ponderou: *será que ela não sonhou com este jogo só porque tinha olhado as fotos de manhã? Aí, ela sonha com o que ela passou. Às vezes acontece isso, né? Da gente sonhar com alguma coisa que marcou a gente durante o dia.*

Explicitei que não tínhamos respostas e nem caminhos seguros. Pontuei que o que poderíamos fazer seria dialogar sobre as possibilidades. Enfatizei o fato de discutir a interpretação a partir desse diálogo, observar seus conteúdos e imagens com vista à possibilidade do aperfeiçoamento pessoal, pois, como Von Franz (2018) sinaliza, é melhor, de acordo com Jung, começar do começo com aquilo que podemos fazer, com nossas potencialidades, em vez de ir roubar os resultados dos outros.

Hillman (2018) nos desperta a pensar que não há necessidade de um clique para nos dizer o caminho; não há chave correta para o sonho, pois ele está envolto em suas combinações de imagens e devemos alternar entre todas elas, o caminho errado num sonho ocorre quando tomamos apenas um único caminho e não podemos forçá-lo a uma única verdade.

Nesta oportunidade, Pereira nos questionou como os sonhos poderiam nos ajudar e nos aprimorar? Aproveitei esse questionamento para destacar a significância da pesquisa participante e o desafio de estarmos juntos. Propus um trabalho de visualização criativa onde se imaginassem dentro de um barco em um mar revolto e, ao mesmo tempo, todas, comandando um único leme e também com um só desejo, chegar a algum lugar; porém, não tínhamos mapa e nem bússola que nos guiassem, apenas dicas e suposições de que talvez pudéssemos chegar (ou não). As dicas e suposições eram os sonhos e o que fazer com eles ou como transformá-los em possíveis guias, era o desafio coletivo.

Não havia nada de concreto neste processo de utilização dos sonhos e sim, uma construção a partir do mesmo. Desta forma, não poderíamos dizer aquilo que não sabíamos. Por tanto, partiríamos e apontaríamos não para o passado e, sim, ao futuro, à uma síntese de criação de algo novo. Iríamos construir a partir do material dos sonhos não como algo acabado, mas como uma ficção, não em seu conceito

tradicionalmente usado, mas uma ficção retirada de uma narrativa poética do inconsciente, que produzirá algo de suas próprias condições e que possui sentido e validade.

Desde o início, foi compartilhada com as professoras a ideia de uma pesquisa que não seria realizada através de processos formativos tradicionais onde constasse conteúdo, metodologia, métodos e técnicas, mas vivências que, permitissem a todas, de forma real e concreta, estar participando de sua constituição.

Senti um silêncio profundo, neste momento. As professoras me olhavam pela tela do computador, não apreensivas, porém, curiosas de como todo esse trabalho seria desenvolvido.

O segundo sonho foi socializado pela professora Reis:[15] *eu estava sozinha em uma estrada e cada vez que andava, o caminho se enchia de água barrenta, foi quando avistei uma casa com uma porta aberta. A água continuava a subir. O local agora era o parque dos Buritis[16]. Na casa apareceu um homem nu e perguntei a ele onde tinha uma torneira para pegar água limpa. Ele estava nu, mas isso não me causou incômodo, apenas estranhamento*.

Realizei novos questionamentos: quais imagens e sentimentos, de imediato, surgem quando você lembra do sonho? A resposta dada foi: *estrada, rua, mato, água, pessoas e mato e o sentimento de esperança*.

Hillman (2018) enfatiza que o sonho é ele mesmo sua melhor intepretação, pois, ao invés de traduzi-lo e localizá-lo dentro de um ou outro significado, é necessário amplificá-lo, permitindo que ele fale em múltiplas reafirmações. Este processo, de fazer analogias, termina com um literalismo que deseja afirmar o que o sonho verdadeiramente significa.

A proposta era tentar fazer brotar imagens não buscando interpretações no sentido literal, mas provocando reflexões analógicas do por que as imagens diferiam entre a narrativa do sonho e do sentimento aludido.

> Uma imagem não pode ser algo apenas estabelecido diante de meus globos oculares, ou mesmo diante do olho de minha mente, visto que a imagem é também algo na qual entro e pela qual sou abraçado. As imagens nos sustentam, e podemos estar nas garras de uma imagem. De fato, elas podem vir de nossas profundezas mais viscerais (HILLMAN, 2018, p. 68).

[15] A professora Joelice Silva Reis (Reis) participou apenas dos momentos virtuais. No período dos encontros presenciais estava, de acordo com a mesma, passando por problemas pessoais relativos a cuidados de saúde.

[16] O parque dos Buritis é um espaço da cidade destinado a eventos culturais e esportivos.

O terceiro sonho, relatado por Pereira foi associado ao sentimento de fé: *eu estava com todos os profissionais da escola e era época de Festejo de Nossa Senhora de Aparecida. Todos estavam felizes e sorridentes. Mesmo na pandemia, estávamos juntos e muito contentes.*

As palavras-chaves que foram retiradas dos sonhos, tais como*, saudade, preocupação, esperança* e *fé* deram o pontapé inicial aos nossos trabalhos, porém, não sabíamos ainda se estas saíram da imaginação, em um processo de associação ou se, inconscientemente, estava, de alguma forma, se abrindo para o sensível processo que estava por vir. Desta forma, deixei a elas tarefas para a casa: continuar o registro dos sonhos, fazer analogias crescentes dessas palavras, amplificando-as, ou, como ressalta Von Franz (2018), expandir o tema, através de imagens, quer sejam sonoras, imagéticas ou corporais.

4.2.3 Primeiro Encontro presencial (19 de agosto de 2020)

Com o fim do último encontro virtual, gerou-se, em mim, uma certa insegurança. Nos encontros que tivemos, nunca foi possível reunir todo o grupo, sempre alguém se ausentava.

Confesso que fiquei muito triste com a possibilidade da não continuação dos encontros e mais ainda com o pensamento de que, provavelmente, as professoras não teriam gostado e não desejassem mais participar. Apesar de estarmos, frequentemente, nos comunicando através do grupo de WhatsApp criado para este fim, a apreensão se instaurava, pois não era o meu desejo trocar de grupo e nem de escola.

A gestora da escola, Corrêa, me acalmava ressaltando que, por conta da pandemia, as professoras ou estavam cuidando de algum familiar adoecido ou tinham problemas de acesso à internet, mas que logo, poderíamos dar continuidade. Segundo Corrêa, *muitas pessoas estão adoentadas ou cuidando de algum doente. Por exemplo, a professora Joelice nem vai mais poder participar porque está muito ocupada cuidando da mãe. [...] Acredito que as pessoas estão muito sensíveis com essa história de Corona vírus e também tem muita formação virtual acontecendo ao mesmo tempo. [...] para a escola o trabalho fez foi aumentar, mesmo de forma remota.*

Com a diminuição do número de casos e de infectados na cidade, o *lockdown*[17] ou confinamento obrigatório, imposto de maneira preventiva em maio de 2020, finalmente tinha cessado. Todos os serviços públicos foram, pouco a pouco, dentro do viável, voltado à "normalidade". Os alunos não voltaram a ter aulas presenciais, recebiam atividades virtuais planejadas e organizadas pelas Secretarias de Educação, quer sejam municipais ou estaduais. Todos os profissionais da educação, exceto os de grupo de risco, retornaram, de forma escalonada e em apenas um turno, aos seus trabalhos. Este foi o momento em que ponderamos acerca da viabilidade de também retornar nossos encontros, agora de forma presencial. Todas concordaram com o retorno.

Costa confirmou: *nós estaremos na escola, em plantão, para receber as atividades impressas[18] dos alunos e tirar suas dúvidas, sendo assim, não vejo problema em nos encontrar. A escola tem todos os equipamentos de proteção individual, temos máscaras e podemos tentar se todos concordarem.*

A partir de então, foi possível, finalmente, continuarmos as nossas vivências de forma presencial e com a participação de todas. Ficou decidido que, às quartas-feiras, nos reuniríamos na escola, no turno matutino. As professoras que trabalhavam no turno vespertino, excepcionalmente, se fizeram presentes no matutino, sem prejuízo de frequência no trabalho obrigatório e, assim, tivemos 100% de participação.

Solicitei ao Secretário Municipal de Educação de Vargem Grande autorização para realizar a pesquisa na Unidade Escolar Duque de Caxias e justifiquei minha ausência[19], às quartas-feiras, no meu ambiente de trabalho, para que pudesse estar disponível na escola, uma vez que, eu atuava, neste período, como Chefe do Departamento de Planejamento e Avaliação da SEMED – VG, sendo prontamente atendido.

---

[17] Um lockdown, ou em português bloqueio total ou confinamento, é um protocolo de isolamento que geralmente impede o movimento de pessoas ou cargas. Os lockdowns também podem ser usados para proteger pessoas ou, por exemplo, um sistema de computação de uma ameaça ou outro evento externo. No início de abril de 2020, 3,9 bilhões de pessoas em todo o mundo estavam sob algum tipo de lockdown — mais de metade da população mundial. No final de abril, cerca de 300 milhões de pessoas estavam em lockdown em países da Europa, enquanto cerca de 200 milhões de pessoas estavam em lockdown na América Latina. Quase 300 milhões de pessoas, ou cerca de 90% da população, estavam sob alguma forma de lockdown nos Estados Unidos, e 1,3 bilhões de pessoas estavam em lockdown na Índia. Lockdown. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lockdown> Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

[18] As atividades impressas foram uma alternativa aos alunos que não tinham acesso às atividades virtuais.

[19] Neste período estava trabalhando como chefe do Departamento de Planejamento e Avaliação da SEMED- VG – Secretaria Municipal de Educação de Vargem Grande.

O primeiro encontro foi muito produtivo, pois tive a oportunidade de conhecer, pessoalmente as professoras, bem como o espaço da escola. Vale ressaltar que ainda não tinha ido à mesma e nenhuma reunião presencial havia ocorrido com as participantes. Desde o início, toda a comunicação foi realizada através de mensagens e ligações telefônicas por conta do isolamento social imposto.

Era um espaço, literalmente, de descobertas. Apesar de trabalhar na cidade há dez anos, e destes, sete foram na Secretaria Municipal de Educação, confesso que não havia tido contato pessoal com nenhuma das participantes, eventualmente posso tê-las encontrado em reuniões formais ocorridas para o planejamento de algum projeto demandado pelo Departamento que trabalhava ou talvez, em ocasiões de formações continuadas de Arte, que, muitas vezes, eram realizadas com um grupo maior de professores e, se ocorreu, o contato fora mínimo.

A ausência de um contato real, e não apenas virtual, antecipado me deixou deveras apreensivo, pois acredito ter uma imagem bastante controversa na cidade por conta da minha forma pessoal de trabalho: direta, objetiva e exigente. Novas perguntas e formas de pensar foram se delineando, juntamente ao medo de não conseguir desenvolver a pesquisa: como realizar uma pesquisa participativa e conseguir criar um ambiente saudável e criativo sem imposições e direcionamentos que poderiam não facilitar o processo de participação de todas?

Creio que essas ponderações foram necessárias ao encaminhamento de todo percurso, já que, pensar em um ambiente que se deseja formativo é, antes de tudo, pensar no outro como alguém que também ensina, onde a troca de ideias, através do diálogo e do respeito mútuo, possibilite a capacidade criativa e criadora que só emerge em um espaço de vivências e não apenas de encontros formais.

Adentrar num espaço ainda não descoberto ou familiarizado possibilitou, verdadeiramente, a organicidade das relações afetivas necessárias à criação de um processo criativo, criador e dialógico, como veremos mais adiante.

Neste primeiro encontro, participaram cinco professoras e optei em realizar um momento de reconhecimento informal do espaço físico escolar. Convidei a todas a realizarmos uma visita pela escola e que apresentassem a mim todos os seus espaços. Essa era uma maneira de refletir como as professoras e gestoras percebiam seu ambiente de trabalho.

A escola é bem pequena e conta com três salas de aula, uma secretaria, uma sala de leitura, uma cozinha e dois banheiros. Todos os espaços estavam limpos e as

salas arrumadas e coloridas, mas cada uma das salas tinha características próprias com cores que se destacavam: verde, azul e amarelo.

Em ralação à estética da escola, Corrêa ressalta que: *cada professora arruma sua sala de aula como bem gosta. Nós ficamos somente atentas para que não fuja de um padrão adequado, como ausência de imagens de crianças negras[...]. A nossa escola é diversa, tem aluno de todas as cores, então, é importante que eles se vejam nas paredes, corredores e banheiros.* Mendonça confirma: *Nós temos muita liberdade aqui, é como se todos nós fôssemos uma família. Têm professoras que são mais criativas que outras. Mas todas se ajudam, trocam ideias, tarefas, jogos educativos, dinâmicas e ninguém tem inveja uma da outra. Cada uma faz seu trabalho, mas todas contribuem com tudo.*

A cada apresentação de espaços, todas ficavam muito felizes, com o que estavam mostrando. O mais interessante foi perceber que, mesmo sem a presença das crianças, a escola estava viva. Um espaço colorido e cheio de vida onde as professoras sentiam o prazer em mostrar e dizer que foram elas mesmas que haviam confeccionado cada detalhe da decoração, na maioria das vezes, construídas a partir do material E.V.A.[20], muito popular em nossas escolas, sobretudo nas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Primeira Etapa – anos iniciais.

Os espaços eram instigantes e mais ainda a forma como foram apresentados. Outros funcionários como vigia e agentes operacionais de serviços diversos – AOSD's que, de acordo com a gestora, foram convidados para participar dos encontros, mas não se dispuseram, eram apresentados a mim no andamento do percurso. Todos se desculparam, e mostravam-se motivados a contribuir com o que fosse preciso. Ressaltei que os encontros eram para todos os profissionais da escola que desejassem e que eles teriam a liberdade de adentrar ao processo no momento que bem lhes interessasse.

Apesar do convite, nenhum deles participou. Posteriormente, refleti que temos que aprofundar, quando se trata de formação escolar, as relações com todos os

[20] A sigla E.V.A. faz referência aos principais materiais que integram a composição deste produto: Etil, Vinil e Acetato. Além destes, diversas outras substâncias são adicionadas, como resinas e pigmentos. Entre as suas principais características, estão a superfície emborrachada. De fácil limpeza, o E.V.A também é antiderrapante e não tóxico, além de apresentar boa resistência. Destaca-se ainda a variedade de cores e também de gramaturas disponíveis. Para torná-lo ainda mais popular, os fabricantes têm investido na produção de placas de E.V.A. incrementadas. Há modelos enfeitados com diversos desenhos, como flores ou bolas – e até mesmo glitter. Disponível em <https://pedagogica.com.br/placas-de-e-v-a/> acesso em 11 de janeiro de 2021.

profissionais e não apenas com professores. Enquanto espaço formal de ensino e aprendizagem, na escola, todos precisam ser educadores. Informalmente, a gestora Corrêa me confessou que ainda é muito difícil estimulá-los a participar de formações. Ainda há um foço hierárquico e cultural que precisa ser vencido nas nossas instituições de ensino da cidade de Vargem Grande.

Após ser apresentado aos espaços e aos demais funcionários, escolhemos uma sala, a amarela, para dar prosseguimento ao encontro. Formamos um círculo e rememoramos os encontros virtuais. Propus um diálogo sobre suas expectativas. As professoras explicitaram o que pretendiam aprender com esses encontros, que ainda para as mesmas, eram uma espécie de formação ou de oficinas. No geral, as expectativas basearam-se em:

a) Descobrir novos horizontes;
b) Mudar a rotina da sala de aula;
c) Soltar-se;
d) Conhecer novas dinâmicas;
e) Conhecer-se para conhecer o aluno, desbloquear-se;
f) Trabalhar o corpo;
g) Aperfeiçoar o gosto pelas artes e pelo teatro;
h) Perder a timidez;
i) Dinamizar a prática pedagógica, pois os alunos querem coisas que os deixem mais soltos.

Desta forma, iniciamos o nosso primeiro trabalho corporal, que tinha como objetivo estimular a participação e integração das participantes.

O primeiro momento deste processo deu-se através do alongamento, por mim denominado, de alongamento básico corporal-ABC, cujo objetivo principal é possibilitar um despertar do corpo, através do exercício de movimentos simples. Esses movimentos foram executados de forma leve e prazerosa para não forçar a estrutura corporal das professoras, que, em sua maioria, ressaltaram, estar em um momento sedentário.

O segundo momento foi de aquecimento e de experimentação espacial para despertar o interesse real e a percepção consciente do espaço, de si e do outro, através de um jogo de orientação.

Indiquei que as professoras andassem pelo espaço e percebessem tudo o que o compõe, ou seja, elas teriam que ir do olhar mais superficial que o espaço lhes

possibilitasse ao mais subjetivo, analisando através de suas percepções à descoberta de coisas que antes não haviam sido percebidas. Spolin (2001) divide o espaço em três: imediato, a área mais próxima de nós; o espaço geral, que é área de localização; e o espaço amplo, que é a área que abrange o que está fora. Estes espaços foram explorados nos jogos de percepção e nos aquecimentos em todas as vivências.

Em seguida, as professoras percorreriam o espaço e se observaram, entre si, e, através do olhar, encontravam uma companheira e, sem falar e gesticular, se convidavam e passavam a caminhar juntas, lado a lado, formando duplas. Eu indicava como caminhar e explorar os espaços e seus planos (alto, baixo, médio) e em diversos ritmos (devagar, rápido e bem lento). Músicas de diferentes ritmos e estilos foram colocadas. As professoras, então dançavam, em consonância entre o que estavam ouvindo, seus ritmos pessoais e coletivos. Elas não podiam tocar em suas parceiras, e nem se esquivarem do olhar da outra. O foco estava na troca dialógica entre seus olhares.

Após o aquecimento, realizamos o jogo do espelho, no qual, as professoras, ao escolherem uma companheira, faziam movimentos corporais para a outra tentar realizar igual. O foco é sempre o olhar da outra, não perder a vista do olhar da companheira.

> O jogador **b** olha para o jogador **a,** que é o espelho, e **b** inicia todos os movimentos. O jogador **a** reflete todas as atividades e expressões faciais de **b**. Olhando para o espelho, **b** realiza uma atividade simples como lavar-se, vestir-se, etc. Depois de um certo tempo, troque os papéis, sendo que **b** é o espelho e **a**, o iniciador dos movimentos (SPOLIN, 2001, p. 55).

Este jogo foi ressignificado, ou seja, os movimentos corporais que as professoras realizaram tinham, como objetivo, a criação inusitada e diferenciada do que era feito, no dia a dia, explorando, assim, novas atitudes corporais para a descoberta de novas concepções e percepções.

Estes jogos tinham como pretensão estimular a interação ao coletivo, a percepção espacial e corporal e a improvisação, abrindo, de tal modo, as possibilidades corporais espontâneas e criativas. A ideia, também, era trabalhar com o lúdico e o brincar, tão esquecidos nos espaços de formação de professores, que muitas vezes, ocorrem sem o desenvolvimento de aspectos como a espontaneidade e improvisação, que são significativas para a ação docente e, ainda, iniciar o processo de não julgamento durante a realização de quaisquer atividades em que imperem a construção dos elementos de vivência da linguagem cênica ou corporal. Improvisar é

atuar sobre o ambiente e permitir que os outros atuem sobre a realidade presente, como no jogo (SPOLIN, 2001, p. 23).

Antes de iniciarmos a etapa da contação dos sonhos, realizamos a avaliação deste percurso introdutório. As professoras gostaram de vivenciar, através dos jogos, a dinâmica da relação corporal entre o espaço de si, do outro e do lugar. Costa comentou que *é difícil olhar o outro e mais ainda falar com ele através do olhar*. Ela ainda afirmou que *a rotina de sala de aula, às vezes, desviava o olhar somente para o próprio lugar de trabalho e não às pessoas no entorno*.

Os movimentos que a música, o ritmo e a dança estabeleceram foram percebidos pelas professoras como criadores e desafiadores, pois o comando era a busca de movimentos diversificados do dia-a-dia e não de uma dança convencional, como avaliou Mendonça: *fiquei preocupada com essa história de dançar, pois não sou muito boa nisso, mas quando o professor Neudson disse que dançar é estar com o corpo em movimento e que estamos sempre dançando no dia a dia, bastava lembrar de como a gente varre uma casa, lava uma roupa, levanta um copo d'água, tentei realizar minha dança através disso e acho que consegui.*

As professoras ainda estavam muito presas a processos pré-estabelecidos e a julgamentos do que seria o certo e errado. Explicitei que, com o tempo e através das vivências, todas compreenderiam que o processo é de descobertas pessoais e a partir do momento que sentissem que não havia a desaprovação dos outros e nem minha – seria mais fácil, orgânico e espontâneo este fazer.

Spolin (2011) defende que para a instauração do sistema de jogos, o primeiro passo para jogar é sentir liberdade.

> A expectativa de julgamento impede um relacionamento livre nos trabalhos de atuação. Além disso, o professor não pode julgar o bom ou o mau, pois não existe uma maneira absolutamente certa ou errada para solucionar um problema: o professor com um passado rico em experiências pode conhecer uma centena de maneiras diferentes para solucionar um determinado problema, e o aluno pode aparecer com a forma cento e um que o professor até então não tinha pensado. Isto é particularmente válido nas artes (SPOLIN, 2001, p. 7).

Neste dia, não houve relato de sonhos, pois as professoras não haviam realizado o registro e nem lembravam de sonho algum. Por esse motivo, achei válido promover um jogo de apresentação, pois ainda não tínhamos realizado este momento. Cada participante desenhou em uma folha de A4. De um lado, retratariam uma imagem de algo que pudesse representá-las; e, do outro, escreveriam o próprio nome. Antes que cada um se apresentasse, a imagem seria mostrada e apreciada por todas.

Então, as participantes observantes dialogariam com a imagem e o que ela representava sobre a pessoa.

A proposta era formular uma apresentação que fugisse do convencional, permitindo, assim, que todas se conhecessem não a partir de suas falas, nome, idade, profissão, como é costume, mas do que os outros reconheciam na imagem e se havia algo de correspondência e identificação. O objetivo, também, era proporcionar a oportunidade de fala e escuta de maneira dialógica e não impositiva, pois geralmente há uma dificuldade em falar de si, por conta de medos e dos sentimentos limitantes que existem ao ser deparado com possíveis julgamentos errôneos.

Costa se apresentou através de uma imagem com o sol e uma nuvem abaixo dele.

Fotografia 4 – Produção e apresentação da imagem do nome – Costa.



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Corrêa relatou que a imagem do sol representava muito bem a professora Costa, por suas ações criativas dentro da escola e pelo fato do sol ter essa representação de luz, de vibração positiva. Pereira também discorreu sobre esse aspecto da criatividade: *de todas nós, ela é a mais criativa e sempre faz seus trabalhos com esmero e dedicação;* Mendonça salientou a alegria constante que Costa apresenta em suas aulas, *pois ela é muito disposta e o sol é o astro-rei.*

Costa demonstrou surpresa ao ouvir as demais companheiras se referirem a ela sobre esse aspecto positivo da criatividade e alegria, mas ponderou que aquela imagem foi pensada em seu estágio atual de preocupação, pois a ênfase estava na nuvem, que de alguma forma, pode encobrir o sol e que ela estava querendo mostrar

que, apesar de todas as aparências positivas, ela também tem problemas e dificuldades e que, muitas vezes, as pessoas apenas desejam ver o brilho do sol, não percebem que há uma nuvem embaixo desse sol e que todos deveriam também ver as coisas ruins das pessoas, não só o seu lado positivo. *Eu sou humana e apesar de não transparecer quero dizer que também tenho problemas, como todo mundo, apenas faço o possível para não trazer para a escola e para o trabalho*, concluiu Costa.

O relato de Costa suscitou o início da reflexão acerca do conceito de sombra, pela perspectiva junguiana. De acordo com Henderson (2016), Jung mostrou que a sombra projetada pela mente consciente do indivíduo contém os aspectos ocultos, reprimidos e negativos (ou nefandos) da sua personalidade.

> Assim como o ego possui comportamentos desfavoráveis e destrutivos, a sombra possui algumas boas qualidades – instintos normais e impulsos criadores. Na verdade, o ego e a sombra, apesar de separados, são tão indissoluvelmente ligados uma ao outro quanto o sentimento e o pensamento (HENDERSON, 2016, p. 154).

Para Von Franz (2016), a sombra não é o todo da personalidade inconsciente, ela representa qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego. Aspectos que pertencem, sobretudo, à esfera pessoal e que poderiam também ser conscientes. A sombra, portanto, pode também consistir de fatores coletivos que brotam de uma fonte situada fora da vida pessoal do indivíduo.

Na perspectiva junguiana, uma forma de se lidar com a sombra é aproximando-se e se distanciando dela, ao mesmo tempo. Portanto, a indiscutível questão é como lidar com esses aspectos de oposição que são forças poderosas, sem se distanciar e, ao mesmo tempo, se envolver, sabendo que, não se deixar dominar, não é, necessariamente, negar?

> É por isso que é tão importante trabalhar também com a sombra. É somente depois que você tiver passado por essa porta desagradável, através da qual se observa a sombra, que você pode penetrar o céu interior, quer dizer, as camadas da psique que funcionam no estado puro e que não são aviltadas ou neurotizadas pela sombra que se reprimiu. Nesse caso, Freud tinha absoluta razão: há uma camada de repressão em muitas pessoas, fatos reprimidos, desagradáveis etc. que impedem a psique de se manifestar. Há repressões mesmo para as pequenas preocupações diárias. Se você se perguntar: "Por que isso me incomoda tanto? (VON FRANZ, 2018, p. 32).

Fotografia 5 – Produção e apresentação da imagem do nome – Corrêa



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Corrêa mostrou ao grupo uma imagem de uma casa cercada por quatro árvores e um sol à esquerda. Pereira refletiu que Corrêa desejava mostrar que gosta muito do campo e da natureza e gostaria de ser vista como alguém humilde; Mendonça , por já conhecê-la há bastante tempo, concordou com Pereira, pois, *aquele desenho representava a casa no seu sítio, onde, costumeiramente, passa os finais de semana*; Costa ressaltou que a casa poderia representar Corrêa como figura central de sua família e que aquela imagem transparece alguém que se vê como forte, mas que ainda precisa de pessoas reunidas para se fortalecer e frutificar, possivelmente, seus entes queridos.

Corrêa concordou com todas, mas ressaltou a fala de Costa, pois é dessa forma que ela se vê, como esteio da sua casa, como alguém que luta muito por sua família e o seu desenho representava muito isso: *eu queria representar muito isso, o local de descanso que tenho com minha família. Quando posso, eu vou ao sítio, lá eu fico mais livre e longe dos problemas. Queria representar a alegria de estar em um lugar calmo com minha família.*

Segundo Berry (2014), a imagem é uma complexidade de relações, uma inerência de tensões, justaposições e interconexões:

> Uma imagem não é apenas significado, nem apenas relações, nem apenas percepção. Ela não é nem mesmo apenas reflexão, porque nunca se pode dizer com certeza que isto é "a coisa" e aquilo é uma reflexão da coisa. Nem podemos dizer que a imagem é isto literalmente e aquilo metaforicamente. Essas dualidades - coisa versus reflexão, literal versus metafórico - não são imagens, mas, antes, maneiras de estruturar imagens (BERRY, 2014, p. 21).

Nessa perspectiva, a imagem, segundo Hillman (2018), é sempre o primeiro dado psicológico, pois são elas próprias, meio pelo qual toda a experiência se torna possível. Ainda segundo o autor, ela, a imagem, é o único dado pelo qual há acesso imediato. Indica complexidade, pois há uma múltipla relação de significados, de disposições, de proposições presentes simultaneamente. Daí a dificuldade de compreender a imagem por conta do vício da linearidade. A incapacidade de experimentar e vivenciar múltiplos significados vem da necessidade de transformar imagens em história, inserindo-as em uma temporalidade puramente racional.

Fotografia 6 – Produção e apresentação da imagem do nome – Pereira



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Pereira se representou através da imagem de uma árvore com dois galhos e raízes aparentes. Corrêa ressaltou que essa imagem mostrava um pouco de como Pereira se mostra: *ela é muito feliz e alegre e a figura da árvore demonstra isso.* Mendonça analisou a árvore como a representação da própria essência da professora, gostar de coisas naturais, como o campo; Costa observou a imagem de uma pessoa personificada na própria árvore, alguém que está de braços abertos para acolher aos demais. *Ela não transparece essa afetividade por conta da sua timidez.*

Pereira, incialmente, se desculpou por não saber desenhar e que teve dificuldade em encontrar uma imagem que a representasse, por isso, construiu a árvore, símbolo de alguém que é forte e lutadora. *Eu acho que quis fazer uma árvore porque eu já lutei e luto muito na vida. [...] A árvore é assim, ela faz de tudo para sobreviver. Mesmo aquelas que ninguém rega, lá no mato, estão lá, tentando a todo custo viver. [...] fiquei surpresa com o relato da professora Cleomar, pois eu sou muito*

tímida e tenho dificuldade mesmo de expressar meus sentimentos.

Vale ressaltar que, ao lado da escola, há uma enorme árvore, um jatobá[21] , reconhecida por muitos da comunidade como um símbolo forte. Esta árvore é também um espaço de vivências, aprendizagens, diálogos, conversações e histórias do lugar, creio, daí a sua importância. A comunidade é acolhida por ela como uma grande mãe, quando estórias são contadas às crianças; brincadeiras e festas realizadas; pais, mães, responsáveis e comunidade se reúnem e aos seus pés – raízes – decidem, muitas vezes, os rumos pedagógicos da escola.

Acredito que a comunidade tem um apreço afetivo especial pela árvore. Corrêa explanou que, no ato das antigas reformas, quando algum arquiteto teimou, em seus projetos, retirá-la do local, todos da comunidade, se mobilizaram e não aceitaram a sua extração. Segundo Corrêa, *é mais fácil demolir a escola, construí-la em outro lugar do que cortar a árvore.*

Costa acredita que há uma relação de cuidado, ainda não compreendida, das pessoas do local pela grande Jatobá. Talvez, ela ocupa um espaço de observadora e guardiã dos segredos e das memórias que, de alguma forma, a comunidade quer perpetuar. Como cúmplice de todos, deve permanecer, viva, frondosa, velha, anciã, quase morrendo, sobrevivendo.

A árvore, provavelmente, seja o símbolo do inconsciente coletivo de uma comunidade em estado de pobreza e com grandes problemas sociais ainda a serem resolvidos. Ninguém sabe ao certo sua idade. Pereira salienta a dizer que é centenária e que sempre esteve presente, desde o povoamento do bairro*. Sendo mais velha que a escola e a comunidade, ela é o seu centro,* relatou Mendonça. Será que inconscientemente, a árvore, representa a força, a esperança, a persistência de quem sobrevive e sobreviverá por aqueles cantos?

Pontes (1998) nos relembra que a árvore é um arquétipo e símbolo universal mais presente em todas as mitologias, em todas as tradições e religiões, desde o Egito antigo à China arcaica e que sobrevive no imaginário coletivo da humanidade, manifestando-se, até os dias atuais, nas lendas, nos contos, nos mitos e nos sonhos.

[21] Jatobá é originário da língua guarani com o significado de folha dura ou árvore de fruto duro. o nome científico do jatobá: Hymenaea courbaril L., Hymenaea courbaril var. stilbocarpa L., Hymenaea stigononocarpa (Mart.) Hayne. A palavra Hymenaea deriva de "hymen" com o significado de "deus das uniões" em alusão às duas folhas (folíolos) unidas, característica das plantas deste gênero. O nome popular "jatobá" é originário da língua guarani com o significado de "folha dura" ou "árvore de fruto duro". Já o nome "jataí" deriva da palavra guarani "jata-yva" com o significado de "fruto comestível". Disponível em: <www.ciflorestas.com.brwww.arvores.brasil.nom.br> Acesso em: 12 mar. 2019.

Para Cirlot (1984), a árvore é um dos símbolos essenciais na história da tradição de muitas sociedades. Entre os celtas, o carvalho era a árvore sagrada; cinzas, a tília, na Germânia; a figueira, na Índia; o cedro, entre os Guaranis. A árvore, assim, representa, no sentido ampliado, a vida do cosmos, sua densidade, crescimento, proliferação, geração e regeneração.

Vale ressaltar que nos primórdios da humanidade, a vida humana estava associada completamente com a natureza. O humano nada mais era que um simples animal como tantos outros lutando incessantemente para sobreviver. A árvore, portanto, desempenhava um importante papel neste processo de interação natural. Portanto, foi ao lado de uma árvore que nossos ancestrais deram os primeiros passos nesta trajetória que é a humanidade.

> É, pois, nas raízes mais arcaicas da mitologia que podemos descortinar até que ponto as árvores eram sentidas enquanto agentes privilegiados da comunicação entre três mundos, os subterrâneos, a superfície e os céus. Constituíram-se assim, por excelência, manifestações tangíveis da presença divina (PONTES, 1989, p. 199).

A forma da árvore é simbólica e seu simbolismo se relaciona com a transcendência. Para Gambini (2008), ela é o eixo do mundo, pilar de conexão entre céu e a terra. Ela se se encontra em todos os lugares, inclusive em imagens dentro do corpo humano, está presente na história da arte, em diversos mitos, inclusive os amazônicos.

Pontes (1989) cita a árvore cósmica, presente em todas as mitologias, tradições e religiões, como constituinte e pilar central de organização de todo o universo. Nela coexistiam o físico e o metafísico, o natural e o sobrenatural, o humano e o divino.

A árvore tem um forte poder simbólico de força e potência energética de ligação com o imanente, com o transcende e com o desconhecido. Em muitas culturas foi venerada, não objetivamente, mas como a encarnação do poder vital e dos aspectos do sagrado e do divino e relacionada, desde os primórdios, com o destino da humanidade e com a criação da própria vida, configurando-se, assim, como objeto de culto religioso.

> O simbolismo derivado de sua forma uma transformação vertical, em seguida, esse centro no eixo. No caso de uma imagem vertical, uma vez que a árvore reta leva uma vida subterrânea para o céu (3), sua assimilação à escada ou [...] é entendida como símbolo da relação mais generalizada entre os três mundos (inferior, crônico ou infernal; central, terrestre ou manifestação; superior, azul claro) (CIRLOT, 1984, não paginado).

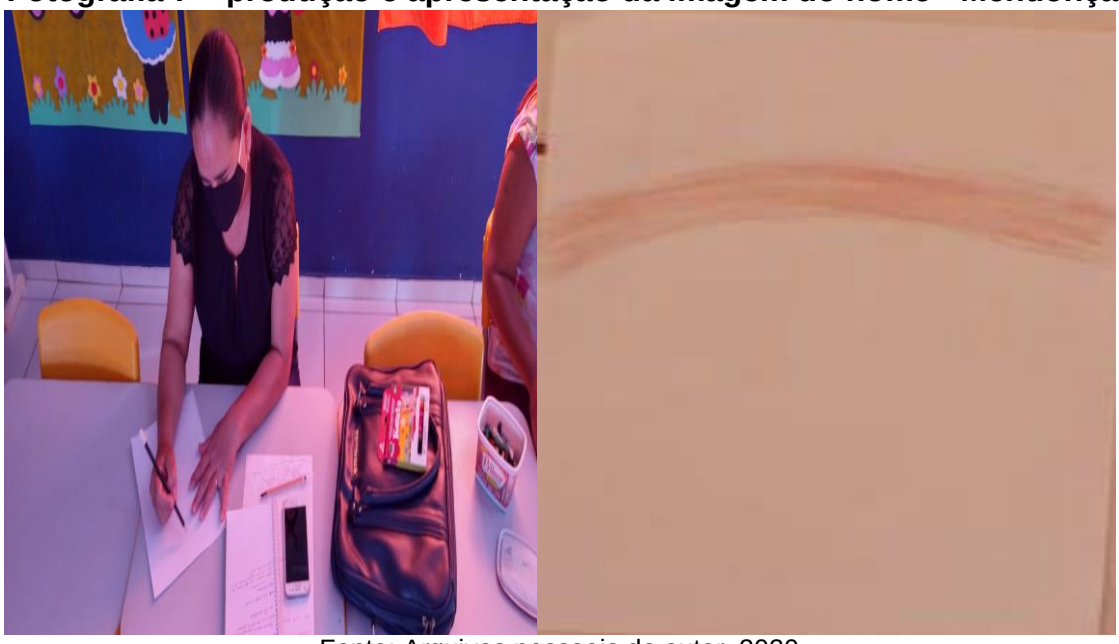
Chevalier (2016) explicita a árvore como símbolo de ligação e relação entre a terra e o céu e Jung (2000) a descreve como o caminho e o crescimento para o imutável e eterno, gerada pela união dos opostos e possibilitando a mesma, através do seu eterno, já existir. Portanto, a árvore pode ser vista como símbolo do desenvolvimento psicológico e do processo de individuação.

> Símbolo da ascensão, a árvore traduz esse anseio que a humanidade carga desde sempre de alcançar – renunciando a fraqueza, a incapacidade e a defeitos- a realização espiritual. Em inúmeras tradições, neófitos e sacerdotes praticam, de forma ritual, a subida a uma árvore sagrada. Ela tornou-se, pois, desde tempos longínquos, ao testemunhar um diálogo íntimo entre o céu e a terra, o símbolo vivo de uma lei universal que exige que homem mantenha e cultive o equilíbrio entre as forças cotidianas e os poderes ouranianos, entre do lado instintivo e o lado espiritual (PONTES, 1989, p. 202).

Desta forma, a árvore é uma imagem arquetípica e símbolo necessário à individuação, processo pelo qual a pessoa se torna inteira, integrando os polos opostos da personalidade em um sistema homogêneo. Essa tendência à autorrealização é algo inato, porém, não é fácil, pois poucos são os que conseguem assimilar seu inconsciente dentro de uma personalidade total.

Este símbolo, como observaremos mais adiante, se mostrou presente em várias imagens trazidas pelas professoras.

Fotografia 7 – produção e apresentação da imagem do nome - Mendonça



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

A professora Mendonça representou um caminho, e, assim como Pereira, se desculpou por não ter habilidades artísticas. Ela aparentava muita vergonha, pois, de acordo com a mesma, não sabia o que fazer e o que desenhar. Os traços simples,

claros e leves revelaram, possivelmente, um pouco da timidez que Mendonça estava sentindo naquele momento ressaltou Corrêa.

Ponderei com o grupo que a imagem era algo muito particular e que, necessariamente, ninguém deveria se preocupar com a forma, pois não estávamos analisando sobre este aspecto e, sim o que a imagem, enquanto símbolo, poderia nos apresentar.

Jung (2013) não entende o símbolo como uma alegoria ou um mero sinal, mas uma imagem que descreve da melhor maneira possível a natureza do espírito obscuramente pressentida.

> Um símbolo não define nem explica. Ele aponta para fora de si, para um significado obscuramente pressentido, que escapa ainda à nossa compreensão e não poderia ser expresso adequadamente nas palavras de nossa linguagem atual (JUNG, 2013, p. 292).

Segundo Hillman (2018), a imagem não representa nada, ela se apresenta:

> A questão em torno da imagem tem um caráter essencialmente operacional: o que fazer com a “coisa” da psique? Como trabalhar com ela? Desliteralizar a própria ideia de imagem é compreendê-la não somente como um elemento audiovisual, alguma coisa vista. Uma imagem psíquica não é algo que eu vejo, é antes de tudo um modo de ver, uma perspectiva sobre as coisas. Pode ser sonora, tátil, pode ser uma emoção, pode estar no corpo (HILLMAN, 2018, p. 14-15).

Hillman (2018) enfatiza, ainda, que o símbolo carrega em si pelo menos uma ideia principal que está expressa em uma imagem e, desta forma, imagem e ideia têm em comum algo da experiência humana que é durável através do tempo. Portanto, o símbolo condensa um grupo de convenções que tende a universalidade, sendo a chave para o reconhecimento dos símbolos, a sua universalidade.

Corrêa refletiu que parecia um caminho e que provavelmente ela estava tentando mostrar algo, mas não conseguia compreender o quê; Pereira explicitou que, *a imagem parecia um caminho de lama, mas não sabia, também, o que isso teria de correspondência com a professora;* Costa também viu um caminho.

Mendonça fez um relato que emocionou a todas: *na realidade, como eu não sei desenhar direito, eu fiz um caminho e queria representar a minha história de vida. Esse era o caminho que eu passava todos os dias, quando ia de casa para a escola e não era fácil. Morava no interior e da minha casa para a escola era muito longe. Eu quis representar essa minha força que tinha para terminar meus estudos. Os caminhos por onde passei e que foram muito difíceis para chegar onde eu estou. As pessoas não sabem o que a gente passa na vida e acham que tudo é fácil, mas, para*

mim, foi tudo muito difícil, mas hoje estou aqui e me sinto uma vencedora.

Fotografia 8 – Produção e apresentação da imagem do nome – Penha



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

A imagem de Penha representava o nascer do sol. Corrêa explicitou: *a imagem mostrava alguém dinâmico e brilhante, cheio de criatividade, espontaneidade e alegria*; Mendonça concordou com Corrêa e ampliou: *alguém que brilha como sol e que sempre está à frente de todos;* Pereira ressaltou que *a imagem traduzia a vida de alguém inteligente, sagaz, muito criativo e cheio de vida;* Costa concordou com todas, mas ponderou que *ninguém estava sabendo ao certo, se era um nascer ou um pôr do sol e que, talvez, Penha estivesse mostrando ao invés de alegria, uma certa tristeza por trás das aparências.*

Muito interessante verificar as analogias das professoras, mas concordei com Costa: *eu justamente estava querendo representar o que está por trás das aparências e que tudo na vida há uma ambiguidade. [...]. Não queria mostrar nada do que foi dito, como alegria, criatividade, inteligência, mas alguém que está passando por profundas transformações nos últimos meses e que necessita reviver para novos desafios profissionais e pessoais. [...] não tinha me dado conta dessa dualidade de nascer e morrer ao fazer a imagem, mas é justamente isso que, inconsciente, quis representar, essa necessidade de morrer para nascer todos os dias*.

Fotografia 9 – Mosaico de imagens



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Este jogo, exercício e ação demonstrou o início da potência e capacidade de leitura de imagens e, assim como a reflexão das várias formas que nos vemos e somos vistos através de imagens simples, mas que condensam uma enorme capacidade simbólica, muitas das vezes, desconhecidas por todos.

Mendonça avaliou: *achei essa forma de apresentação muito boa. Será que dá para fazer com os alunos, pois é simples e muito lúdica, além de profunda. A gente nunca sabe o que falar da gente, mas ouvir o outro falar de nós, através de uma imagem, dá a sensação de que realmente somos mais do que somos ou achamos ser. O mais incrível foi porque falamos cosias que não falamos em uma apresentação normal. Todo mundo se abriu e falou algo que acho que ninguém sabia. Fiquei surpresa, pois conheço a professora Joelma há algum tempo, desde quando viemos trabalhar aqui na escola, mas não sabia dessa parte da vida dela, dos estudos, da dificuldade*, complementou Corrêa.

Pereira explicitou*: eu sou muito tímida e falar o que eu falei de mim e de todo mundo, foi muito bom.* Costa ressaltou: *eu falei particularidades da minha vida que jamais pensei em falar antes. [...] o sensacional foi que todo mundo falou, sem problema, todo mundo se escutou e ninguém teve medo de expor algo de si. [...] isso é uma terapia, mesmo*.

As professoras foram enfáticas em considerar esse momento como muito assertivo, pois houve integração no coletivo, além de trocas afetivas de escuta. Uma

questão avaliada como positiva foi que, em nenhum momento, as professoras explicitaram os problemas da escola como costumeiramente acontece na maioria dos espaços formativos onde o professor se encontra.

Creio que estamos encontrando o caminho do diálogo entre o pessoal e o coletivo, o inconsciente e o consciente. Hillman (2018) quando fala em simbolizar, quer dizer, especificamente, ver imagens simbolicamente ou transformar imagens em símbolos. Desta forma, o tratamento simbólico havia sido iniciado, pois as imagens foram lidas e interpretadas tais como elas tinham sido construídas e não apenas a partir dos antecedentes históricos de cada uma, mas pelo viés do que poderiam ser em um devir, algo misterioso e sem função de casualidade, mas de finalidade. Como algo que estava guardado, as imagens se tornaram símbolos do que não estava sendo dito. Creio que o simbólico, através de uma relação entre o consciente e o inconsciente revela, em palavras diminutas, aquilo que que vem a ser o transcendente.

Neste encontro, aproveitamos para acordar, de maneira coletiva, as nossas vivências, mantendo o que previamente havíamos combinado, elas se dariam todas as quartas-feiras, com início às oito horas da manhã, como duração mínima de uma hora e meia e ressaltei a necessidade que todas usassem roupas leves para o desenvolvimento dos trabalhos corporais.

4.2.4 Segundo encontro presencial (26 de agosto de 2020).

Este encontro teve a presença de cinco professoras e iniciamos avaliando o anterior. As professoras demonstravam estar mais dispostas e interessadas, pois a vivência anterior, através de jogos corporais, as estimulou ao processo, como avaliou Costa: *eu gostei muito do outro encontro, porque houve muito movimento e acho que a gente precisa se soltar mais, já que não estamos acostumadas com esse tipo de movimentação e interação. Quando a gente faz com as crianças, a gente não participa, só manda. Participar é bem mais interessante e legal.*

As avaliações das professoras me fizeram refletir sobre a importância da metodologia de vivências para a incorporação de um diálogo desenvolvido com outras formas que não apenas pela palavra como instrumento racionalizado para legitimar a realidade, mas também pela ação da corporalidade, da emoção, dos sentidos, da estética, do afeto e das potencialidades criativas e criadoras em uma perspectiva não diretiva em contraponto a uma teoria que não se fundamenta e que se estabiliza, a

priori, mas vai se construindo e se instituindo no processo da prática. Vivenciar é sentir com o corpo e com todas as sensações e emoções as possibilitadas de um aprendizado transformador, principalmente pela ação em coletivo, que transforma ao ensinar e vice-versa, através das inúmeras trocas simbólicas.

Pinho (2014) enfatiza que no desenvolvimento dos grupos de trabalho, a possibilidade de expressão das emoções, sejam ela verbais, corporais, vivenciadas ou esteticamente expressadas e despertadas, pode revelar-se como uma condição necessária para a facilitação da transformação pessoal e social, ou seja a potência para a mudança se fortalece para além do conhecimento racional sobre o que fazer ou como fazer para mudar, emergindo da dimensão ativa e do vivenciar sentidos e orientações para as diversas situações existenciais.

Sobre vivência, Pinho (2014) ainda esclarece:

> De um modo imediato, atualmente é bastante comum encontrar a utilização dos termos "vivência" ou "vivencial" na proposição metodológica de intervenções em diversos âmbitos do campo "psi": clinica psicoterapêutica, organizações, escolas, comunidades e outros. Exercícios de dinâmicas de grupo, oficinas de capacitação, treinamentos, exercícios de relaxamento, meditações, jogos lúdicos, jogos criativos, expressões artísticas e tantas outras, constituem o conjunto de técnicas consideradas "vivenciais" (PINHO, 2014, p. 82).

A importância desses encontros foi sinalizada pela possiblidade de experimentar novas formas de realidade, pautadas na ação do afeto, da escuta e no desenvolvimento de uma além-educação que perpassa por um movimento que vai para além da razão puramente, e encontra na encontrando na intuição e no sentimento, o alicerce de um aprendizado orgânico e vivo.

Desta forma, ampliei as relações essenciais para o desenvolvimento das vivências que tiveram a arte como linguagem simbólica necessária para a consecução dos nossos objetivos elencados.

Neste encontro, Mendonça salientou que ficou com o corpo dolorido por conta dos exercícios. As demais perceberam, também, um desconforto corporal. De acordo com Pereira, *esse processo é normal, por conta do sedentarismo, mas que, apesar da dor, acordou mais disposta no dia seguinte*. Assim, o alongamento foi realizado de uma forma diferente. As professoras ficaram sentadas em suas cadeiras, e trabalhamos as diversas partes do corpo, tanto os membros superiores e posteriores para amenizar esse desconforto, além de proporcionar outras formas, lúdicas, de desenvolvimento corporal.

As professoras salientaram, que ainda não haviam realizados exercícios

sentadas, pois acreditavam que só poderiam fazê-los em pé. Observei a elas que dependia muito do exercício e da função específica de cada um. A proposta era alongar, sentir e movimentar o corpo de alguma forma, apesar deste lhes parecer limitado. Corrêa destacou: *agora não tinham mais desculpas para deixarem de se exercitar, pois até mesmo sentadas, elas realizavam movimentos e que estes eram muito bons para serem feitos ao acordar.*

Em seguida, realizamos um jogo para o aquecimento vocal e corporal através da música de roda de tradição popular, escravos de Jó: *Escravos de Jó jogavam caxangá, tira, bota, deixa o zambelê ficar. Guerreiros com guerreiros fazem zigue, zigue, zá.* Esta música tem várias versões nas diferentes regiões do país e é perpetuada, de forma oral, de geração em geração.

Aproveitei o momento para refletir a letra da música, pois as professoras acharam interessante trabalhar com as crianças. Perguntei se ainda era saudável cantar a palavra escravo e se não havia problemas em naturalizar uma posição de lembrança de subalternação imposta de um grupo sobre o outro. As professoras ressaltaram que nunca haviam refletido sobre essa questão e deram exemplos de outras músicas utilizadas, em sala de aula, com este mesmo teor, percebido, por todas, como preconceituoso e racista. Decidimos, então, trocar a cada cantada a palavra escravo por outra que elas escolhessem. Elas acharam interessante e divertido, pois, ao trocar a palavra original por outra, como amigos, parentes, flores o ritmo da música não foi modificado, mas tornava-a mais lúdica. O objetivo era trabalhar o aquecimento das pregas vocais, ritmo e concentração, além de movimentos em formato circular, de ciranda. As professoras gostaram muito e perceberam todos os objetivos desenvolvidos.

A próxima atividade realizada foi o *jogo das três mudanças.* A proposta era observar como cada um percebe o outro. Este jogo é denominado por Spolin (2001) como *jogo da sobrevivência.* Cada professora faz três mudanças para a sua companheira tentar descobrir quais foram. A professora deve olhar a outra que está a sua frente e perceber sua roupa, seu cabelo e etc., então, viram-se de costas e efetuam três mudanças (por exemplo: desarrumam o cabelo, soltam o laço do sapato, mudam o relógio de mão etc.). As professoras, então, voltam a se olhar de frente e identificam quais mudanças sua parceira efetuou. Ao final, trocam de parceiras.

O último momento deste jogo foi a observação de si mesma. O comando era caminhar e tentar se observar, primeiro com os olhos abertos, depois com estes

cerrados. Em seguida, as professoras deitaram no chão e o foco era continuar se observando, sem tocar e nem utilizar as mãos. Utilizei uma música suave para dar um fundo de relaxamento.

Vale ressaltar que esses jogos não tinham sido planejados anteriormente, pois desde o primeiro momento já senti a necessidade de construir vivências mais abertas e sem a necessidade de um tratamento lógico racional. De alguma forma, a força criativa brotaria nos encontros, de acordo com a necessidade de cada momento. Uma das sensações que tive, nesse encontro, foi sobre a fala das dores causadas nos seus corpos, e que isso era um aviso para desenvolver um pouco mais sobre suas percepções acerca de seus limites e como estes podem ser ultrapassados.

A minha experiência em trabalhos com jogos teatrais, em especial na perspectiva e metodologia de Viola Spolin (2001) e Augusto Boal (1975), favoreceram a escolha e utilização de cada jogo para cada momento adequado.

Na contação dos sonhos, todas explicitaram ter tido pesadelos. De acordo com Monteiro, os pesadelos são quando os sonhos não são bons ou são assustadores e nos causam medo. Monteiro foi a primeira a relatar dois de seus sonhos. Ela, diferentemente das demais, tem uma facilidade incrível de relatar e narrar.

Segundo Von Franz (2018), um pesadelo é como um eletrochoque da natureza para um perigo psíquico. O inconsciente grita ao ouvido, quando se está em uma situação muito perigosa e não se tem compreensão da mesma. Conscientemente, não sabemos o que se passa.

O sonho de morte de Monteiro: *na madrugada de 22 de agosto de 2020, tive um sonho ruim. Estava dormindo na minha casa, acordei com um cheiro muito forte de gasolina dentro de casa. Levantei e, quando passava pelo corredor de casa, vi a moto do meu filho com os dois fios cortados e derramando muita gasolina no chão. Então, saí para fora da casa e vi os meus sobrinhos e a esposa do meu filho sentados na calçada e chorando, falavam baixo para eu não ouvir o que eles falavam sobre o meu filho Cleisson. Cheguei perto deles para ouvir melhor, mas eles não viam. Então, fiquei desesperada, pois eu ouvi o que eles falavam e eles não estavam me vendo. Estavam dizendo que não era para contar para mim o que realmente tinha acontecido com o Cleisson e que não era para me contar o que aconteceu de verdade com ele. Se aproximou de mim um rapaz que eu não conhecia e me falou tudo como aconteceu de verdade. Tinha acontecido uma briga com os meus sobrinhos e o meu filho foi ajudar eles para não brigarem. Dois rapazes ficaram com raiva de Cleisson e deram*

dois tiros nele e o mataram. Sendo que ele nem estava na briga, só queria acalmá-los. Fiquei desesperada, pois não sabia onde meu filho estava e os meus sobrinhos não queriam me contar. Então, aquele rapaz falou que os dois homens que tinham atirado no Cleisson já estavam mortos também. Quando souberam o que tinha acontecido com ele, os amigos dele ficaram revoltados, porque ele não estava brigando, só queria acalmá-los. E, então, mataram os que tinham atirado no Cleisson. Estava desesperada porque meu filho não ia voltar mais para casa, também eu não ia ver mais ele. Chorava bastante e perguntava para Deus porque tinha acontecido aquela situação com ele. Falava para Deus que não tinha tempo para me despedir dele, e agora nunca mais ia ver ele. Senti uma dor tão profunda como nunca tinha sentido, um desespero na alma. Acordei em desespero chamando por Deus.

Após o sonho de morte, Monteiro relatou seu sonho de cura: *na tarde do dia 23 de agosto de 2020 sonhei que estava me olhando no espelho e, quando olhava diretamente para meu rosto, percebi que o meu olho direito estava furado. Foi então que percebi que enxergava com o olho direito e o esquerdo não. Me apavorei e continuei olhando para o espelho e vi em direção do meu olho direito duas mãos com luvas brancas vindo na minha direção com uma agulha e linha. Ouvi uma voz que falava para eu ficar parada. Continuei em frente ao espelho, parada e olhando o que acontecia. Aquelas mãos tiravam o globo do meu olho e começou a limpar com uma tesoura e gazes e, em seguida, colocaram o meu olho de volta e em cima do buraco foi dado três pontos e o meu olho ficou perfeito como o outro olho esquerdo. Comecei a enxergar perfeitamente com o outro olho. Estava agora enxergando bem. Então, acordei.*

Mendonça também sonhou com a morte: *sonhei que estava muito doente. Fui ao hospital e lá fui diagnosticada com Covid-19 e que meus órgãos estavam muito comprometidos e acabei falecendo.*

As demais professoras não conseguiram relatar seus sonhos. Desse modo, tivemos, como início, estes três, com o tema principal a morte. Para tanto, solicitei que trouxessem uma imagem que representasse o que significava a morte, pois este seria o assunto na próxima vivência.

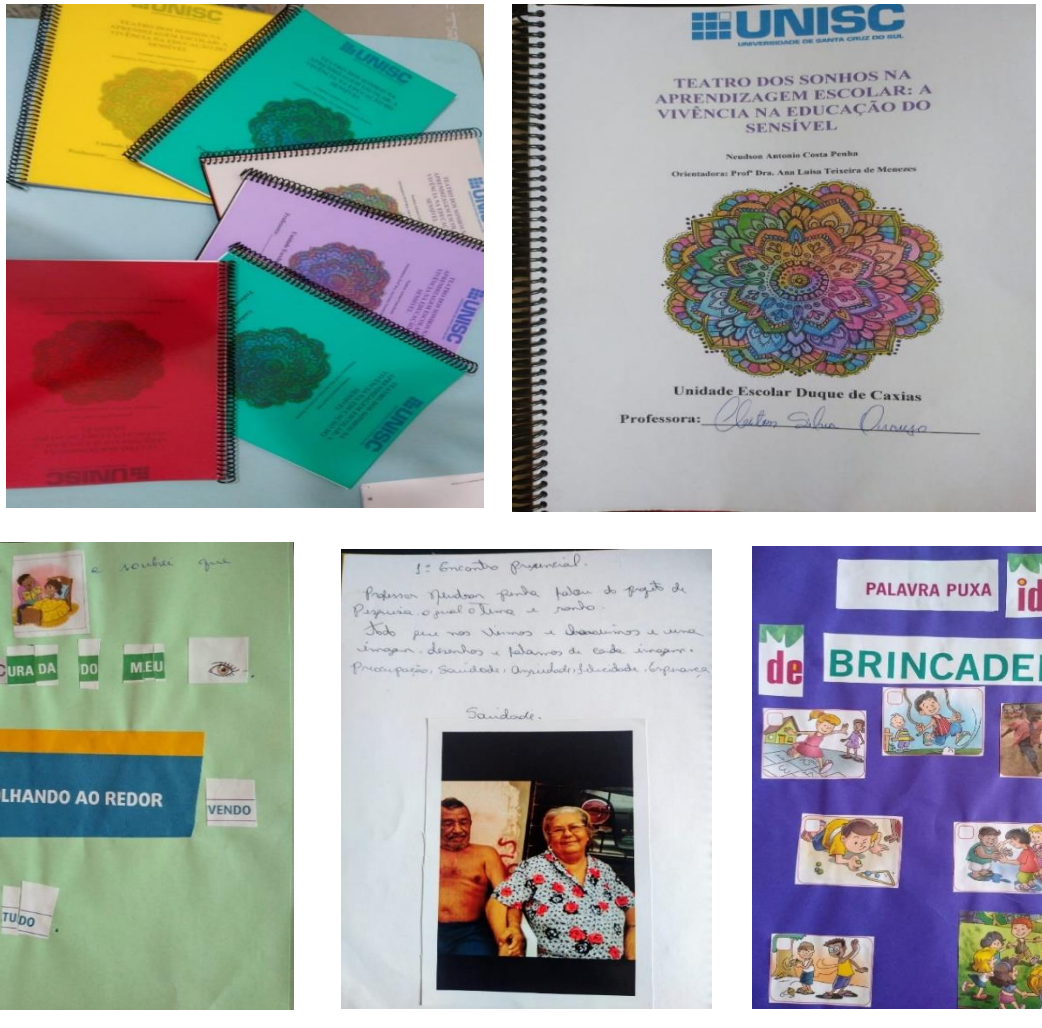
Retornei à reflexão sobre as imagens que não necessariamente são desenhos, mas algo que comunica alguma coisa, ou qualquer outra coisa que ainda não está concretizada, podendo ser realizada por gestos, músicas, sons, falas e etc.

Apresentei o livro: *A Busca do Sentido,* de Von Franz (2018) para que as professoras iniciassem um contato com os autores em estudo. Mas ressaltei que não trabalharíamos com conceitos pré-estabelecidos, textos e leitura de livros, nessa primeira fase do processo.

Ao final do encontro, entreguei às professoras o caderno de sonhos ou diário dos sonhos, como algumas professoras o denominaram, pois percebi que havia dificuldade das mesmas em construí-lo. Apesar de ter explicado, anteriormente, que se tratava de um caderno simples, para o registro dos sonhos e de todo o processo, as professoras não haviam feito. Portanto, com o objetivo de estimulá-las a utilizar este instrumento de registro de memória, eu construí um, para cada uma delas, e as presenteei.

O caderno de sonhos era simples, mas deu uma conotação de organização e foi percebido pelas professoras como algo que as ajudaria no processo de registro.

Fotografia 10 – Cadernos de sonhos



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

4.2.5 Terceiro encontro presencial (02 de setembro de 2020)

Este encontro marcou a presença de mais duas professoras, Araújo e Trabulsi. Desta forma, o grupo se definiu com a participação de sete pessoas. Essas duas profissionais foram contratadas para trabalhar na Educação de Jovens e Adultos e convidadas por Corrêa a participarem das vivências.

O alongamento foi ativado através do movimento das partes do corpo, nos planos alto e baixo, se referenciando e tendo como modelos ações, como o ato de espreguiçar de maneira mais lúdica. Logo em seguida, deu-se o momento de aquecimento que foi dividido em vocal e corporal.

O aquecimento vocal tinha como objetivo trabalhar aquecimento das pregas vocais, inflexão, ritmo, concentração, coordenação mental e corporal individual e em grupo. Para tanto, realizamos um exercício de respiração: inspiração e expiração; panela de pressão; retenção e liberação de ar em tempo marcado, depois foi o momento do contraponto rítmico com a utilização de onomatopeias.

As onomatopeias escolhidas pelas professoras ou sugeridas por mim são faladas de forma ritmada por todas, igualmente, contudo, no refrão cada professora, inclui uma entonação e expressão facial própria, a partir das instruções dadas. Este exercício intitulado de contraponto rítmico com inflexão e expressão facial diferenciada foi estruturado em dois momentos:

Primeiro momento: uma professora do círculo inicia o contraponto e, quando chegar no refrão, colocará a inflexão e a expressão facial que quiser. O grupo, nesse momento, observa e depois faz todo o contraponto imitando as ações desse jogador. Quando terminado, vai para o próximo e assim permanece, até que todas tenham criado suas inflexões e expressões. Nenhuma professora pode fazer uma expressão ou inflexão já feita por outra; quando uma professora estiver executando sua ação, as outras devem observar atentamente todos os seus movimentos, para tentar repeti-los o mais próximo possível.

Segundo momento: a primeira professora deverá proceder da mesma maneira que no momento anterior, contudo, nesse momento, a professora que estiver ao lado da iniciante, imitará sozinha os movimentos observados e acrescentará o seu próprio refrão. E assim cada uma, em ordem sequencial, imitará todos os movimentos anteriores e acrescentará o seu próprio.

A letra do contraponto rítmico:

Chê bum, chê bum

Chic, chic, chic, chic, chê bum (Refrão)

Um momento, ainda, de aquecimento vocal, foi a utilização do cânon, que além de aquecer a voz e trabalhar ritmo e concentração, faz o preparo às vezes do exercício de aquecimento corporal, quando este necessita de uma música para ser aprendida. Vale ressaltar que o cânone é um canto sequenciado em tempos diferentes. As professoras iniciam música em tempos distintos das outras.

O aquecimento corporal foi feito com a música da Fernando Sétimo[22]. As professoras cantam e dançam obedecendo à letra da música, que trabalha o corpo por partes, de forma lúdica. O objetivo era desenvolver a integração entre ritmo e movimento.

No momento seguinte, propus que todos realizassem uma massagem coletiva. Em duplas, cada professora tocaria a sua parceira com movimentos leves. A ideia era proporcionar o contato consciente, afetivo, sem ser sexualizado e com o respeito e percepção do corpo enquanto espaço sagrado de cada um.

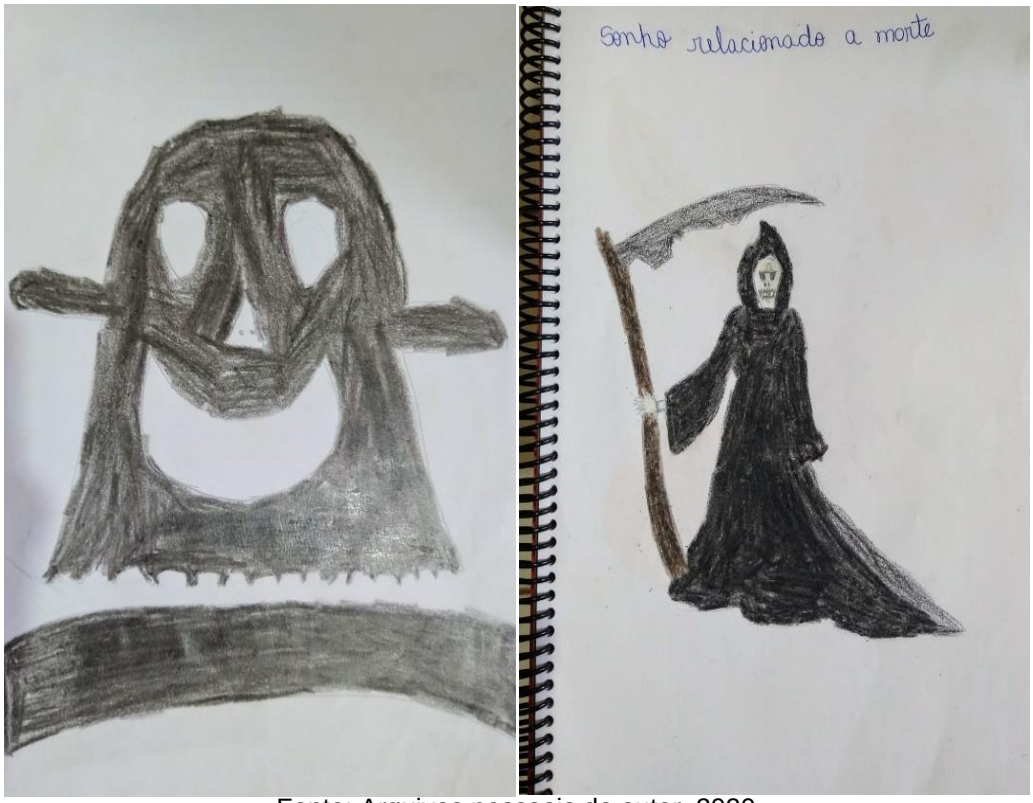
Depois da massagem, foi a vez o da meditação guiada. Propus uma viagem onde eles eram guiados por minha voz. Todos escolheram um local da sala, e deitados, fecharam os olhos com o foco na respiração e no comando que os levava por uma narrativa de ação imaginativa. A proposta era, através da imaginação, acessar canais sutis de integração consigo e com o universo que o cerca, mas, em uma perspectiva pessoal, olhar pra dentro de si e iniciar um processo de descoberta de seus limites e avanços.

Todos esses jogos, exercícios e ações tinham, no fundo, a principal função de centralizar seus sentimentos e emoções para dentro de si e esquecer temporariamente o outro, seus julgamentos e, consequentemente, encerrar medos desnecessários que impediam a expressão da potencialidade criativa e criadora.

Após os exercícios, iniciamos o diálogo sobre a morte, pois este era o tema em questão. As professoras estavam sonhando com morte frequentemente. Desta forma, solicitei que todas apresentassem uma imagem que simbolicamente representaria o conceito de morte para cada uma.

[22] Música tradicional infantil: “quando Fernando sétimo usava paletó, quando Fernando sétimo usava paletó, paletó, usava paletó”.

Fotografia 11 – Produção de imagens/desenhos



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Mendonça não trouxe uma imagem/desenho, mas sim imagem/frases: *professor solicitou que cada participante desenhasse algo que representasse a morte. Como eu não sei desenhar, eu trouxe cinco palavras: tristeza, saudade, descoberta e eternidade.*

Desta forma, questionei o que é a morte e qual o seu sentido. No geral, as respostas repousaram em torno do *medo, pavor*, *terror* e *sentimentos*, percebidos por elas como negativos.

Monteiro relatou: *eu tenho medo de morrer, apesar de ser cristã e ter muita fé, a morte me apavora. Não sei o porquê, mas eu tenho pavor de perder as pessoas que eu amo e quero bem.* Corrêa complementou que *a morte é a coisa mais assustadora do mundo e que ninguém sabe ao certo o que acontece quando se morre; Costa também enfatizou o lado ruim da morte* e Mendonça, *em tom sarcástico, ressaltou que todo mundo quer ir ao céu, mas ninguém quer morrer para alcançá-lo.*

De acordo com Muller (2017), esses medos e sensações de perigo são representados em todos os tempos e em todas as culturas por figuras semelhantes, são arquetípicos, isto é, são experiências universais básicas que determinam a vivência e o comportamento do indivíduo, tanto no presente como no futuro.

Jung (2013) nos conduz a pensar que a vida é um processo energético e, como tal, irreversível, e por isso, é orientado para um único propósito, repousar. Ou seja, pensar na morte, é pensar na vida e nas relações naturais de processamento dessa certeza, pois a própria natureza se prepara para o fim.

> A morte nos é conhecida simplesmente como um fim e nada mais. E o ponto final que se coloca muitas vezes antes mesmo de encerrar-se o período, e depois dela só existem recordações e efeitos subsequentes, nos outros. Mas para o interessado a areia escoou-se na ampulheta; a pedra que rolava chegou ao estado de repouso. Em confronto com a morte, a vida nos parece sempre como um fluir constante, como a marcha de um relógio a que se deu corda e cuja parada afinal é automaticamente esperada. Nunca estamos tão convencidos desta marcha inexorável do que quando vemos uma vida humana chegar ao fim, e nunca a questão do sentido e do valor da vida se torna mais premente e mais dolorosa do que quando vemos o último alento abandonar um corpo que ainda há pouco vivia (JUNG, 2013, p. 361).

Questionei se não seria possível refletir a morte por um outro recorte, que não ao do senso comum, ligado a castigos, pavores e medos do futuro, pois Jung (2013) nos diz que a recusa em aceitar a plenitude da vida está equivalente a não aceitar o seu fim, logo, vida e morte estão relacionadas em uma equivalência orgânica de maturidade.

> Os filósofos, da antiguidade até o presente, nos fazem lembrar constantemente que a morte é o mais sábio dos nossos mestres. Pessoas que estão cientes de sua morte próxima e que se reconciliaram com ela dizem quase sempre que desde então começaram realmente a viver. Afirmam ter vivenciado momentos da mais elevada intensidade, e que se tornaram mais tranquilas, mais serenas, mais pacíficas e até mais alegres; que estão mais receptivas e gratas a muitos pequenos momentos e encontros, aos quais antes não davam nenhuma atenção. A certeza da morte leva evidentemente a uma redistribuição de valores. O que antes parecia extremamente importante torna-se então insignificante; o que antes nem se notava tornava-se então uma revelação. O essencial assume o primeiro plano (MULLER, 2017, p. 115-116).

Cleiton nos trouxe uma frase que ampliou o caminho da reflexão, a morte como desligamento para uma transformação: *o conceito de morte é, na verdade, um desligamento, pois na proporção que nos desligamos de algo ou das coisas que gostamos ou fazemos, ou não gostamos ou não fazemos, de certa forma, ocorre a morte, ocorre uma transformação necessária.*

Von Franz (2018) aponta que as pessoas são transformadas. São as mesmas e não são as mesmas; se transformam. E, na morte, segundo a autora, parece que seremos os mesmos e, não obstante, podemos ser transformados, pois:

> Toda a futilidade, toda a sede de se ocupar de fatos exteriores não funciona mais, nós nos desfazemos desse lado. É também uma separação em parte muito penosa. Existem pessoas que têm grande dificuldade de se separar da vida exterior, do mundo, das emoções, dos desejos, dos laços interessantes.

> O que permanece no ego purificado parece ser apenas algo eterno, algo imperecível (VON FRANZ, 208, p. 63).

Nessa perspectiva, a partir dessa concepção de desligamento e transformação, propus um jogo de improvisação. As palavras trazidas por Mendonça: tristeza, saudade, descoberta e eternidade seriam corporificadas e não mais desenhadas. Logo, o desafio se instalava: como expressar tais palavras, através de seus corpos, utilizando-se dos jogos de expressão corporal já desenvolvidos nos exercícios anteriores e, em duplas, comunicar a ideia de morte, enquanto desligamento e transformação?

Criamos duas duplas e um trio e somente as palavras tristeza, saudade e descoberta foram utilizadas. Desta forma, os grupos se organizaram para escolher imagens corporais que as representassem. O tempo dado foi de dois minutos, pois a ideia não era criar uma cena sistematizada, mas a organização de uma improvisação motivada pelo contato dialógico, vivencial e intuitivo.

Após o tempo finalizado, os grupos apresentaram suas imagens corporais e, então, outro desafio foi lançado: como essas imagens se relacionariam umas com as outras? Assim, os grupos se fundiram para a resolução deste problema. O tempo foi ampliado para cinco minutos para a criação imagética corporal coletiva, que denominamos de performance.

A performance foi organizada em um círculo, uma vez que, de acordo com Araújo, *é nesse formato que os encontros são realizados*. As professoras se dispuseram em círculo e apresentaram suas imagens, uma após a outra. Portanto, outro desafio foi lançado, pois, neste jogo performático, estava faltando um início e um fim, um sentido para a comunhão das imagens, visto que não bastava apenas apresentá-las, era necessário uni-las. Mais cinco minutos foram dados ao grupo para a solução do problema.

O grupo resolveu o problema utilizando alguns exercícios que realizamos nos encontros (andar em diferentes ritmos, tempo e explorar todos os planos). As imagens foram se intercalando e se interrelacionando umas com as outras, no ato, originando outras imagens ainda não imaginadas. Escolheram um fundo musical instrumental e gravamos para apreciação no encontro futuro.

Fotografia 12 – Mosaico da apresentação da performance



Fonte: arquivos pessoais do autor, 2020.

4.2.6 Quarto encontro presencial (09 de setembro de 2020)

O primeiro momento foi de escuta e leitura da poesia *metade*, de Oswaldo Montenegro:

> Que a força do medo que tenho não me impeça de ver o que anseio. Que a morte de tudo em que acredito não me tape os ouvidos e a boca. Porque metade de mim é o que eu grito, mas a outra metade é silêncio. Que a música que ouço ao longe seja linda ainda que tristeza. Que a mulher que amo seja pra sempre amada, mesmo que distante, pois metade de mim é partida, mas a outra metade é saudade. Que as palavras que falo não sejam ouvidas como prece, nem repetidas com fervor. Apenas respeitadas como a única coisa que resta a um homem inundado de sentimentos. Porque metade de mim é o que ouço, mas a outra metade é o que calo. Que essa minha vontade de ir embora se transforme na calma e na paz que mereço. Que essa tensão que me corrói por dentro seja um dia recompensada. Que o espelho reflita em meu rosto um doce sorriso. Que eu me lembro ter dado na infância, porque metade de mim é a lembrança do que fui, mas a outra metade, não sei. Que não seja preciso mais do que uma simples alegria pra me fazer aquietar o espírito e que o teu silêncio me fale cada vez mais. Porque metade de mim é abrigo, mas a outra metade é cansaço. Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela mesma não saiba. E que ninguém a tente complicar, porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer. Porque metade de mim é plateia, a outra metade é canção. E que a minha loucura seja perdoada, pois metade de mim é amor e a outra metade também (MONTENEGRO, 2020, não paginado).

Após a escuta e leitura da poesia, realizamos a audiência da performance do encontro anterior. A proposta foi ampliar o diálogo sobre o tema da morte a partir da concepção de Araújo, morte como desligamento e transformação; das palavras de Mendonça: tristeza, saudade, descoberta e eternidade; da poesia *metade* e da performance. Hillman (2018) propõe olhar as imagens como imagens, como apresentações, sem precisar interpretar, tentando-se, a partir de procedimentos que podem abrir a imagem, ouvir o que a imagem está querendo dizer, ou seja, ampliar as condições das descobertas, sem necessariamente literatizar.

As professoras desconheciam a poesia de Oswaldo Montenegro. Monteiro reconheceu que a poesia retratava a morte como a perda de algo e sua semelhança com a própria vida, *afinal de contas, viver também é morrer.*

Costa, ao dialogar sobre a poesia de Montenegro (2020), relatou*: acho que a poesia fala da morte pessoal, quando a gente se desliga de algo que gostamos. O tempo todo ele fala que não quer perder algo, como se não quisesse morrer. Ele diz que morremos quando deixamos de fazer algo que gostamos e que é essencial para todos, os pequenos detalhes do dia a dia*.

A análise da performance causou uma surpresa para as professoras, que não acreditavam estar aptas a criar algo, simples, mas repleto de significados, sentidos e

intenções: *a gente vai fazendo, fazendo e não nos damos conta que podemos produzir coisas assim. Eu sou muito tímida e meus movimentos ainda são simples, mas eu acho que me sai bem. Queria ter feito melhor. O grupo foi bom. Eu achei que teria vergonha de me ver e não fiquei. [...] Foi muito legal ver essa minha transformação*. *Acho que estou me transformando*, conforme Mendonça.

Pereira se surpreendeu: *eu fiquei surpresa ao assistir, pois não sabia que podíamos fazer algo assim, só com o corpo e com gestos, sem ter fala e que conta uma história. Nós podemos ver uma história nessa performance e ninguém combinou nada, os detalhes, foi tudo improvisado.*

Araújo enfatizou que: *a história das imagens finais, que eu vejo, é que tem um monte de pessoas perdidas procurando alguma coisa e que não se sabe o que é. A gente entra na sala procurando. Estamos sozinhos. Depois, ficamos em círculo, talvez na ideia de ter encontrado as pessoas, mas as pessoas estão assustadas, com medo. Tem o abraço que é dado. O encontro. Mas depois todo mundo cai morto. Acaba a esperança. Quando o professor Neudson nos perguntou se terminaria assim, todos mortos, decidimos que não e que todos iriam se levantar, foi quando ele lançou o desafio de que, erguer-se para renascer, era necessário, mas que todos fizessem juntos. Talvez, essa é a proposta de passar pela morte, do desligamento de algo. Necessitamos do outro e isso não é fácil: subir juntos. Acho que a dificuldade faz parte da vida para que possamos se ligar a ela novamente. [...] nós temos que ter uma atitude de mudança para que as coisas da vida não morram mais.*

Corrêa ressaltou que não houve uma combinação prévia e certa do que fazer, pois todas estavam tentando cumprir dos desafios a partir do processo já vivenciado: *a gente fez tudo improvisado e achei interessante essa história que o Cleiton viu. Também vi algo parecido. As pessoas de hoje estão sempre procurando por algo que não sabem o que é e ficam depressivas e desesperadas porque vão perdendo as coisas simples da vida. [...] O abraço simboliza o afeto perdido que todo mundo quer. Na performance, o abraço veio antes da morte. Acho que o grupo não morreu. A queda foi como se todos estivessem desistindo de alguma coisa e a força para voltar a acreditar, ter esperança e se levantar só aconteceu porque todo mundo deu as mãos. Sabe aquela história de que ninguém larga a mão de ninguém?*

Trabulsi questionou ao grupo*: vocês perceberam que escolhemos algumas palavras e não a eternidade? Talvez porque seja difícil retratar a eternidade. Escolhemos apenas tristeza, saudade e descoberta. Palavras próximas de nós. Mas,*

no final, acho que acabamos retratando a eternidade, porque todo mundo se levantou. Costa ressaltou, ao analisar as imagens da performance, que *todas haviam se levantado, com exceção de Araújo, pois, quando ele ia se levantar, o professor pediu para finalizar*. A partir dessa observação, Monteiro refletiu que *a performance não estava terminada*. Araújo complementou: *acho que há a ideia de uma continuidade. De algo a mais, assim como a vida [...] quando um de nós fica no chão tem a ideia de que não conseguimos o nosso objetivo. Acho que a mensagem é justamente essa, a morte e vida estão juntas em uma continuidade infinita. Morremos e nascemos todos os dias.*

Ficou muito claro que as professoras estavam simbolizando a morte, através das imagens produzidas, apresentadas e sentidas de forma improvisada. O tema morte não estava mais sendo debatido de forma concreta e, sim, poética e, até mesmo, filosófica. As falas anteriores convergiam o conceito de morte ao medo, pavor, terror e desespero e, após a performance, as palavras-chaves se renovaram e deram lugar a: desligamento, transformação, renovação, passagem. Creio que este seja um dos caminhos para a simbolização. Hillman (2018) se refere à simbolização como um ato psicológico espontâneo e um curioso agrupamento de significados em forma compacta.

> A simbolização ocorre todas as noites em nossos sonhos e em todos os dias nas nossas falas. É uma atividade tão básica que é tão incompreensível quanto a própria consciência e, nesse sentido, elementar, não é sujeito de nosso questionamento. Assim, quando falo em simbolizar, quero dizer mais especificamente: ver imagens simbolicamente ou transformar imagens em símbolos (HILLMAN, 2018, p. 20)

Ressaltei que já estávamos em um espaço dialógico e simbólico entre o consciente e o consciente, pois a performance simbolicamente estruturou-se como os sonhos, imagens soltas e fragmentadas, que, após alinhadas, sentidas e organizadas poderiam nos encaminhar a um possível devir, e que deveríamos estar atentos a elas, às imagens.

Outro aspecto importante foi a percepção do grupo, apesar das minhas ressalvas contrárias, que precisava melhorar e ampliar suas expressividades na ação dos exercícios. Costa refletiu, ainda, estar presa em seus movimentos e que necessitava adequar as suas expressões aos seus sentimentos: *faltou entregar-me para a comunicação se efetivar.*

Ressaltei que o conteúdo era mais importante que a forma e que, neste momento, não deveríamos observar nossas ações através do olhar técnico, mas como

uma vivência corporal capaz de fornecer subsídios para abrir canais mais sutis ao processo criativo e criador em construção. A cada passo dado estaríamos mais próximos do nosso objetivo. Porém, como a vivência parte do pressuposto da participação ativa de todos, propus refazermos o jogo do espelho, já realizado anteriormente, para desenvolver um pouco a expressividade desejada pelo grupo.

Fotografia 13 – Jogo do espelho 01



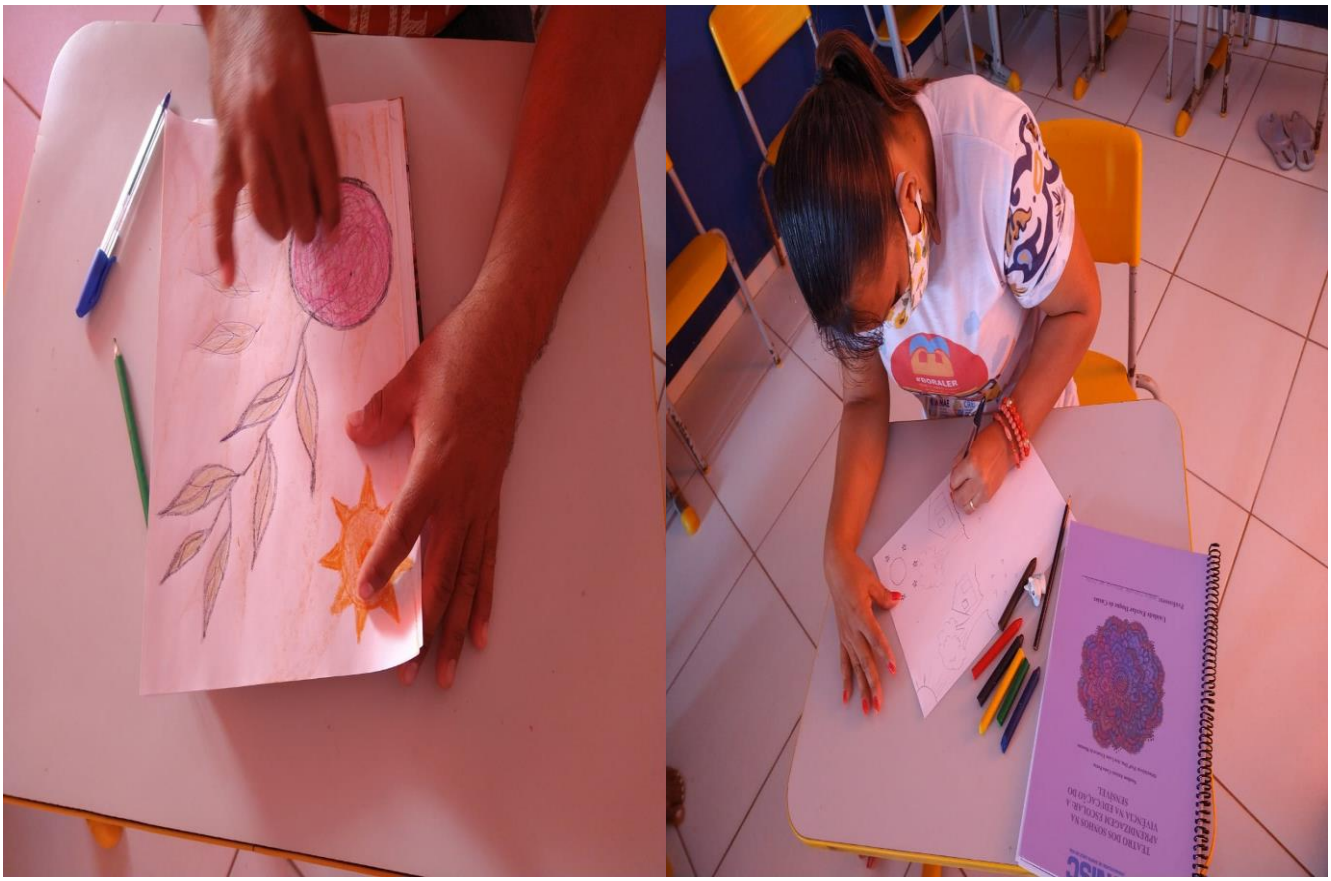
Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

O passo seguinte foi a contação dos sonhos. Entre os sonhos registrados, os professores socializaram o observado como mais importante até aquele encontro. Optamos em não desenvolver todos os registros oníricos, pois atrapalharia o cronograma das ações propostas e a pesquisa poderia se estender em demasia.

A proposta metodológica da contação dos sonhos se estabeleceu da seguinte forma:

a) Contação do sonho;
b) Produção de uma imagem/desenho do sonho;
c) Apresentação da imagem;
d) Leitura, discussão e análise da imagem do sonho no coletivo.

Fotografia 14 – Desenhando sonhos



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Trabulsi iniciou a narrativa do seu sonho dando ênfase a um encontro entre seus familiares e amigos, e a alegria e surpresa que a mesma sentiu ao ver esse contato com pessoas que nunca se encontravam: *sonhei que estava em um lugar lindo, no meio da natureza, onde este lugar me encantou muito, havia árvores, flores e um campo lindo. Estava eu com minha família e meus amigos, onde eu achei estranho e muito difícil meus amigos se reunirem com meus familiares. No sonho eu estava muito alegre, me divertindo com todos. Eu me recordo que era um almoço, a gente devia estar comemorando alguma coisa, mas no sonho não dizia o que era. Só sei que gostei muito*.

Fotografia 15 – Imagem do sonho – Trabulsi 01



Fonte: arquivos pessoais do autor, 2020.

A análise da imagem de Trabulsi percorreu por várias instâncias até chegarmos ao aspecto da solidão. Corrêa ressaltou que *a imagem criada estava diferente do sonho.* Costa concordou e ampliou: *acho que ela retratou os principais elementos do sonho: ela é árvore e as duas nuvens devem ser a família e os amigos*. Araújo questionou onde estaria a felicidade demonstrada pelo sonho, pois, segundo o mesmo, a imagem estava representando outra coisa: *ela falou que, no sonho, estava muito feliz, mas não estamos vendo essa felicidade. Eu vejo uma pessoa só que é representada pela árvore e as nuvens que estão do lado dela podem, sim, ser sua família e amigos. Como se ela estivesse observando cada um deles, mas sozinha no canto.*

Explicitei que, neste momento, elas não precisariam se ater mais aos sonhos e, sim, às imagens geradas pelos mesmos e o que elas, as imagens, poderiam nos falar de forma simbólica.

Trabulsi explicitou: *é muito interessante ver como a imagem consegue contar algo que a gente, às vezes, não quer contar ou acha que não é importante as outras pessoas saberem, porque é muito pessoal. Eu sou muito só mesma e fico, às vezes, sem saber como lidar com isso. Acho que a imagem através do sonho quer dizer para eu me soltar mais, fazer mais amigos e viver um pouco mais*. Mendonça complementou: *uma imagem pode falar muita coisa [...] e, analisar dessa forma, faz a*

gente ver que tanto o sonho como as imagens podem falar outras coisas que não necessariamente o que elas estão mostrando. A gente não sabe ver direito as coisas e aí tem logo uma ideia que pode ser errada desde o início.

Jung (2014) nos diz que, na apreciação de um sonho, é importantíssimo notar como as figuras são introduzidas.

> [...] não tem cabimento acusar o sonho de manobras como que para mistificar deliberadamente. Muitas vezes, a natureza é obscura, sem transparência, mas ela usa artimanhas, como o homem. [...] Por isso devemos acreditar que o sonho é exatamente o que deve ser, nem menos. [...] Nós é que fazemos dele uma advertência, quando somos capazes de interpretar inteligentemente e corretamente os sinais da natureza (JUNG, 2014, p. 113).

Refleti que as imagens, tais como os sonhos, falam por si só e o poder simbólico está justamente em sabermos como fazer a leitura, pois, como uma narrativa ficcional, os sonhos e as imagens podem revelar o que pode estar escondido inconsciente, às vezes, espontaneamente, vem à tona em vários momentos da nossa vida. Segundo Hillman (2018), as imagens psíquicas são encaradas como fenômenos espontâneos, quer seja no indivíduo, quer seja na cultura, e necessitam, na verdade, ser experimentadas, cuidadas, entretidas, atendidas, respondidas. As imagens precisam de respostas imaginativas, não de explicação.

Jung (2016) ressaltou que imaginação e intuição são auxiliares indispensáveis ao nosso entendimento e, especificamente, a intuição é um elemento indispensável na interpretação de símbolos, portanto, esses dois elementos foram essenciais na prática das vivências em uma perspectiva dialógica de encontrar não apenas um sentido, mas sentidos que nos permitissem, através da simbolização, narrativas sensíveis ao uso pessoal e coletivo.

Costa relatou o seu sonho da seguinte forma: *no dia 05, sonhei que estava no nosso interior, só que a paisagem era como se fosse há 15 anos atrás. A casa, as árvores e a cerca de arame que tinha na casa. Estávamos reunidos comemorando algo que eu não lembro, com um belo de um churrasco, e tinha muita gente. Eu estava lavando as vasilhas no jirau com outra pessoa que não lembro, quando chegou um homem com uma criança (menino) toda suja de areia como se ela tivesse tido uma queda, pedindo água para limpar a criança. A companheira que estava comigo falou que só tinha um pouco e deu para ele um papeiro com a água e o homem começou a passar a mão molhada na barriga da criança e em vez de limpar o menino ficava mais sujo e eu observando aquilo, pedi para ele ir ao banheiro para dar banho na criança. Ele agradeceu e saiu. Nesse momento que ele sai, chega uma pessoa com pedaços*

de carne de porco assada. Os pedaços eram bem grandes e a pessoa colocava na minha mão essa carne e eu em pensamentos falava; meu Deus que pedaço de carne grande e gordo.

Costa enfatizou que, ao lembrar do sonho, o sentimento maior foi de nojo da carne de porco.

Fotografia 16 – imagem do sonho – Costa 01



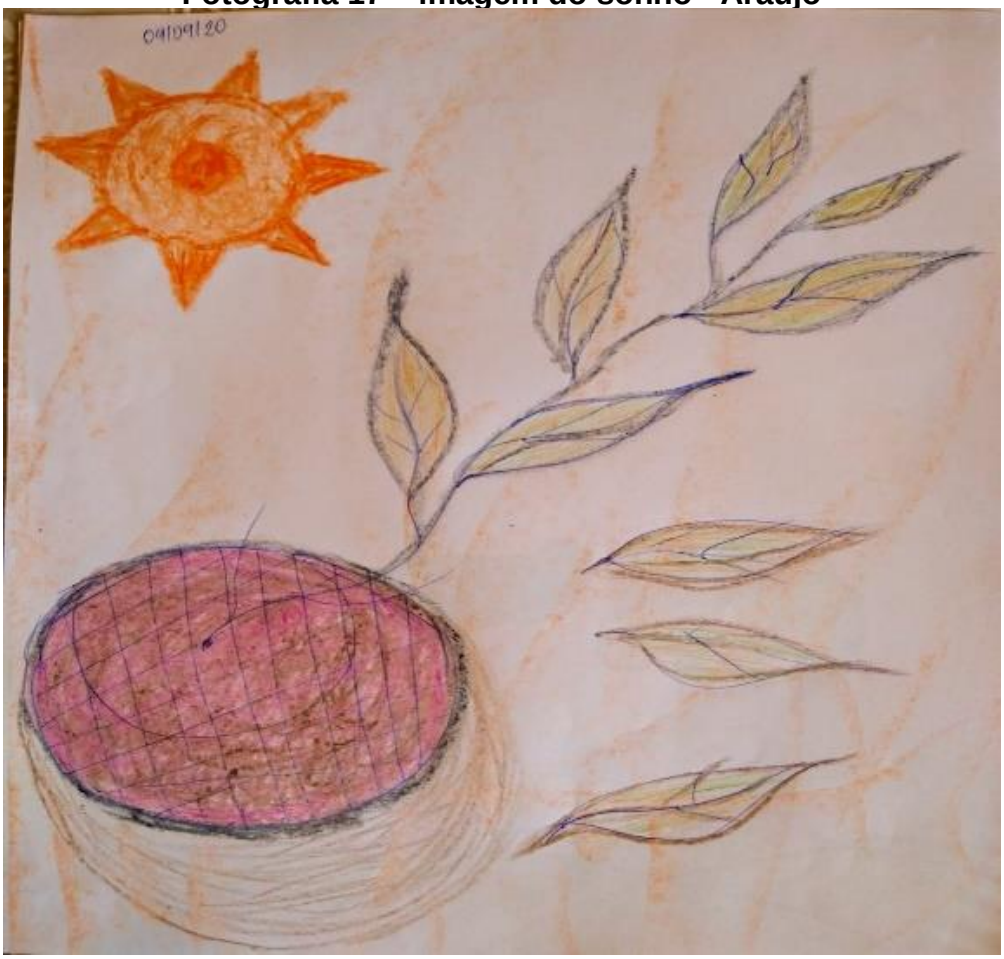
Fonte: arquivos pessoais do autor, 2020.

Esta imagem foi bastante interessante, pois apresentava uma contradição entre a narrativa sonhada, o sentimento explanado e a imagem produzida. O sonho mostrava uma reunião com familiares em comemoração, felicidade aparente, um pai e uma criança em uma ação também contraditória (a limpeza que sujava), além do nojo sentido pelo presente recebido simbolizado pela carne de porco. Eram muitos elementos interessantes do sonho a serem observados e a imagem produzida através do desenho mostrou uma casa de campo separada pelo dia e pela noite.

O grupo não conseguiu dialogar e fazer relações, simbolicamente, com os elementos do sonho e da imagem. Os comentários do grupo perpassaram por uma descrição concreta do que observaram. Portanto, refleti que a imagem poderia estar apresentando uma dualidade: dia e noite, sol e lua, escuro e claro e somente depois da apresentação do próximo sonho, de Araújo, conseguimos ampliar.

Araújo nos relatou dois sonhos, mas produziu somente a imagem do primeiro: Sonho 1: *Sonhei que estava dentro de casa pela manhã e decidi molhar as plantas e assim que cheguei, próximo de uma que tanto gostava, percebi que estava completamente seca. Diante desse fato, surgiu um sentimento de culpa e também de preocupação ao ver aquela situação*; Sonho 2**:** *Sonhei que estava na beira de um rio com água barrenta e na atividade de pescar. Sendo assim, comecei a lançar a tarrafa no rio, e de repente, os peixes que havia pegado era uma traíra grande*.

Fotografia 17 – imagem do sonho - Araújo



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

A imagem do sonho de Araújo, de alguma forma, complementava a de Costa. Araújo tentou explicar seu sonho: *acho que o sonho tem a ver com as coisas que estou deixando de fazer e eu sei disso porque tem muita coisa importante que estou deixando de lado, me esquivando e deixando para depois, então é isso: o sonho é um alerta para eu não deixar de regar as coisas importantes da vida.*

Ressaltei a reflexão de que tentar perceber no sonho uma casualidade poderia ser uma tentativa de interpretá-lo. Não podíamos nos deter em procurar o que originava os sonhos, pois não tínhamos meios para esta tentativa. Não estávamos

participando de uma análise clínica. O desafio, que foi se delineando, de maneira intuitiva era, agora, investigar, de maneira simples, quais símbolos, necessários à nossa trajetória, poderíamos extrair dessas imagens. Portanto, deveríamos estar atentos ao que estava escondido nas imagens. Solicitei que retornássemos a observar a imagem de Araújo e procurássemos esses elementos escondidos que poderiam estar relacionados à imagem de Costa. Desta forma, o grupo observou, de imediato, a presença da imagem do sol. Ponderei que prestássemos mais atenção, pois havia um segundo elemento de relação. Corrêa ressaltou: *eu não sei o que tem de igual além do sol, mas a planta está morrendo ou vivendo, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Porque parte das suas folhagens estão caindo e outra continua a brotar do jarro, então não sabemos se está crescendo ou morrendo.*

As imagens de Costa e Araújo suscitaram a reflexão sobre o processo de individuação, já mencionado em capítulos anteriores, o princípio da dualidade e a tensão dos opostos, percebidos simbolicamente nestas imagens e posteriormente nas demais, presentes na natureza e que se substanciam em nossa realidade humana, psíquica e material, aqui apresentados sob a *anima/animus, persona* e *sombra.*

> Persona é o sistema de adaptação ou a maneira por que se dá a comunicação com o mundo. Cada estado ou cada profissão, por exemplo, possui sua persona característica. O perigo está, no entanto, na identificação com a persona, o professor com seu manual, o tenor com sua voz. Pode-se dizer, sem exagero, que a persona é aquilo que não é verdadeiramente, mas o que nós mesmos e os outros pensam que somos (JUNG, 2019, p. 407-408).

A *persona,* de acordo com Hall (2007) é a função de relacionamento com o mundo exterior. Representa, portanto, a atitude típica do mundo exterior e com ela encontramos as atitudes típicas do indivíduo dentro da sociedade, pode ser considerada como a nossa fachada social, relacionada a todas as máscaras que compõem o tecido social. Ela é imprescindível para a nossa adaptação, sendo assim, não se pode considerá-la nem positiva e nem negativa, quando está regulada.

O desenvolvimento excessivo da *persona* pode produzir uma personalidade que preenche com precisão os papéis sociais, mas deixa a impressão de que não existe, dentro, uma pessoa real, de acordo com Hall (2007). Da mesma forma que o seu desenvolvimento insuficiente pode produz uma personalidade que é abertamente vulnerável à possibilidade de rejeição e dano, ou de ser arrebatada ou eliminada pelas pessoas com quem se relaciona

A *sombra* compõe aquilo que rejeitamos em nós. As coisas gratificadas pela sociedade como boas, o ego adere e integra à persona, o rejeitado vai para a sombra

que instala no inconsciente. Um dos problemas de deixar a sombra apenas no nível do inconsciente é que, como isso, diminui o nosso potencial criativo e possibilita a interferência negativa nas relações com os outros, pois, invariavelmente, aquilo que negamos no outro, possivelmente está dentro de nós e não reconhecer esses aspectos é sempre doloso.

Portanto, para Jung (2019), ela, a *sombra*, faz parte inferior da personalidade, é a soma de todos os elementos psíquicos pessoais e coletivos que, incompatíveis com a forma de vida conscientemente escolhida, não foram vividos e se unem ao inconsciente, formando uma personalidade parcial, relativamente autônoma, com tendências opostas às do consciente.

A *sombra* se comporta de maneira compensatória em relação à consciência, sua ação pode ser tanto positiva quanto negativa e, enquanto elemento do inconsciente pessoal, ela procede do eu; enquanto arquétipo do eterno antagonista, procede do inconsciente coletivo, amplia Jung (2019). Von Franz (2016) afirma que a função da sombra é representar o lado contrário do ego e encarnar, precisamente, os traços de caráter que mais detestamos.

A principal figura que encontramos no inconsciente é a *sombra,* pois é ela a constituição dos diversos aspectos desconhecidos por nós e este é o nosso primeiro encontro, na batalha, se deparar com as nossas sombras. Reconhecê-las e compreendê-las é o primeiro passo para a nossa transformação, haja vista que, de acordo com Von Franz (2016), cabe ao ego renunciar ao seu orgulho e à sua vaidade para viver plenamente o que parece sombrio e negativo, mas que, na realidade, pode não o ser.

> A integração consciente do conteúdo da sombra tem o duplo efeito de ampliar a esfera de atividade do ego e libertar a energia previamente necessária para manter a dissociação e repressão das qualidades da sombra. O indivíduo experimenta isso, amiúde, como uma nova vida (HALL, 2007, p. 20).

Já o *animus* e a *anima* são representações das atitudes típicas do indivíduo no inconsciente, pois são princípios dinâmicos e arquetípicos e são denominados de contraposto sexual que existe no inconsciente de todo o indivíduo. Jung (2019), é a personificação da natureza feminina do inconsciente do homem e da natureza masculina do inconsciente da mulher.

> A função natural do animus (como a da anima) consiste em estabelecer uma relação entre a consciência individual e o inconsciente coletivo. Analogamente, a persona representa uma zona intermediária entre a consciência do eu e os objetos do mundo exterior. O animus e a anima deveriam funcionar como uma ponte ou pórtico, conduzindo às imagens do

> inconsciente coletivo, assim como a persona representa uma ponte para o mundo (JUNG, 2019, p. 401).

Desta forma, percebo que o animus/anima são dois aspectos importantes para o processo de individuação, autoconhecimento e para as relações interpessoais, pois, ao mesmo tempo que desejamos a luz, não podemos rejeitar as trevas.

A tensão dos opostos não pode ser desconsiderada, pois é nela que encontramos o equilibro presente na natureza e necessário para a nossa formação e transformação. Assim, acredito que as imagens produzidas estão nos encaminhando para essa reflexão de ação contínua: a possiblidade da transcendência.

> A triste verdade é que a vida do homem consiste de um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. Não nos resta nem a certeza de que um dia um desses fatores vai prevalecer sobre o outro, que o bem vai se transformar em mal, ou que a alegria há de derrotar a dor. A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será. E se não fosse assim, ela chegaria ao fim (JUNG, 2016, p. 107).

Von Franz (2016) nos indica que o processo de individuação é, na verdade, mais que um simples acordo entre a semente inata da totalidade e as circunstâncias externas que constituem o seu destino, é uma experiência subjetiva que sugere a intervenção ativa e criadora de alguma força suprapessoal. A autora enfatiza, ainda, que, de fato, cada pessoa tem que realizar algo diferente, exclusivamente seu.

Fotografia 18 – imagem dos sonhos/a união dos opostos complementares



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Ao aproximar as duas imagens, solicitei que o grupo observasse mais atentamente o jarro, se este não estava bem próximo da representação da lua cheia e, pelo contraste da cor, haveria outra que poderia ser minguante ou crescente? Ao prosseguirmos, detectamos dois elementos principais: o sol e a lua. As imagens desses sonhos poderiam estar dialogando conosco sobre a dualidade da vida personificada pelo contraditório que se complementa: sol e lua, dia e noite, claro e escuro, nascimento e morte?

As professoras concordaram com essa leitura, mas, ao mesmo tempo, tive receio de estar criando uma narrativa ficcional rasa e vazia, ou tentando encontrar possiblidades de mensagens nas imagens. Os sonhos com a morte, as discussões sobre este tema e a vivência através dos exercícios, jogos teatrais e performance transformando o conceito comum de morte como *terror* e *medo* para um mais complexo como *desligamento* e *transformação* teriam originado a base para constituição de um diálogo com os sonhos representado aqui por imagens simbólicas? Essas imagens estariam, simbolicamente, conversando conosco sobre uma transformação mais profunda que só acontece através do processo de individuação? Seria a função transcendente, a anima e o animus se apresentando através dessas imagens? E se isso fosse apenas uma narrativa ficcional causal, imaginada e criada por uma necessidade nossa?

Eram questionamentos necessários à pesquisa, mas que causavam desconforto, pois, justamente não tinha como saber se, de alguma forma, as respostas viriam ao longo da pesquisa, mas, como campo de compreensão do diálogo simbólico, eram necessárias para a criação de um espaço de aprendizagem para o devir.

Mendonça sonhou que o seu filho havia viajado e quando este foi tomar banho, ao mergulhar em um rio, desapareceu. A professora confessou que ficou desesperada com este sonho e acordou chorando e gritando pelo nome do filho. Este sonho foi descrito por Mendonça como um pesadelo desesperador, pois a mesma tinha muito medo de perder seu filho e não gostou de ter sonhado com aquilo, pelo temor de que poderia ser um aviso que algo de ruim poderia estaria prestes a ocorrer.

Fotografia 19 – Imagem do sonho – Mendonça 01

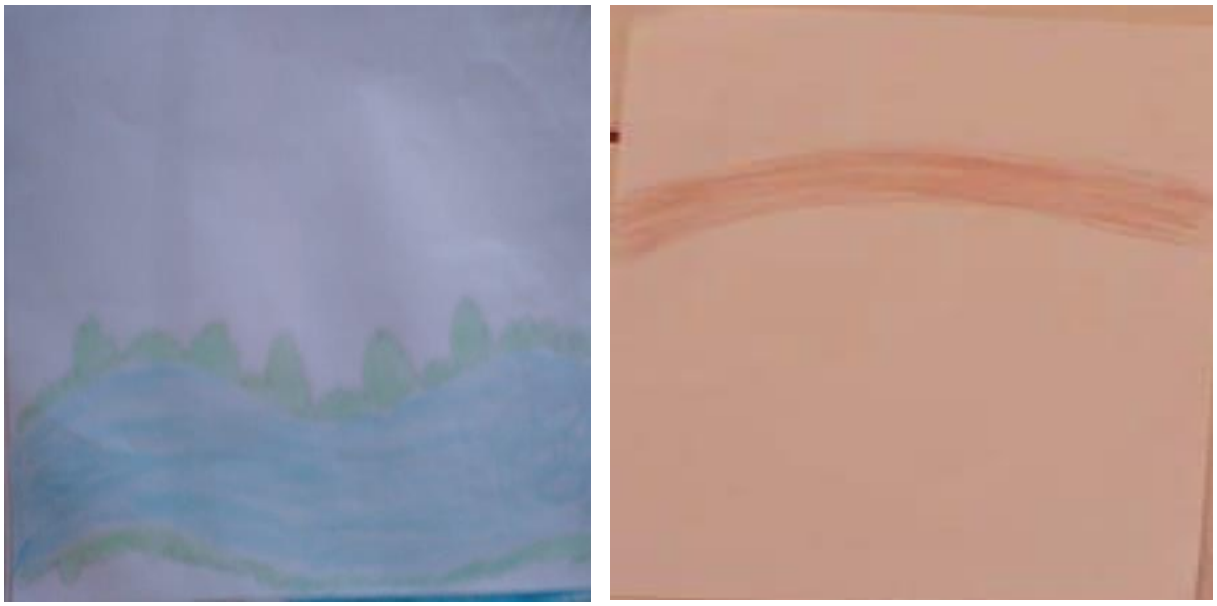


Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Solicitei que todas as professoras se atentassem ao desenho e buscassem uma relação entre o sentimento traduzido por Mendonça e a imagem construída.

Eu não vejo nenhum sentimento de perda, sofrimento, dor ou coisa parecida. O desenho se parece muito com um rio calmo e tranquilo, observou Araújo. Costa explicitou que *esta imagem se aproxima muito como a anterior, da sua apresentação, o caminho, porém, agora não se apresenta sujo e com lama e sim como um rio limpo.*

Fotografia 20 – Imagens relacionadas e sincrônicas



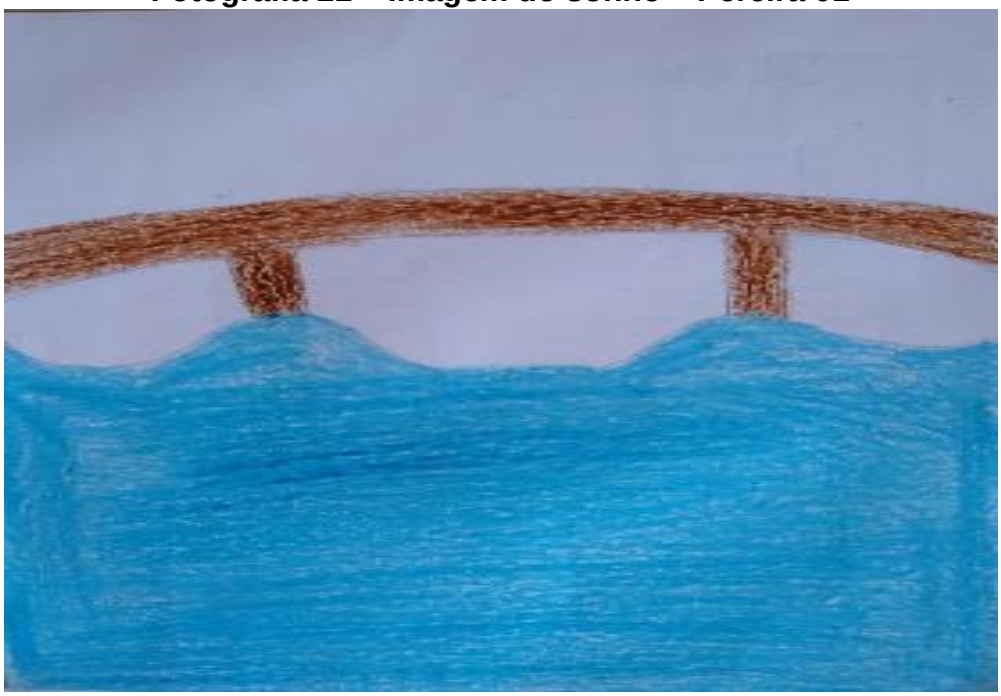
Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Ao dispor as imagens lado a lado, verificamos a pertinência dessa observação. Um caminho de lama, apresentado anteriormente, mas que agora se mostrava limpo e não demonstrava haver indício algum de dor ou desespero pela perda do filho, como relatado por Mendonça, que consentiu e acrescentou: *o engraçado é que quando fui desenhar o sonho eu não pensei na dor de perder meu filho. A imagem que me veio à mente foi de tranquilidade e de um rio onde se passou o sonho e acho incrível como isso se deu porque o normal era para eu ter apresentado a dor e não a mansidão.*

Os relatos me conduziram ao sonho de Costa, no qual ela narra a presença de um pai e um filho na ação de limpeza e da sujeira. As imagens estariam em sincronia?

O sonho de Pereira foi bem parecido com o de Mendonça, assim como suas imagens: *eu sonhei que estava andando com meu filho quando de repente ele caiu de cima de uma ponte, dentro de um rio e nunca mais foi encontrado. Eu fiquei desesperada*. Este também foi um sonho onde a imagem contradizia a narrativa de dor ressaltada.

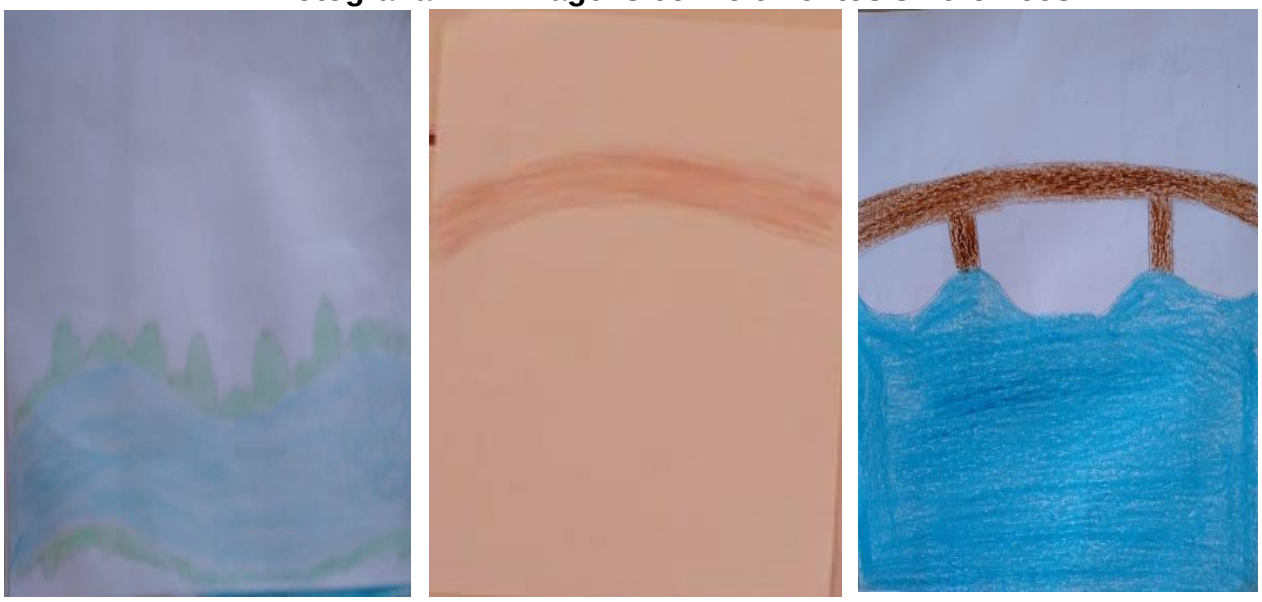
Fotografia 21 – Imagem do sonho – Pereira 01



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

O grupo voltou a observar que este sonho, assim como o anterior, em sua imagem, não transparecia a dor relatada. As narrativas dos sonhos de Pereira e Mendonça eram aproximadas e seus elementos também. O elemento água e um a mais que os unia, o caminho. O mesmo caminho de lama, apresentado anteriormente por Mendonça, agora nos era apresentado como uma ponte.

Fotografia 22 – Imagens com elementos sincrônicos

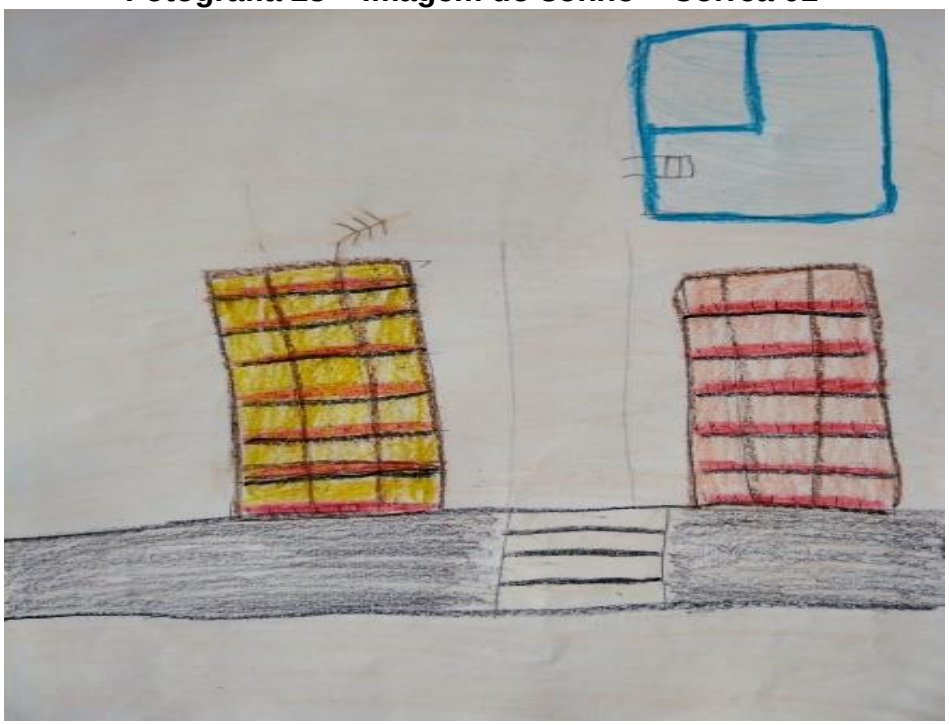


Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

As imagens estavam apresentando elementos em oposição, em uma dualidade frequente. Na incorporação do *caminho/ponte*, poderíamos pensar em uma possível ligação ou conexão entre a dualidade apresentada pelos sonhos anteriores?

A última a apresentar o sonho foi Corrêa: *sonhei que tinha comprado um apartamento. Encontrei uma pessoa que nem somos de conversar assim, o nome dela é Bruna. Peguei na mão dela e falei da minha conquista. A mesma, ficou feliz e me parabenizou pelo meu apartamento. Acordei feliz.*

Fotografia 23 – Imagem do sonho – Corrêa 01



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

A imagem de Corrêa, aparentemente, a mais comum, a princípio não suscitou grandes debates, mas foi a aglutinadora da simbologia que nos deu margem para percorrer entre os elementos dispostos que se complementavam, entre todas as imagens produzidas pelas demais participantes. Os elementos das imagens estavam em sincronia, como podemos observar:

Fotografia 24 – Imagens com elementos opostos e sincrônicos 01



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Em cada uma das imagens acima, há quatro elementos principais. Na de Costa, há a representação de dois prédios paralelos, assentados em uma rua asfaltada e, acima, uma piscina isolada; Trabulsi apresentou duas nuvens paralelas e uma árvore isolada fixa na terra. Portanto, podemos assimilar que os dois prédios das imagens de Costa poderiam ser a representação das duas nuvens de Trabulsi; a piscina e a árvore, estado de isolamento e ambas têm um ponto de fixação, rua asfaltada e a terra.

Fotografia 25 – Imagens com elementos opostos e sincrônicos 02



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Os elementos opositores, sol e lua, encontrados nas imagens de Araújo e Costa podem, simbolicamente, se fazer representar pelos dois prédios de Corrêa; da mesma forma que a imagem separada pelo dia e noite de Costa nos fornece a mesma percepção de planos equidistantes dos dois prédios de Corrêa.

Fotografia 26 – Imagens com elementos opostos e sincrônicos 03

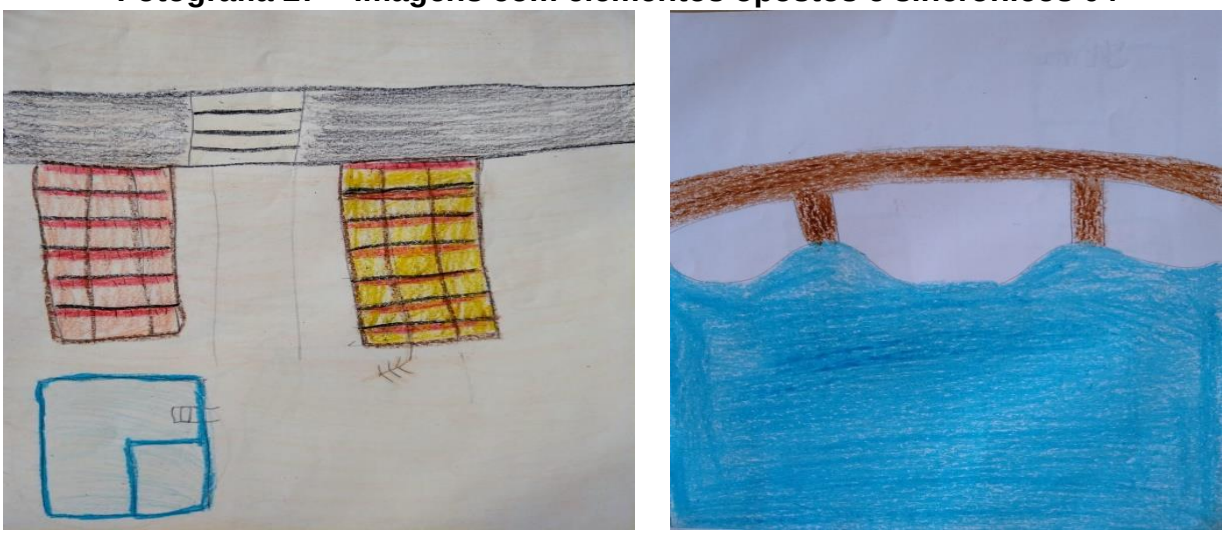


Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

O caminho de Mendonça poderia ser a mesma representação do seu rio que se iguala à ponte de Pereira, que se transfigurou na rua asfaltada de Corrêa. Caminho, ponte e rua, além de conexões, são base para sustentar algo ou alguém.

O mais interessante foi constatar que a imagem invertida dos dois prédios de Corrêa concordava com a da Pereira: uma ponte sobre um rio. O elemento isolado de Corrêa é uma piscina, assim, o elemento água se fez presente ao se relacionar com as imagens acima.

Fotografia 27 – Imagens com elementos opostos e sincrônicos 04



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

As imagens geradas pelos sonhos estavam carregadas de elementos simbólicos naturais como árvores, sol, lua, nuvens, caminho, rio e objetos artificiais, como casas, jarro, ponte e prédios. Independentemente de as narrativas oníricas pessoais encontrarem-se, na maioria das vezes, em narrativas distantes umas das outras, elas se caminhavam à uma mensagem de interligação, conexão e sincronia, que, a cada momento, mostrava-se coletiva.

Havia, certamente, uma ligação que foi constatada pela disposição e apresentação desses elementos de dualidade e sincronicidade encontrados nos sonhos apresentados, mas, também em outros, registrados nos respectivos cadernos de sonhos de cada participante, mas que não foi possível apresentá-los, uma vez que não foram utilizados neste processo.

Jung (2019) se viu obrigado a utilizar outro princípio, além da casualidade, para explicar alguns fenômenos da psicologia do inconsciente. Fenômenos estes que poderiam estar ligados entre si, por sua relativa simultaneidade, a sincronicidade. Porém, o autor enfatiza que a sincronicidade inclui certas qualidades ou condições fundamentais que se manifestam, simultaneamente, em lugares diferentes, com um paralelismo que não pode ser explicado pela casualidade, por exemplo, de símbolos, ideias ou estados psíquicos que aparecem simultaneamente.

> [...] exprime uma coincidência significativa ou uma correspondência: a) entre um aconteci mento psíquico e um acontecimento físico não ligados por uma relação causal. Tais fenómenos de sincronicidade aparecem, por exemplo, quando fenômenos interiores (sonhos, visões, premonições) parecem ter uma correspondência na realidade exterior: a imagem interior ou a premonição mostrou-se "verdadeira"; b) entre sonhos, ideias análogas ou idênticas que ocorrem em lugares diferentes, sem que a causalidade possa explicar umas e outras manifestações. Ambas parecem ter relação com processos arquetípicos do inconsciente. (JUNG, 2019, p. 409).

Eu decidi centralizar minha pesquisa nas imagens desses sonhos e, desta forma, solicitei que tanto estes quanto os possíveis outros sonhos que viessem representar fossem amplificados, ou seja, as professoras deveriam encontrar formas de reproduzir outras imagens dos novos sonhos que permitissem dessas primeiras imagens e visualizassem a continuação desse percurso. Essa amplificação também poderia acontecer através de histórias de contos de fadas, textos de diferentes estilos, desenhos, colagens, músicas e etc.

Assim, combinamos os seguintes acordos para o próximo encontro: trazer um objeto simbólico da imagem do sonho narrado, realizar o protocolo do próximo encontro que, neste caso, ficou a cargo de Costa.

4.2.7 Quinto Encontro (15 de setembro de 2020)

Esta foi a primeira vez em que uma participante ficou responsável pelo protocolo, devendo iniciar o encontro com alguma atividade ou ação que remetesse o já vivenciado. Como já mencionado anteriormente, esta tarefa ficou a cargo de Costa: *eu escolhi esta dinâmica, porque lembra muito os jogos que o professor traz. Além de trabalhar de forma lúdica, a gente mexe o corpo e faz o aquecimento. As crianças gostam muito quando eu faço em sala de aula.*

O jogo escolhido era denominado de *mão na bola* e consistia em comandos de movimentos diversificados que variavam pelos planos alto e baixo, além de desenvolver a atenção e a concentração necessária para pegar a bola em determinado momento. As participantes gostaram muito e salientaram a necessidade de vivenciar mais essas brincadeiras tanto em sala de aula quanto fora dela.

As falas das professoras exaltaram a necessidade não apenas de desenvolver atividades lúdicas para as crianças, mas, principalmente, participar e vivenciar estes momentos conjuntamente. Costa enfatizou: *muito bom e interessante passar pelo o que as crianças passam, essa história de correr, pular, brincar [...] é tudo o que a criança faz, mas às vezes a gente acha que é só brincadeira. [...] Estou aprendendo muito com essas brincadeiras e de forma muito prazerosa e dinâmica*. Corrêa concorda: *eu me remeto sempre ao tempo de criança, nessas horas. Não sei o porquê a gente para de brincar. [...] é tão simples e gostoso. Eu fico lembrando o tempo todo de como era bom ser criança e de como é simples ser criança. Aqui, nesses encontros, o tempo passa rápido, a gente de diverte, aprende e ensina. [...] Aprender brincando.*

Araújo reflete o lado lúdico que as atividades proporcionam: *era muito bom ser criança e aqui nós temos a oportunidade de aprender brincando. Coisas que nós nem imaginávamos fazer, estamos fazendo. [...] Além de ser uma terapia, é um convite a todos nós nos soltarmos um pouco, de vez em quando, igual as crianças fazem quando estão brincando*.

Estava claro que as professoras percebiam o espaço dos nossos encontros como oportunidade de vivências prazerosas, lúdicas e de constante movimento de retorno à criança interior que se encontra guardada em algum lugar do nosso ser, em cada um de nós.

Esse retorno não significa fazer o que a criança faz, mas, talvez, como ela faz, de forma espontânea e livre, por não se sentir presa, ainda, a padrões orientadores de normas, condutas e valores sociais, tão caros a organização da sociedade. De acordo com Gambini (2008), a criança preserva, em si, a liberdade, a espontaneidade e a energia criativa e criadora mais próxima do inconsciente que os adultos e tem a capacidade de gestar processos ampliados de conexão com canais sutis, que nós, adultos, vamos perdendo com o a passar dos anos.

Fotografia 28 – Protocolo – Costa



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

No encontro anterior havia sido proposto às professoras o exercício de produção simbólica das imagens dos seus sonhos, na forma de uma imagem-objeto, e tinha como objetivo desenvolver o olhar e a imaginação criativa e criadora ampliando as funções sociais do mesmo. Porém, a maioria das professoras não trouxe as imagens-objetos simples relacionada às dos seus sonhos, elas optaram por construir outras imagens em forma de maquetes.

Fotografia 29 – Imagens/desenhos e imagens/maquetes 01



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Fotografia 30 – Imagens/desenhos e imagens/maquetes 02



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Dentre elas, duas professoras trouxeram o objeto, tal qual havia sido indicado; e uma professora não trouxe. Esta teve dificuldade em participar do processo, apesar de sempre realizar as tarefas nos encontros em que participava.

Fotografia 32 – Imagens/desenhos e imagens/objetos



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Mas, para minha grata surpresa, as professoras foram além do esperado e do solicitado, pois o esmero do trabalho executado refletia na motivação e estímulo causado pelos encontros e vivências. Desta forma, e como sempre, modificamos o encaminhamento dos próximos momentos.

Fotografia 32 – Mandala de imagens



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Construímos um círculo e colocamos todas as imagens em volta para dialogarmos sobre a tarefa. Confesso que fui pego de surpresa e não sabia o que fazer naquele momento, pois o planejamento havia, novamente, se distanciando de nós. As professoras ficaram intrigadas com essas inovações, pois sempre executam seus trabalhos em sala de aula a partir de um planejamento antecipado e o que estávamos vivenciando era algo fruto da improvisação, espontaneidade, cheio de possibilidades, mas sem uma direção certa. *Eu, às vezes, não acredito que estamos criando tudo isso sem ter um planejamento antecipado. Parece que você, professor, já tem tudo organizado na cabeça, pois consegue comandar todos os momentos de forma bem prática*, explicitou Corrêa.

Refleti, com todas, que esse é o processo desejado, mas que eu não estava, ainda, familiarizado com tudo isso, propus continuarmos a vivência. Solicitei que guardassem as imagens-maquetes trazidas e que procurassem pela sala e nos demais espaços da escola, objetos comuns do cotidiano para realizarmos *o jogo dos objetos.*

Fotografia 33 – Jogos dos objetos



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

O jogo consistia em três fases:

Primeira fase: criar uma história coletiva com começo, meio e fim, a partir dos objetos escolhidos por mim. A ideia era, ao construir a história, incluir o objeto apontado. As professoras tinham como principal objetivo dar uma continuidade à história iniciada pela outra. O jogo foi muito divertido e Mendonça refletiu: *é muito difícil contar uma história do nada. Às vezes, pedimos aos alunos que façam isso, mas a gente mesmo não tem esse costume. A gente lê uma história, mas não cria e quer que o aluno crie. [...] Muito difícil, mas também muito legal porque mexe com a nossa imaginação e da outro.*

Corrêa concorda com Mendonça, mas ressaltou que a dificuldade estava em não praticar, com as crianças, aquilo que elas ensinavam. As professoras estavam se colocando no lugar das crianças e, assim, revisavam, refletiam e avaliavam suas práticas em sala de aula. Este momento me fez constatar que já não havia mais queixas ou avalições negativas entre elas, mas reflexões maduras sobre suas

condutas, pessoais e profissionais, não como certas ou erradas, mas aspectos que poderiam ser melhorados e ampliados.

Em todos os momentos dos encontros ressaltei que este trabalho não era uma formação para sala de aula, a ser replicada aos alunos como uma metodologia ou estratégia de ensino. Antes de tudo, era algo pessoal, para o aprimoramento de cada uma, mas que podiam, perfeitamente, ser expandido aos alunos, se assim vissem possibilidade, considerando os devidos limites de aprendizagem de cada faixa etária, conteúdos trabalhados e objetivos propostos pela escola.

Costa ressaltou que todos os jogos e atividades vivenciadas poderiam ser realizados com as crianças e Monteiro amplia: *nós deveríamos registrar todos esses jogos e dinâmicas para fazer com as crianças. Elas vão adorar sair da rotina da contação de histórias tradicional que realizamos em sala de aula. Além disso, é muito lúdico trabalhar com a imaginação delas. Nós não estamos acostumados, mas as crianças vivem fazendo isso, inventando histórias.*

Trabulsi disse que a dificuldade estava não apenas em contar uma história, mas inserir um novo elemento/objeto nela e continuar aquilo que a outra havia iniciado. Araújo complementou que o interessante foi verificar se a história tinha sentido, igual ao sonho: *se vocês prestarem atenção, a nossa história ficou parecendo um sonho. Sabe quando a gente sonha que está em um lugar e depois, no sonho, estamos em outro, parece que não tem sentido, mas eu acho que deve ter. [...] o sonho acaba sendo uma história igual a essas que nós contamos. Se nós formos reparar, a segunda história teve sentido sim.*

Esta fase do jogo foi realizada duas vezes e a vivência teve a intenção de encontrar pontos de analogia com o sonho, uma narrativa simbólica, aparentemente, sem sentido, por vezes confuso, por conta das suas imagens dispersas. Desta forma, partimos para a próxima fase.

Segunda fase: Cada professora escolhe um objeto, localizado ao centro do círculo, que tem determinada função social. A ideia era transformar essa função utilizando o objeto de outra forma, desenvolvendo, assim, a capacidade de improvisação, imaginação e do *e se* (e se este objeto fosse outra coisa, como seria?). Esta função transformada não poderia ser comunicada através da fala, contando-a, mas, sim, pelos gestos e expressões mostrando o novo uso. Por exemplo: um pente que se transformou em telefone; uma garrafa se transformou em microfone. De acordo com Pereira*, este jogo foi muito divertido.*

Pereira na avaliação: *muito interessante porque nós vemos um objeto e temos que transformar ele em outro, sem poder falar, somente usando. Isso se constrói com a nossa imaginação e nós temos a capacidade de fazer isso, brincando* e Araújo cita que, apesar da dificuldade inicial, o grupo consegue estabelecer narrativas com o jogo: *no início a gente pensa que não consegue, mas depois começamos a utilizar o objeto e mesmo sem pensar direito, de forma improvisada, mostramos. Isso é muito bom, pois mostra a capacidade de nós, seres humanos, criarmos um mundo diferente. [...] na realidade, o mundo é o que a gente vê dele. Se só tu ver desgraça, o mundo é ruim, mas se tu consegues ver coisa boa, ele é bom. [...] a capacidade de pensar e ver as coisas sobre outros ângulos.*

Costa amplia e abre a possibilidade para a observação e a transformação da visão de si mesma: *se nós conseguimos fazer isso com as coisas e os objetos, nós também podemos mudar a forma de como nos vemos. [...] acho que os jogos trazem essa capacidade de fazer a gente pensar o tempo todo no poder de nos transformar e ver as coisas e o que fazemos através de um novo olhar.*

Há muitas pessoas com depressão e com medo de ser de verdade, pois não conseguem se enxergar como são, complementou Monteiro. Ressaltei que precisamos também expandir esse olhar para as nossas sombras, aquilo que, por vezes, escondemos e não gostamos ou não queremos mostrar às pessoas. É importantíssimo termos a percepção que não somos apenas formados por uma parte dita como positiva, mas que temos outra negativa, um contraponto que precisamos ter acesso, compreender e andar com ele também.

Por meio dos sonhos, podemos reconhecer aspectos escondidos de nossa personalidade que preferimos não ter por perto. De acordo com Von Franz (2016), Jung chamou realização da sombra: a autora ainda afirma que a sombra não é o todo da personalidade inconsciente e, sim, representa qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos do ego, ou seja, os aspectos que pertencem, sobretudo, à esfera pessoal e que poderiam também ser conscientes.

Araújo relatou que todos têm algo para esconder, porque a criação e a cultura colocam na vida das pessoas coisas como certas e erradas, portanto, não somos o que aparentemente mostramos, mas gostamos de ver nas pessoas, sempre, as coisas erradas, o tempo todo.

> Sob certos ângulos a sombra pode também consistir de fatores coletivos que brotam de uma fonte situada fora da vida pessoal do indivíduo. Quando uma pessoa tenta ver a sua sombra, ela fica consciente (e muitas vezes

> envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas que consegue perfeitamente ver nos outros, coisas como o egoísmo, a preguiça mental a negligência, as fantasias irreais, as intrigas e as tramas, a indiferença e a covardia e amor excessivo ao dinheiro e aos bens[...] (VON FRANZ, 2016, p. 222).

As professoras concordaram, como evidenciam as palavras de Mendonça: *as pessoas só mostram às outras aquilo que lhes parece ser bom, e contraditoriamente, há sempre no outro algo que não gostamos.* Franz (2016) ressalta que ignoramos, dentro de nós, elementos conflitantes e que, quando observamos nos outros as nossas próprias tendências inconscientes, estamos fazendo projeção. Somos contrários à oposição, tanto a que percebemos dentro de nós, quanto a que está fora, percebida no outro, mas nem sempre a sombra tem uma característica opositora, ela aparece segundo as circunstâncias, só se tornando hostil quando ignorada.

> Se a figura da sombra contém forças vitais e positivas, devemos assimilá-la na nossa experiência ativa, e não reprimi-las. Cabe ao ego renunciar ao seu orgulho e à sua vaidade para viver plenamente o que aparece sombrio e negativo, mas que na realidade pode não ser (VON FRANZ, 2016, p. 230).

Mendonça observou que, de acordo com suas experiências, *todos os humanos têm momentos que se deparam com o desconhecido e fazem coisas que não imaginavam*. Refleti que isso poderia ser a ação de um produto do inconsciente, guardado, mas latente, que vem à tona a partir de determinadas circunstâncias e que, neste caso, acontece diariamente nos sonhos. O inconsciente se comunica simbolicamente com a nossa consciência, através de imagens.

Esta fase se ampliou para uma terceira. O grupo deveria utilizar um único objeto e este passaria por cada uma delas. As professoras o recebiam e todas transformariam sua função sem repetir a ação que a outra havia feito anteriormente. Este jogo causou mais ludicidade e, de acordo com Corrêa, foi mais complicado, pois tinha que improvisar, no ato, várias outras funções sem repeti-las entre si*: eu gostei muito desse jogo porque pudemos trabalhar muito com a nossa imaginação. Nós somos acostumados a ver as coisas tais como elas se apresentam e encontrar uma outra função é um desafio. Isso veio mostrar que um objeto qualquer pode ser um monte de coisas que nós nem sequer imaginávamos.*

A proposta foi vivenciar, de forma simbólica, o poder das imagens e suas mais diversas formas, diferente de como elas se apresentam, haja vista que, nos sonhos, as imagens são o que são, mas carregam em si uma diversidade de símbolos capazes de transformar sentidos e alterar a comunicação, ou mensagens do devir.

> A imagem é o único dado pelo qual há acesso direto, imediato. Indica complexidade: em toda imagem há uma múltipla relação de significados, de disposições, de proposições presentes simultaneamente. Nossa dificuldade de compreendê-las, por exemplo, nos sonhos vem em grande parte de nosso vício de linearidade. Nossa incapacidade de experimentar e vivenciar simultaneidade de significados- vem da necessidade de transformar imagens em história, inseri-las na temporalidade (HILLMAN, 2108, p. 12).

As imagens são o que são, mas nunca são o que são ao mesmo tempo, pois cada uma tem um valor simbólico experimentado diferente, ou seja, uma mesma imagem tem um valor universal, entretanto, ao ser experimentado de forma individual, passa a fornecer um valor pessoal e único. Por isso que as intepretações dos sonhos não devem se dar por manuais ou guias.

Jung (2016) afirma que, de modo geral, é uma tolice acreditar em guias pré-fabricados e sistematizados para a interpretação dos sonhos:

> Nenhum símbolo onírico pode ser separado da pessoa que o sonhou, assim como não existem interpretações definidas e especificas para qualquer sonho. A maneira pela qual a inconsciente completa ou compensa o consciente varia tanto de indivíduo para indivíduo que é impossível saber até que ponto é aceitável, na verdade, haver uma classificação dos sonhos e seus símbolos. (JUNG, 2016, p. 61).

A proposta, agora, era experimentar a função simbólica, exercida por cada uma. As professoras escolheriam um objeto e se presenteavam uma à outra. O motivo da escolha deveria ser simbólico, ou seja, o que aquele objeto comum carrega de simbolismo que se relaciona com a pessoa presenteada?

Araújo presenteou Corrêa, já que, de acordo com o mesmo, *a caneta que serve para escrever pode ter vários simbolismos, mas, para a nossa diretora, pode ser símbolo de poder. Com a caneta, assinamos documentos e decidimos, muitas vezes, o destino de alguém. Então, meu presente vai, nesse sentido, de dizer que vejo com uma caneta, que tem poder de decidir e comandar as pessoas e ela faz isso conosco, de forma não autoritária*.

Corrêa escolheu um vaso de flores e deu para Trabulsi, pois, *é a representação da beleza e da pureza que ela demonstrava*. Trabulsi, a mais nova do grupo, presenteou Pereira com um terço, pois acredita que a *professora sendo muito religiosa, o objeto representa todo o poder da fé que ela tem.* Pereira presentou Costa com uma bolsa e assim o fez, *porque a bolsa é símbolo da vaidade, mas também pode ser algo para se guardar coisas das quais precisamos*.

Pereira afirma que *uma bolsa, além de ser símbolo da vaidade, guarda coisas importantes para a mulher e a professora Costa consegue guardar muito conhecimento dentro de sua cabeça, pois é muito criativa.*

Costa presenteou Monteiro com um telefone celular, pois *pode ser visto como o símbolo da comunicação e ela é muito comunicativa, gosta muito de falar e sabe contar histórias com detalhes.* Monteiro, por fim, presenteou Araújo com uma sandália como símbolo que alguém que está sempre andando para frente.

Hillman (2018) observa, na abordagem simbólica, algumas vantagens:

> A abordagem simbólica ajuda a localizar uma imagem dentro da imaginação. [...] ela libera o sonho de sua estreita opressão pessoal. Apenas por amplificar, fazemos terapia, na procura de um símbolo, reconectamo-nos, relembramo-nos de um imaginário maior. A abordagem simbólica abre-nos para a cultura. [...] O Símbolo tem alcance e eco. Qualquer evento visto simbolicamente assume uma dimensão; torna-se universalizado, ganha transcendência para além da sua aparência imediata. Sentimo-nos em contato com um grande significado. Os símbolos dão grandiosidade – e inflação, e delírios e grandeza (HILLMAN, 2018, p. 22).

Hillman (2018) ressalta, também, que não existe um símbolo como tal, somente existem imagens. Todo processo psíquico é uma imagem, disse Jung (2016). Os símbolos aparecem e só podem aparecer, em imagens e como imagens. Desta forma, a necessidade de trabalhar as imagens extraídas dos sonhos em exercícios que facilitem a abstração dessas próprias imagens, uma vez que, para Hillman (2018), cada símbolo é articulado, vivificado ou mortificado pela imagem que apresenta. Um símbolo não pode aparecer a menos que seja numa imagem e, dessa maneira, estávamos produzindo imagens e reconhecendo possíveis símbolos.

Este conjunto de jogos seriam realizados com as imagens-objetos trazidos pelas professoras e como já foi descrito acima, o produto criado pelas mesmas impossibilitou o manuseio. Porém, creio que não foi prejudicial, pelo contrário, ampliou ainda mais as possibilidades de se trabalhar com o simbólico sem precisar definir conceitos e, sim, desenvolvê-los.

Para o próximo encontro, o protocolo foi destinado à Corrêa. Solicitei que trouxessem um objeto mais simbólico e representativo das imagens construídas através dos sonhos e propus, ainda, uma questão a ser refletida: o que o mito e os contos de fadas têm a ver com os sonhos?

4.2.8 Sexto encontro (23 de setembro de 2020)

O início se deu com o protocolo realizado por Corrêa, que iniciou com uma oração e desenvolveu um jogo com música e movimentos, servindo, de tal modo, para o aquecimento do grupo.

No círculo de discussões e reflexões sobre o processo desencadeado, até aquele momento, as professoras enfatizaram que *este estava sendo um espaço para trabalhar o melhor que temos e conquistamos,* de acordo com Corrêa.

Uma importante consideração a ser ponderada neste grupo está no aspecto da fala e da escuta. As professoras não interrompem a fala das outras e conseguem se escutar umas às outras, verdadeiramente, de maneira ética e solidária em todos os momentos. Neste ponto, Mendonça refletiu, *o engraçado é que aqui a gente fala um monte de coisas bem pessoais e a gente não tem medo da crítica e do julgamento negativo. Eu sou muito tímida e fechada. No início eu estava meio que com medo de falar e com o tempo, comecei a falar e perdi esse medo. E isso é muito bom.*

> O primeiro passo para uma boa consciência da realidade é o autoconhecimento. Esforçando-nos sem cessar para perceber, sentir, expressar e formular - em suma, para "objetivar" - desejos, fantasias, medos e sentimentos quase imprevistos e pouco admitidos, desenvolveremos aos poucos a capacidade de distanciamento, extremamente importante para o domínio da vida. [...]O segundo passo para a consciência da realidade reside no esforço para a objetividade diante do mundo exterior. Em vez He ficarmos presos a opiniões e preconceitos duvidosos sobre ossos semelhantes e os acontecimentos mundanos, podemos polir e lustrar nosso escudo refletor, perguntando-nos reiteradamente com curiosidade: "Como isso funciona de fato?" ou "O que o meu semelhante quer realmente me dizer?" Isso equivale ao procedimento de um bom cientista, criminalista ou juiz, que não pronuncia uma sentença antes de conhecer os detalhes do caso. (MULLER, 2017, p. 37-38).

Trabulsi concordou com Mendonça e ressaltou que *esse é um passo para o autoconhecimento, partir da liberdade para produzir em um espaço para falar o que quiserem sem ter o medo de ser mal vistas.* Corrêa concorda: isso é verdade, pois há *muitos lugares que a gente morre de medo de falar, de se expressar. Em Várias reuniões, quando eu vou, não falo nada porque tenho medo de falar bobagem e as pessoas falarem mal de mim. Aqui, o professor Neudson consegue fazer a gente falar e fazer coisas de uma maneira mais leve, sem ter essa história de ser julgada como certa e errada.*

Mendonça complementa: *o legal é que ele, o professor Neudson, sempre traz algo para a gente fazer, ler, falar e isso nos envolve e nos motiva a pensarmos em*

nós mesmos e falarmos de nós mesmos. Acredito que este seja o processo de conhecimento, se libertar um pouco dessas amarras que criamos.

Araújo comentou que *o verdadeiro grupo é aquele que sabe falar e ouvir o outro, sem medo de ser criticado.* Eu ponderei que esse processo desencadeado por todos também me afetava, pois o exercício de ouvir o outro, sem interferir, dar uma opinião, uma ideia sobre, muitas vezes atropelando o outro, era muito difícil para mim e que eu sentia esse espaço como criador de condições onde todas pudessem pensar em seus projetos de vida pessoal e profissional, naquilo que nos motivava a acordar todos os dias, nas coisas mais simples e complexas que surgem ou são construídas ao longo da jornada do autoconhecimento.

No segundo momento, foi a contação dos sonhos e socialização dos registros realizados nos cadernos dos sonhos. Araújo socializou alguns dos seus sonhos e nos contou o mito de Perséfone, que, segundo ele, estava relacionado ao seu sonho principal em trabalho, o da planta: *sonhei que estava na beira de um rio com água barrenta e na atividade de pescar. Sendo assim, comecei a lançar a tarrafa no rio e, de repente, os peixes que havia pegado era uma traíra grande.*

Fotografia 34 – imagem do sonho - Araújo 02



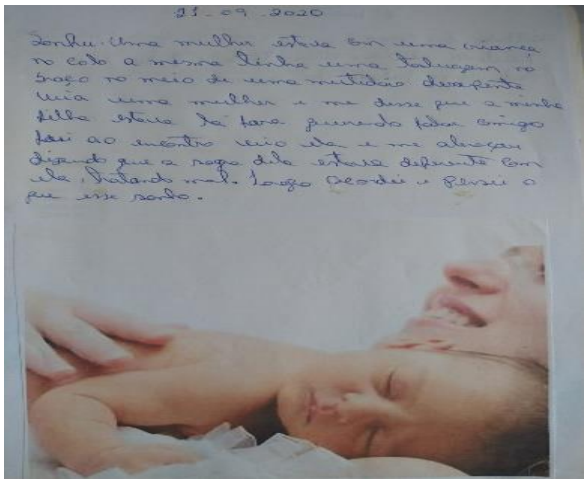
Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Araújo nos relatou o mito de Perséfone: *o mito grego de Perséfone explica a mudança das estações do ano. De acordo com sua história, os alimentos e os campos enchem de tristezas após Perséfone, a deusa da colheita, ter sido raptada por Hades, o deus do submundo. Após ser encontrada, Hades fez com que ela pudesse regressar à terra com a condição de passar um terço do ano na sua companhia, o que acontecia nos meses de inverno, em que os campos voltavam a ficar tristes, sem a presença da deusa.*

Araújo explicou que o mito de Perséfone é muito representativo do sonho da planta que precisava ser regada e do conceito de morte que ele citou, como um desligamento.

Corrêa não trouxe nenhum mito relacionado ao seu sonho, mas nos contou o seguinte sonho: *sonhei que uma mulher estava com uma criança no colo. A mesma tinha uma tatuagem no braço. No meio de uma multidão, de repente, veio uma mulher e me disse que a minha filha estava lá fora querendo falar comigo. Fui ao seu encontro. Veio ela e me abraçou dizendo que a sogra dela estava diferente com ela, tratando mal. Logo acordei e pensei o que foi esse sonho.*

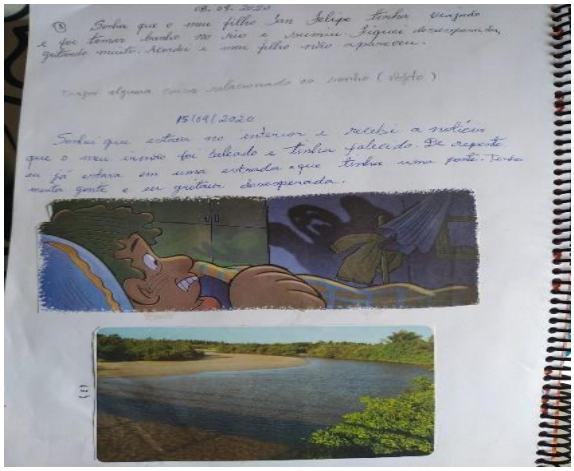
Fotografia 35 – Imagem do sonho – Corrêa 02



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Mendonça também não trouxe o mito, mas relatou três sonhos: *sonhei que estava no interior e recebi a notícia que o meu irmão foi baleado e tinha falecido. De repente, eu já estava em uma estrada e que tinha uma ponte. Tinha muita gente e eu gritava desesperada.*

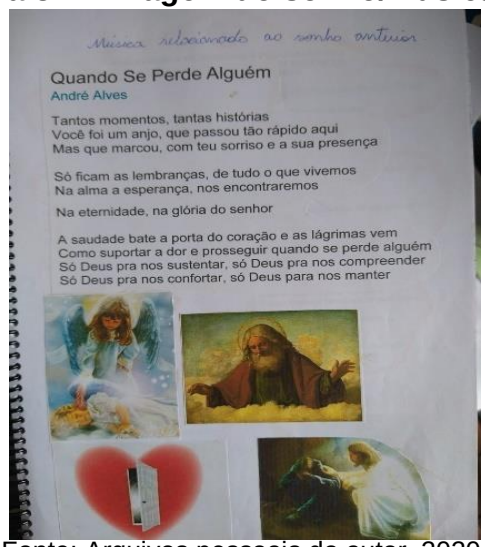
Fotografia 36 – Imagem do sonho – Mendonça 01



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Costa socializou um dos seus sonhos e trouxe uma música para representar o sonho principal:

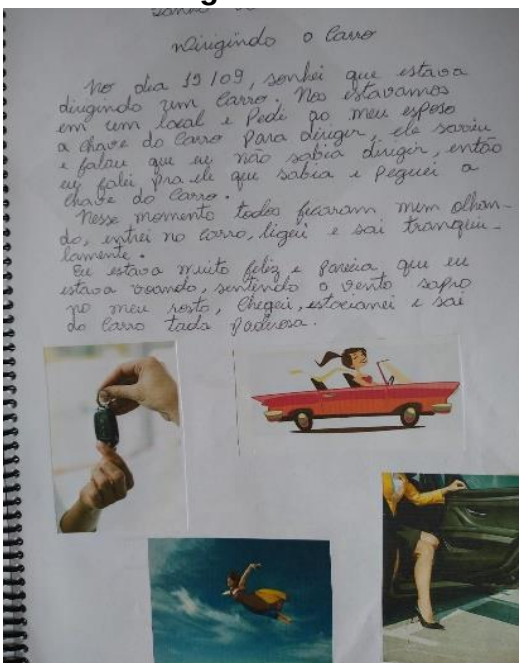
Fotografia 37 – imagem do sonho/música – Costa



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Costa relatou o seguinte sonho: *sonhei que estava dirigindo um carro. Nós estávamos em um local e pedi ao meu esposo a chave do carro para dirigir. Ele sorriu e falou que eu não sabia dirigir, então, eu falei para ele que sabia e peguei a chave do carro. Nesse momento, todos ficaram me olhando. Entrei no carro, liguei e sai tranquilamente. Eu estava muito feliz que é parecia que eu estava voando, sentindo o vento soprar no meu rosto. Cheguei, estacionei e sai do carro toda poderosa.*

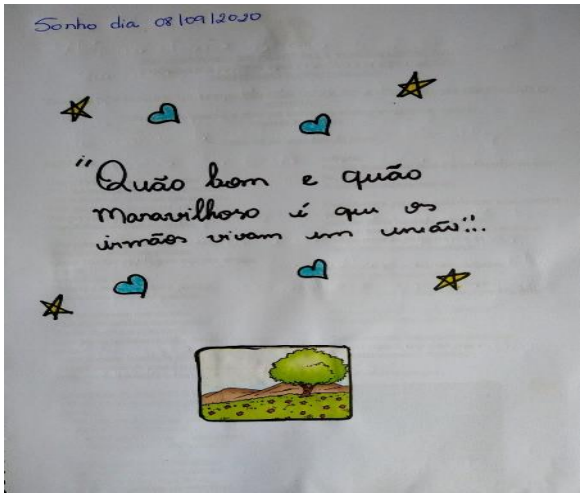
Fotografia 38 – imagens dos sonhos- Costa 02



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

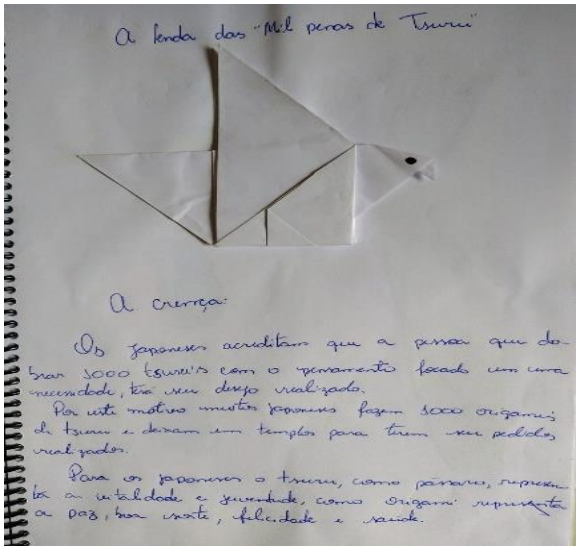
As professoras, por vezes, optavam em não registrar seus sonhos por escrito, mas com frases ou imagens de maneira bem resumida. Trabulsi é um exemplo, pois apresentou a lenda das mil penas de *tsuru* como imagem do seu sonho principal, além da representá-lo, o sonho como o pássaro em origami: *eu trouxe a lenda do tsuru, pois acho que está relacionada ao meu primeiro sonho e a imagem que eu criei, ou o que eu penso e acredito. [...] Os japoneses acreditam que a pessoa que dobrar 1.000 tsurus com o pensamento focado em uma necessidade, terá seu desejo realizado. Por este motivo, muitos japoneses fazem 1000 origamis de tsurus e deixam em templos para terem seus pedidos realizados. Para os japoneses, o tsuru, como pássaro, representa a vitalidade e juventude, como origami representa paz, boa sorte, felicidade e saúde.*

Fotografia 39 – Imagem dos sonhos – Trabulsi 02



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Fotografia 40 – imagem dos sonhos – Trabulsi 03



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Monteiro foi a professora que mais registrou seus sonhos, porém, não participou de todos os momentos em sequência. O primeiro foi intitulado de Perseguição: *sonhei que estava viajando de moto em uma BR, quando olhei pelo retrovisor da moto vi que estava sendo seguida por um ônibus todo branco em alta velocidade para me atropelar na estrada. Então fiquei com muito medo e alcancei uma vila de casas e não dava para eu parar lá e continuei em alta velocidade e quando olhei de novo o ônibus tinha capotado e continuava mesmo viajando e virando ainda estava me perseguindo e eu olhava para o ônibus e não tinha nenhum amassado nele e continuava virando, mas todo tempo o ônibus tentava me atropelar. Quando olhei para dentro do ônibus, tinha um presidiário dentro e vestido de macacão laranja. O que me chamou atenção o ônibus estava sem amassado e o homem sem ferimentos. Então, acordei do sono profundo*.

O seu principal sonho – frutaria: *sonhei que sai de casa pela manhã na minha moto e passei em frente a uma frutaria e estavam muitos homens lá para destruir uma parte dessa frutaria para aumentar a largura da avenida em duas vias. Mas a dona do local estava desesperada segurando várias frutas nas mãos e reclamando do que estava acontecendo em sua frutaria e estava com tristeza de ver aquela cena acontecer. Então acordei do sono.*

Monteiro, apesar de não participar de alguns encontros, escolheu o sonho da frutaria como o seu principal e nos trouxe a imagem representativa do mesmo.

Fotografia 41 – imagem do sonho - Monteiro



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Este momento foi de socialização dos sonhos nos cadernos. As professoras contaram seus sonhos, todos de uma só vez, assim como estavam registrados em seus cadernos. Não houve a possibilidade de desenvolver um trabalho analógico com cada desses, pois não havia tempo de pesquisa suficiente para inclui-los. Já tínhamos iniciado o processo com os primeiros sonhos contados e, assim, continuamos. Desta forma, muitos sonhos não foram descritos nesta pesquisa.

Após a socialização dos sonhos e dos cadernos, passamos para a tarefa: Cada professora trouxe outra imagem-objeto que simbolizasse ainda mais a imagem do sonho principal. Buscamos, outrossim, todas as produções anteriores e as dispomos em um círculo, criando uma mandala.

A partir desse momento, as discussões iniciaram sobre o possível significado de todas as imagens até então criadas a partir dos sonhos em uma tentativa de encontrar uma narrativa de ligação entre elas ou uma mensagem que pudéssemos corporificar através da linguagem teatral.

Fotografia 42 – Narrativa dos sonhos: em busca das palavras 01



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Trabulsi trouxe um origami; Corrêa, notas de dinheiro; Costa, uma caixa de presente; Pereira, velas; Mendonça, um copo com água; Monteiro, sementes e Araújo, uma cabaça. Todos esses objetos foram imagens amplificadas dos símbolos da imagem de cada sonho tido como principal.

Corrêa comunicou que: *meu sonho tem a ver com a compra de um apartamento por isso eu trouxe as notas de dinheiro para simbolizar essa possibilidade de poder*

de compra de um desejo que é meu. Araújo explica que a cabaça, *é um fruto que depois a gente aproveita para fazer várias coisas, desde utensílios até artesanato. Então, é algo que depois de morto, renasce com uma nova proposta de existir*.

Trabulsi trouxe um origami: *na realidade é uma representação da imagem de um tsuru, que simboliza a realização dos desejos. O meu sonho é talvez a vontade de reunir minha família e meus amigos. O povo viu solidão nele e acho até que é mesmo, então eu desejo essa paz interior que eu preciso para me completar como pessoa e não precisar afetivamente tanto de tantas pessoas*. O objeto de Costa foi uma caixa de presente: *não sei porque eu trouxe uma caixa de presente, porque no meu sonho tem uma festa. Eu ganho no final um pedaço de carne de porco eu senti muito nojo.*

O sonho de Pereira se funda, principalmente, no desparecimento do seu filho, então, eu trouxe a vela que *representa luto, mas ao mesmo tempo luz, para a esperança de algo que acreditamos que exista após a morte.*

Monteiro sonhou com uma frutaria, portanto, trouxa sementes: *eu sonhei com uma frutaria, então, eu trouxe essas sementes para simbolizar que novos frutos sempre virão, apesar de tudo. No sonho eu temia que a frutaria fosse destruída pela avenida que está sendo feita, mas pode ser que isso até melhore para a dona da Frutaria.*

Mendonça nos trouxe um copo com água e revela: *a água pode simbolizar a origem da vida, a fecundidade, a fertilidade, a transformação, a purificação, a força e a limpeza. Por outro lado, a água expressa o castigo de Deus em forma de dilúvio. Nesse sentido, a água também simboliza a morte e as devastações.*

Uma nova problemática oi surgindo: havia uma narrativa individualizada em cada sonho, mas, intuitivamente estávamos sendo levados a construir, através dessas imagens uma narrativa coletiva, como fazer isso? Estava claro que as imagens produziam outras imagens e, se assim desejássemos, esta produção seria infinita, pois infinitos são os valores simbólicos encontrados tantos nos sonhos quanto nas imagens.

> A profundidade só apareceu na medida em que nos aprofundamos na imagem, nos perdemos em seus meandros, de forma que, quanto mais fundo mergulhamos, mais profunda ela se mostra (HILLMAN, 2018, p. 45).

Fotografia 43 – Narrativa dos sonhos: em busca das palavras 02




Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Para Hillman (2018), as imagens são lançadas em função de meus problemas e da forma como eles atuam em relação uns com os outros. Até mesmo problemas posteriores, antes inconscientes, começam a vir à tona com o trabalho de desafiar a trama da imagem. Encontrávamos neste desafio.

De acordo com Hillman (2018), a própria imagem é o seu significado, surgindo uma forma e, com ela, criar imagem é igual a significado. E tudo isso sem recorrer ao método interpretativo usual.

Vale ressaltar que não tínhamos um método alicerçando nosso trabalho com sonhos e imagens e, pouco a pouco, fomos ficando angustiados por estar à deriva de algo que se apresentava e no qual ainda não havíamos descoberto seu sentido, o sentido dos sonhos. Hillman (2018) nos acalentou ao dizer que o objetivo do trabalho com sonhos é fazê-los ter importância e este trabalho estava tendo importância para todos nós participantes dele.

> Nosso método pode ser utilizado tanto por analistas como por não analistas. Não requer conhecimento especial - ainda que o conhecimento dos símbolos possa ajudar culturalmente a enriquecer a imagem, e saber idiomas, com um certo vocabulário, ajuda a ouvir além da imagem. Ao deixarmos que a imagem fale por si, estamos sugerindo que as palavras e seus arranjos (sintaxe) são minas de alma. Mas minerar não requer modernos aparatos tecnológicos (se precisasse, ninguém teria sido capaz de compreender um sonho ou uma imagem até o advento da psicologia moderna!). O que ajuda a minerar é ter o olho adaptado à escuridão. [...] Segundo: nosso método não deve ser tomado literalmente, como se todos os sonhos devessem ser trabalhados segundo a “nova técnica verbal de Hillman” (Hillman, 2018, p. 47-48).

Assim como Hillman (2018) indica, tudo o que fizemos foi ficar com a imagem, ou seja, mantivemo-nos fielmente próximos a elas.

Dispomos todas as imagens produzidas em um círculo e, para este movimento, demos o nome de Mandala dos sonhos.

Hillman (2018) propõe que, para trabalhar com imagens, precisamos mais do que simbologia, mais do que psicologia, em seu senso analítico psicodinâmico, e mais do que arquetipologia. Ele ressalta a necessidade de nos dirigirmos ao campo dos especialistas em imagens, o campo da estética em seu sentido mais amplo, e também em uma de suas estreitezas, o escrutínio da imaginação verbal, a poética.

A proposta era refletir todo o processo, desde o início e encontrar possibilidades simbólicas de comunicação e expressão também estética e discutir o sentindo dessas imagens e o que cada uma comunicava e como se relacionavam umas com as outras tentando encontrar um eixo, talvez uma mensagem central, tornou-se o nosso desafio.

> Esse movimento em direção à estética parece uma consequência inevitável do fato de Jung ter baseado a realidade psíquica nas imagens de fantasia, um termo que ele disse ter tomado da tradição poética. Sua teoria das imagens anunciou uma base poética da mente, e a imaginação ativa pôs isso em prática, mesmo quando Jung continuou usando linguagem científica e teológica para suas explicações. Parte do que a psicologia arquetípica está tentando fazer é seguir Jung consequentemente ao longo das linhas que ele abriu, mas que não prosseguiu. Uma dessas linhas é a poética: a exploração do fazer-imagem em palavras (HILLMAN, 2018, p.73-74).

Resolvemos, portanto, transformar cada conjunto de imagens em palavras. Todas as participantes refletiram e decidiram qual palavra teria mais sentido ao conjunto de suas imagens e, a partir de então, encontraríamos uma narrativa estética significativa.

Diversas palavras foram surgindo do coletivo. Algumas não davam o sentido para a outra e assim, como o jogo dos objetos, o objetivo foi encontrar um sentido simbólico, mesmo não fosse aparente. As palavras não deveriam ser jogadas e, sim, brotadas, tais como as imagens surgidas pela comunicação com o inconsciente, através dos sonhos. Portanto, para esmiuçar mais detalhes, realizamos mais jogos de expressão corporal e teatral em torno da mandala para ampliar sentidos, simples diversos do real. Deixar o corpo brincar livre para a mente se sentir segura e a comunicação fluir.

Não era um exercício intelectual de pensamento racional de formação de narrativas claras e objetivas, mas um trabalho de organização espontânea para o

surgimento de uma narrativa estética e criativa e que esta pudesse minimamente comunicar simbolicamente todo o percurso desenvolvido.

Em volta da mandala dos sonhos, realizamos, também, conversações sobre esta caminhada e como foi construída cada imagem. Era certo se tratar de uma caminhada, pois ela sempre esteve presente desde as imagens iniciais até a formatação da mandala, onde todas as imagens se direcionavam ao centro, ou seja, ao centro de si mesmo e isto se deu de forma coletiva.

Costa comunicou: *eu estou achando incrível como chegamos até aqui, como as imagens se comunicam e falam algo para nós. Está claro, mas ao mesmo tempo é cheio de interrogações. [...] e tudo começou com os sonhos da morte e no final, será que estamos ainda falando de morte?*

Refleti com o grupo que ainda estamos falando de morte, mas com um outro sentido, com um sentido de transformação, de mudança de vida. Afinal, vida e morte estão juntas e se, nós estávamos com medo da morte e hoje falamos dela de uma forma diferente, é porque, provavelmente, essa morte seja simbólica e não mais literal como imaginávamos.

Uma segunda palavra havia surgido, *transformação,* aliada à outra primeira, *morte:* a morte como transformação de algo. Portanto, percorremos nossas discussões sobre esse aspecto: a morte que transforma, e como ocorreria isso? Precisávamos de mais palavras-chaves para emularmos o nosso enredo.

Após muitas reflexões as palavras surgiram:

a. A imagem da vela, advinda do sonho da morte do filho no rio, foi representada pela palavra tristeza;
b. O presente, advindo do sonho da carne de porco, foi representado pela palavra alegria;
c. O origami, surgido do sonho da solidão, foi representado pela palavra paz;
d. A palavra fertilidade surgiu da imagem das sementes dos sonhos da frutaria;
e. O dinheiro, símbolo trazido para representar o sonho da compra do apartamento, originou a palavra poder.
f. As palavras purificação e transformação surgiram da imagem do copo com água, que foi oriundo do sonho da morte do filho no rio;

g. A palavra superação surgiu da imagem da cabaça do sonho da planta que precisava ser regada.

Morte, transformação, purificação, fertilidade, alegria, tristeza, superação, paz e *poder* foram as palavras brotadas das imagens. Mas, como em um sonho, elas pareciam desconexas, soltas e, como um quebra cabeça, precisávamos agrupá-las para compreender o sentido. Assim suscitei um novo desafio: por onde iniciar esta caminhada de transformação e onde possivelmente terminaria, se seguíssemos as imagens e as palavras?

Trabulsi escolheu a palavra paz para a finalização da trajetória: *acho que pode terminar na paz, porque no fim das contas, todo mundo deseja paz, encontrar a paz, quer seja para si, quer seja para todo mundo. Todo mundo busca de uma certa forma, a paz.*

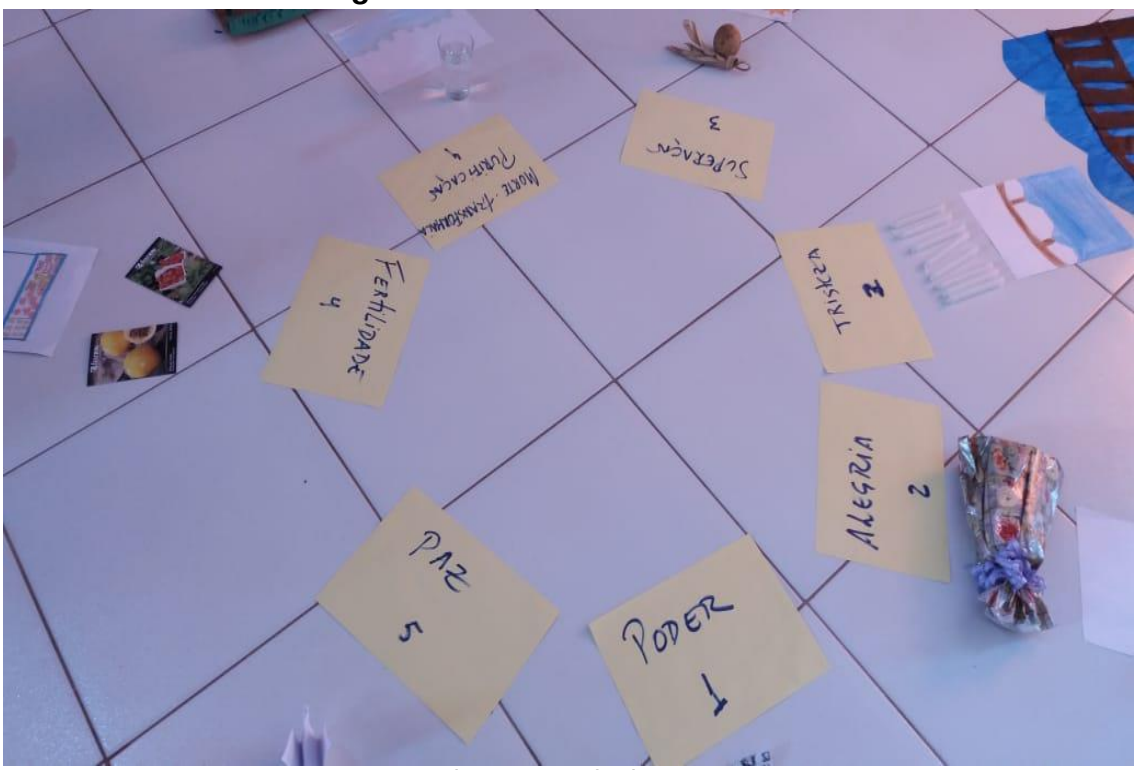
Todas concordaram com a proposta de Trabulsi e Corrêa ressaltou que poderia iniciar pela palavra *poder*, *porque dinheiro todo mundo precisa.* A palavra *poder* tem um forte significado, porém, atribuir apenas ao mais aparente e material que ele simboliza, talvez, não seria, o mais adequado. Assim, propus uma reflexão sobre a palavra. Mendonça ressaltou que *o dinheiro não é o começo de tudo, pode ser um meio para algo, mas não é o começo das coisas.* Araújo ponderou*: e se a palavra poder tiver outro significado? Podemos transpô-la ao sentido de eu posso, eu quero, eu desejo, pois, só se começa algo, quando queremos de fato. Então, poder pode estar relacionado à vontade de querer algo.*

Essa perspectiva de Araújo agradou a todas. Já tínhamos um início, *poder*, e um fim, *paz,* mas precisávamos continuar o caminho e agrupar as outras imagens e palavras.

Costa explicitou: *depois de querer começar, a pessoa vai passar pelas alegrias e tristezas da vida, porque a vida não é só alegria, também tem a adversidade. O que é normal. Acho que as próximas palavras são alegria e tristeza, simbolizando o que a pessoa vai passar durante o trajeto todo, passar por coisas boas e coisas ruins.*

Costa foi muito feliz em enumerar essas palavras pois em todos as imagens dos sonhos a dualidade estava presente: sol e lua, dia e noite. As imagens sempre apresentaram dualidade, uma conversação com os opostos, quer sejam como estavam agrupadas em planos, quer sejam através de elementos positivos. Ressaltei que o caminho necessita da compreensão desses opostos complementares e reconhecê-los era adequado ao processo de autoconhecimento.

Fotografia 44 – Palavras na mandala



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

A cada surgimento de palavras, a mandala dos sonhos era reorganizada e as imagens dispostas na direção que o grupo assentia, mas ainda faltavam ordenar: fertilidade, superação, morte, transformação e purificação. O grupo não conseguiu completar e encaixar as palavras restantes, portanto, fiz uma proposta para dar prosseguimento ao processo.

Fotografia 45 – A jornada do herói



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

As palavras ficaram ordenadas:

1. Poder;
2. Tristeza;
3. Alegria;
4. Superação;
5. Morte – purificação e transformação;
6. Fertilidade;
7. Paz.

A proposta narrativa perpassava por essa ordem de palavras em um círculo contínuo de percepção de si e aprimoramento pessoal em quaisquer campos da vida. A jornada inicia com o *poder*, a capacidade que temos de potência impulsionadora em nossas vidas, aquilo que nos move e nos incita a começar o caminho, um desejo profundo, quer por vezes está adormecido em nós. Mas, nessa trajetória, nos deparamos com *tristeza* e *alegria,* dualidades opostas que nos fortalecem ou nos enfraquecem para darmos continuidade. Apenas vamos em frente quando a *superação* se faz presente, ou seja, a exata compreensão das nossas sombras e do que nos afeta, através da comunicação entre esses opostos (alegria e tristeza). Após a *superação*, é necessário enfrentar a *morte* e a *purificação* simbólica para a *transformação* do tão desejado pensamento, comportamento, ação, pensamento ou sentimento. Temos que morrer e renascer outro e cada um o faz através de um ritual de purificação pessoal e sempre simbólico – a trajetória é individual. Antes de chegarmos ao fim e ao desejo de alcançar a *paz*, percebemos que esta só se complementa com o outro, portanto, é necessário compartilhar, ou seja, *fertilizar* o aprendizado. Ao chegar à *paz,* que pode ser tanto individual ou coletiva, ou seja, individuação, percebemos que não alçamos por completo, pois é um processo contínuo e o ciclo se renova e retorna à primeira estação, o *poder*, e continuamos, infinitamente, avançando, cada vez mais, ao desejo de nos transformarmos e transcendermos à individuação.

As imagens do inconsciente não se apresentam, comumente, de maneira clara e o sonhador é obrigado a decifrar o significado de uma sucessão de contrastes e paradoxos, observou Henderson (2016). Desde os primeiros sonhos com a morte, as nossas imagens nos trouxeram à jornada do herói, que tem o sentido da transformação, como bem elucida Muller (2017):

> Percebe-se a experiência humana básica, segundo a qual os processos de amadurecimento e mudança estão ligados à vivência do falecimento e da morte. Esse "morrer e retomar" é válido para as mais variadas esferas da existência humana e da experiência do mundo. Para nós, homens modernos, isso significa com frequência o processo de individuação, através do qual penetramos em nossas próprias profundezas anímicas desconhecidas, vivendo a experiência da morte de valores e posicionamentos antigos e estéreis, e retornando, depois de um processo de reordenação, com uma atitude mais saudável em relação a nós mesmos e à vida (MULLER, 2017, p. 14).

Henderson (2016) explicita que cada sonho é um processo particular individual, e a forma definida que toma é determinada pelas condições do sonhador. Como regra geral, pode-se dizer que a necessidade de símbolos heroicos surge quando o ego necessita fortificar-se, isto é, quando o consciente requer ajuda para alguma tarefa que não pode executar sozinho ou sem uma aproximação das fontes de energia do inconsciente.

No centro da mandala, coloquei *a jornada do herói,* representando todo processo vivido no grupo, como a caminho da individuação, algo mais próximo da narrativa simbólica encontrada. Segundo Muller (2017), a viagem e o caminho são um símbolo antiquíssimo do processo de individuação, além de não ser um fenômeno único, mas um exemplo simbólico de percursos que se repetem constantemente nas épocas mais diversas e nos mais variados níveis e o herói se encontra numa peregrinação, numa procura ininterrupta, na qual não existe nenhuma meta definitiva. Há apenas objetivos parciais que oferecem orientação somente para um determinado período ou para uma determinada fase da vida.

Como ressalta Muller (2017), o herói fascina a todos porque personifica o desejo e a figura ideal do ser humano, pois se atreve a viver a vida, em vez de fugir dela. Ele nos serve de modelo e essa identificação nos encoraja a conservar certos valores, mesmo quando não se tem mais esperança.

De acordo com Henderson (2016), o mito do herói é o mais comum e o mais conhecido em todo o mundo e sua função primordial é desenvolver no indivíduo a consciência do ego, ou seja, o conhecimento de suas próprias fraquezas, ele representa os esforços para cuidarmos dos problemas do nosso crescimento, ajudados pela ilusão da ficção clara.

> Ouvimos repetidamente a mesma história do herói de nascimento humilde, mas milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e à notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua falibilidade ante a tentação do orgulho (hybris) e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício "heroico", no qual sempre morre (HENDERSON, 2016, p. 142).

Muller (2017) ressalta que o drama do herói não é um fenômeno único, mas um exemplo simbólico de percursos que se repetem constantemente nas épocas mais diversas e nos mais variados níveis. Se considerarmos o resultado do trabalho desenvolvido nesta pesquisa, a narrativa da jornada do herói através dos sonhos e das imagens produzidas, refletiremos que estamos, desde o início, intuitivamente e simbolicamente criando o processo de individuação e da vida criativa e criadora, isso significa, então, que assim como o herói, estivemos, estamos e estaremos em uma peregrinação e, ainda, na perspectiva de Muller (2017), numa procura ininterrupta, na qual não existe nenhuma meta definitiva. Há apenas objetivos parciais que oferecem orientação somente para um determinado período ou para uma determinada fase da vida.

Esta era a nossa proposta, desde o início, e que foi se constituindo uma trajetória de autoconhecimento que permitisse que avançássemos nas profundezas de nossas lembranças, experiências, sentimentos, emoções e no encontro das mais diversas possibilidades de se perder para se encontrar. Creio que, inconscientemente, encontramos o mito do herói como símbolo da nossa própria jornada, pessoal e coletiva. Esta jornada está relacionada ao caminho da individuação e da vida criativa, pois é o caminho da mudança, que, através da morte, leva uma nova vida. Torna-se, portanto, o caminho criativo do ser humano através da vida (Muller, 2017).

> A verdadeira luta do herói leva-o a penetrar em esferas desconhecidas e estranhas. Pode tratar-se de um lugar secreto, de difícil acesso, onde atua um poder sinistro e ameaçador, por exemplo um monstro semelhante ao dragão, um inimigo perigoso ou então a morte. Depois de uma luta difícil, quase fatal, o herói consegue superar esse poder inimigo. Em seguida, ganha um tesouro (ouro, reino, conhecimento, fama) uma jovem virgem, com a qual se unirá e terá um filho (MULLER, 2017, p. 17).

As professoras ficaram surpresas e felizes com a narrativa construída por todos e por esse tesouro encontrado. Pereira nos disse: *incrível como a história surgiu e surgiu dos sonhos e dos desenhos criados. No fim, temos uma história para contar, sem ter sido preciso buscar em livros ou histórias já conhecidas. Podemos fazer isso com as crianças*.

Nesse sentido, L. Muller resume a jornada do herói:

> O herói tem quase sempre pais divinos ou nobres, sendo ao mesmo tempo filho de seres humanos normais. A gestação, a gravidez, o nascimento e a primeira infância suportam uma grande carga. [...] Sendo de origem nobre e divina, experimenta o sofrimento da criança abandonada, desamparada, cuja verdadeira natureza a princípio não é reconhecida. É ao mesmo tempo poderoso e carente. Educado por pais adotivos ou por animais, em sua juventude ele logo revela talento, habilidades e pode res especiais.

> Excelentes mestres ajudam-no a aperfeiçoar suas habilidades e conhecimentos. Adquire suas armas pessoais, quase sempre de procedência e qualidade especial. [...] Recebe então uma missão ou um chamado para partir em viagem. Depois das adversidades iniciais, que se revelam no próprio medo, desânimo ou através dos avisos de outras pessoas, põe-se a caminho. Até que a verdadeira luta acontece, ele tem de passar por uma série de pequenas aventuras. (MULLER, 2017, p. 16-17).

O processo desenvolvido com os sonhos, com o teatro, as imagens produzidas e a narrativa gestada, constituíram uma relação com o mito, de forma significativa e simbólica: Assim como o herói, tivemos uma trajetória incomum. Fomos chamados, professoras e eu, para caminharmos por entre conteúdos nunca antes vivenciados. Assim como o herói descobre sua origem, se define, nós nos redescobrimos como educadores e fomos definindo caminhos possíveis. A morte é essencial nesse percurso e, durante a pandemia do COVID-19, que acometeu para a morte milhares de pessoas, estávamos juntos refletindo sobre a própria morte. O herói tem que partir e abandonar o conhecido e nós, também, abandonamos um monte de conceitos, regras, métodos e estratégias comumente utilizados para caminhar livres rumo ao desconhecido. O herói passa por provas, monstros e vilões e nós, também, passamos: o risco da pandemia, os encontros virtuais, a escuridão do processo, o risco de, ao final, não termos construído nada. Da mesma forma que o herói, descemos ao inferno, enfrentamos nossas sombras e superamos medos e angústias. O herói morre transformado para iniciar um novo ciclo. Estamos mortos agora e já podemos iniciar a segunda fase da pesquisa.

> O novo homem resultante da morte simbólica do Eu não é eterno, nem imortal, mas um homem transformado pela morte. É um homem que desistiu de fugir de si mesmo e da morte, despertando por isso para uma nova vida, com uma nova vitalidade. Ele percebe o milagre e o presente da vida em todo o seu paradoxo e beleza, e começa a celebrá-la com amor (MULLER, 2017, p. 118).

Araújo complementou: *eu não sei como o professor Neudson conseguiu fazer isso.* Ressaltei que fomos todos nós os construtores e que eu também estava surpreso, pois não tinha a dimensão desse resultado e de como este processo se daria. Havia sido um passo a passo desconhecido, intuitivo, vivenciando conteúdos nunca trabalhados antes, de maneira sistemática, os sonhos e suas imagens. Um percurso de comunicação com imagens do inconsciente que, através dos jogos, da arte, das conversas, produziu uma narrativa estética repleta de significados simbólicos e sentindo diversos, tanto para cada um do grupo, mas, principalmente, para o coletivo.

Costa enfatizou: *foi como costurar retalhos diversos que no final tivemos uma colcha. Muito boa essa proposta de construção através da arte e dos sonhos. Hoje eu penso que a carne de porco do meu sonho era o presente que eu trouxe e significa que nem tudo o que aparenta é de verdade. Pode ser outra coisa. Pode ser que eu estivesse percebendo os presentes da vida de uma outra forma e que eu devo repensar tudo isso. Muito emocionante isso tudo.*

Saliento que, a princípio, eu tinha planejado trabalhar com o arquétipo da árvore pela presença importante de uma existente na frente da escola e por acreditar na sua importância simbólica tanto para as professoras quanto para a comunidade, mas desisti durante o caminho, pois, desde o início, o planejamento veio sendo modificado, a cada encontro, e passei a não mais planejar e, sim, atuar de maneira mais orgânica, intuitiva e menos racional. A cada passo dado junto às professoras, novos caminhos surgiam e isso não tinha como ser previsto e planejado, portanto, creio que apostar nessa forma de trabalho, para esta pesquisa, foi a mais acertada.

Desde o princípio, as professoras desejaram fazer uma culminância, ou seja, produzir algo, um espetáculo ou uma performance para apresentar para alguns convidados, amigos e familiares. Acordamos que tínhamos material suficiente para o desenvolvimento dessa performance ou espetáculo, mas, como tudo o que realizamos nesse percurso, haveria de ser orgânico.

Senti que a pesquisa, ou uma importante etapa, havia sido concluída, muito material a ser analisado, mas o grupo estava bem estimulado a continuar. Portanto, partimos para uma segunda fase, a construção de uma ação teatral. Nossos próximos encontros se dariam para a discussão, prática e construção desta ação.

Após esse encontro, ainda tivemos mais quatro outros, entre os dias 30 de setembro e 02 de dezembro de 2020. Percebemos que a jornada tinha chegado ao fim no dia 04 de novembro e a encerramos. Concordamos que estaríamos juntos em outro momento, na segunda etapa, para concepção do “espetáculo”. Desta forma, organizamos uma confraternização e a nossa avaliação.

Foi muito difícil consolidar o fim desta etapa, pois é necessário saber a hora das paradas e também das partidas. Estávamos muito ligados em um processo descrito por todas como terapêutico, porém, antes disso, conseguimos construir um espaço dialógico e os passos para uma aprendizagem de uma possível educação para o sensível, de forma simples, intuitiva, criativa, criadora e orgânica. Sei que

nossos caminhos ainda irão se cruzar porque, a jornada que iniciamos, não tem fim, apenas uma pausa necessária, apenas um até breve.

Fotografia 46 – Avaliação 01



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Fotografia 47 – Relembrando o processo



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Fotografia 48 – Avaliação 02



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

Fotografia 49 – Avaliação 03



Fonte: Arquivos pessoais do autor, 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa iniciou-se com um sonho e a possibilidade de vivenciar um espaço simbólico de pensar a educação por um modo de estar diferente do convencional. Dessa forma, pensar em educação, tendo como bússola o diálogo entre o inconsciente e o consciente, os sonhos, a imaginação, a arte e as imagens geradas por este movimento, é trilhar por caminhos obscuros buscando, quem sabe, descobrir ao criar novas formas de perceber a realidade e nos reinventar.

A esse caminho e espaço de possiblidades nomeei de vivências criativas, pois a interpretação da realidade não deveria partir de um único ponto e de forma unilateral. Precisamos compreender o que está sendo dito e que não conseguimos escutar e desta forma, vivenciar é ser/estar juntos em um ato criativo e criador de ampliação e renovação de pensares e fazeres.

O que acontece com as pessoas que vivem em uma perspectiva mais imaginativa? Dentre tantos questionamentos que me ajudaram nessa trajetória, este foi a chave para a realização do convite às professoras da Unidade Escolar Duque de Caxias, escola do ensino Fundamental de primeira etapa, da rede pública municipal de ensino de Vargem Grande, Maranhão, para fazer parte e ser parte dessa pesquisa.

O teatro dos sonhos na aprendizagem escolar: a vivência na educação do sensível foi um processo de pesquisa que teve uma dinâmica baseada na perspectiva junguiana, acreditando na potência dos sonhos e no sentido da ampliação da educação através das imagens descobertas, onde, por vezes, o intuitivo, o espontâneo e irascível caminham junto a teorias vividas, mas que não se impuseram como fechadas e puramente racionais.

Às vezes, dominamos o conceito e ele não está internalizado. Desta forma, evitei desenvolver oficinas diretivas pedagógicas e a utilização de conceitos prévios. A ideia foi integrar-se à uma prática que pudesse viabilizar o conceito. Os encontros se desenharam através de vivências criativas, fundamentais ao pensamento e à nossa existência e, desta forma, mudou a postura dos educadores, pois o processo conseguiu abrir espaços fundantes de percepção de si, do outro, do espaço e de suas realidades.

As vivências foram essenciais à existência dessa pesquisa, pois foram espaços de fala, de escuta, de ação, de movimento, de criação e de valorização do pessoal e do coletivo. Conseguimos constituir um grupo de aprendentes, um espaço de abertura

onde as participantes conseguiram falar, ouvir e ser ouvidas de maneira orgânica, prazerosa. O desenvolvimento de um espaço para falar de si ajuda na produção de consciência, necessária ao exercício do estar em um lugar no mundo que só existe junto ao outro.

Os principais resultados confirmaram a possibilidade da existência de diferentes formas de criação de espaços dialógicos tendo os sonhos, as imagens, a arte e os símbolos como guias dessas construções.

Percebi os sonhos como grandes livros que foram abertos e sentidos. Eles, os sonhos, deflagaram o sentir e a linguagem simbólica. Ambos, juntamente com o teatro, dialogaram conosco através das produções das imagens que se mostraram fundantes de conexões de aprendizagens entre todas.

A grande característica da imagem é ser invisível e o registro dos sonhos para senti-la, nesta vivência, se tornou um processo de encantamento diário, pois escrevê-los, falar com e sobre eles, comunicá-los, vê-los através de imagens, proporcionou o isolamento necessário ao encontro com a casa pessoal de cada uma, suas almas, produzindo significados através da simbolização.

O significado não é aquilo que é, mas aquilo que vamos digerindo e transformando. As participantes foram se liberando de culpas, vitimismos, projeções. Afinal, a individuação não é o lugar onde se chega, mas um percurso a seguir, uma meta estabelecida e vivida: *Como eu vou saber para que eu vou saber para saber o que se é e assumir o que se é em qualquer lugar.* Todo educador precisa reconhecer seu processo de individuação.

Simbolizar é aprender a pensar em conteúdos polarizados e foi através do tema morte, reconhecido nos sonhos das participantes, que realizamos um processo que fez alusão do que significa lidar com a morte. Elas vivenciaram a morte, no sentido simbólico da transformação, do que é ser educador em suas convicções pessoais e profissionais no aspecto de percursos de descobertas, pois isto é individuação.

Senti que uma imagem impulsionava outra e a relação entre os elementos opostos encontrados proporcionou a reflexão da necessidade de integração e diálogo entre o consciente e o inconsciente. As imagens mostraram duplicidade e sincronia. Desta forma, percebi que a aproximação com o inconsciente nunca é direta e só iniciamos a simbolizar quando nos relacionamos com a nossa oposição. Afinal de contas, a própria natureza se constitui nessa polaridade e não seria diferente conosco,

seres humanos, que também fazemos parte desse imbricado organismo complexo que é a vida.

Tornou-se claro que as imagens produziam outras imagens e, se assim desejássemos, esta produção seria infinita, pois infinitos são os valores simbólicos encontrados tantos nos sonhos, quanto nelas próprias. Portanto, a proposta foi descobrir o sentindo dessas imagens advindas dos sonhos, suas relações e conexões, buscando, através da imaginação e do sensível, encontrar eixos narrativos ou uma mensagem central tanto para o pessoal quanto ao coletivo.

Este aspecto, de abertura e amplitude que as imagens nos trouxeram, validou que a compreensão das possíveis realidades pode ser desenvolvida através do simbólico e sensível, pois o atravessamento dos conteúdos que não se apresentaram por finalidades, mas por construções e reconstruções permanentes são aptos e potentes de provocar transformações profundas.

A metodologia, inicialmente, contar os sonhos, desenhá-los e encená-los, foi revertida para um processo dialógico de produção das imagens brotadas dos sonhos principais relatados e despertados pelos jogos teatrais em busca de sentidos e narrativas capazes de favorecer a busca pelo autoconhecimento e autorrealização.
Desde o início, as imagens mostravam elementos sincrônicos e com sentidos que se entrecruzavam e se conectavam. Sonhos e imagens com elementos opositores despertaram o interesse de compreendê-los como uma nova forma possível de educar e educar-se através do sensível, amplificando narrativas que se encontravam soltas, mas prontas a serem despertadas, sentidas e utilizadas.

Quando a imagem é ativada, a consciência se movimenta, articulando-se em busca de compreensão e de ampliação. Dessa forma, as imagens geradas pelos sonhos encontraram sentido e nos chamaram a pensar. Neste ínterim, descobrimos a nossa narrativa pessoal e coletiva, simbolizada em todo o processo desta pesquisa como uma caminhada e luta ao autoconhecimento, *a jornada do herói.* A aprendizagem foi se estabelecendo no espaço das relações da incorporação do simbólico – onde sentimos, vivemos, mas não definimos – em um processo de intersubjetivação e intersetoralidade, que proporcionou autoconhecimento e o início de um caminho para a individuação que cada participante precisou para se revisar enquanto humano.

A simbolização tornou possível a pesquisa. Simbolizar é diferente de interpretar, pois requer o coletivo, a autonomia e a amplitude. Se os sonhos deflagram

o sentir, a fixação nas imagens trouxe o caminho de conexão com o portal do inconsciente, pois elas são dinâmicas e se fundamentam como a linguagem básica da psique, criativa e autogeradora em si mesma, não são apenas expressões, mas processos energéticos. São, ao mesmo tempo, ideia e emoção.

A narrativa construída afetou a todos de sobremaneira: nesses tempos de morte física, temos que pensar na morte simbólica diária, pois, assim, como esta, o cominho é individual. As participantes refletiram narrativa da jornada do herói, como seus próprios percursos, como mensagens do devir e todas creditando esse processo como valoroso para o autoconhecimento. Todas tomaram como resultado dessa vivência a percepção de mudanças de seus comportamentos, atitudes, pensamentos e afetos, tanto no campo pessoal quanto no profissional.

Esse espaço da transcendência que é individual foi iniciado nos nossos encontros, que funcionaram como espaço lúdico, criativo e criador de se ver e ver o outro com mais afeto e disponibilidade despertando o interesse pelo acesso a canais mais sutis, que, de acordo com as participantes, podem reverberar em um conhecimento e aprendizagem que pode ser ampliado aos alunos na escola.

As participantes relataram, nas avaliações ocorridas, que se melhoraram como mães, esposas, mulheres e profissionais. Foram muitas as falas e escutas de que esse processo favoreceu a aprendizagem através do sensível. Novos corpos surgiram, novos caminhos de pensamento e ação foram se abrindo para uma relação com o permitir-se, o estar-junto, reconhecendo a arte, a imaginação e o simbólico despertados pelos sonhos e pelas imagens como favorecedores desse crescimento.

Observei que as professoras iniciaram um processo de deixar sair a criança interior adormecida, agindo com liberdade, ao correr, suar, gritar, mexer com o corpo. Ao se colocarem no lugar das crianças, revisitaram e refletiram seu próprio lugar e suas práticas em sala de aula.

Em relação ao meu envolvimento, ressalto a importância dessa pesquisa para as transformações pessoais e profissionais ocorridas no âmbito da minha vida, pois senti-me afetado a retornar para a escola, ao ato educativo, ao convívio com os alunos e com a escola. Desta forma, me despedi do trabalho técnico na SEMED-VG e hoje me encontro na função de gestor de uma das mais antigas escolas estaduais do município. No lado pessoal, pude rever conceitos e valores que me fazem percorrer por caminhos mais lúcidos adotando práticas cada vez mais adequadas ao que eu

penso *ser-estar-educação;* na *educação para o devir; na educação para uma além-educação.*

Os símbolos, acredito, ainda estão vivos e conseguimos perceber nos sonhos, nas imagens, nas construções e na arte produzida. Deste modo, a utilização das imagens simbólicas trazidas pelos sonhos sobre os aspectos da subjetividade e dos afetos provocaram mudanças no modo de se ver e ver a vida como um ato provocativo e estimulante de potências através das vivências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BERRY, patrícia. **O corpo sutil de Eco:** contribuições para uma psicologia raquítica. Petrópolis; Vozes, 2014, p.21)

BOECHAT, W. **O livro vermelho de C.G. Jung:** jornada para profundidades desconhecidas. Petrópolis,RJ: Vozes, 2014.

BOAL, Augusto. **200 jogos para o ator e o não-ator que queira dizer algo através do teatro.** São Paulo: Brasiliense, 1975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____.; STRECK, D R. (org.) **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida-SP: Ideias & letra, 2006.

BARCELLOS, Gustavo. **Psique e imagem:** estudos de psicologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. Jung. Junguianos e arte: uma breve apreciação. **Pro-Posições,** Campinas, v. 15, n. I (43) - jan./abr. 2004. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643841/11321> Acesso em: 10 dez. 2020.

BRAZ, A. L. N. **Origem e significado do amor na mitologia greco-romana**. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n1/v22n1a07.pdf> Acesso em: 10 dez. 2020.

BRITO, M. R. O pensamento marginal da além-formação como traçado da diferença. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.14, n.1, p.216-234, jan./jun.2012.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPBELL, J.; FLOWERS, B. S.; MOYERS, B.. **O poder do mito**. tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

COELHO, Teixeira. **Arte e utopia: arte de nenhuma parte.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática 2000.

CHEVALIER, J. G. A. **Dicionário de Símbolos**. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

CIRLOT, J. E. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. Moraes, São Paulo, 1984.

DE BELO HORIZONTE, **Lúcia. Hécate, a lenda da deusa dos caminhos**. Disponível em <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/10/hecate-deusa-dos-caminhos.html> Acesso em: 04 de nov. 2020.

DELEUZE, G. O ato da criação. Trad. José Marcos Macedo. **Folha de São Paulo, Caderno Mais!** 27 de junho de 1999, p. 4-5.

FRANZ, Marie-Louise Voz. **O Caminho dos Sonhos Marie-Louise von Franz em conversa com Fraser Boa**. São Paulo: CULTRIX, 1996. Disponível em: <http://clinicapsique.com/wp-content/textos/Marie-Louise%20Von%20Franz%20-%20O%20Caminho%20dos%20Sonhos.pdf> Acesso em: 20 mar. 2020.

_____. A busca do sentido. São Paulo: Paulus, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, James A. **Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática.** São Paulo: Cultrix, 2007.

HILMAN, James. O pensamento do coração e a alma do mundo. Campinas, SP: Verus, 2010.

MARANHÃO. Secretaria do Estado de Educação. **Documento Curricular do Território maranhense para a educação infantil e o ensino fundamental.** Rio de Janeiro: FVG Editora, 2018.

GADAMER, H-G. **La educación es educar-se**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.

GALLO, S. **Educação, devir e acontecimento**: para além da utopia formativa. Educação e Filosofia (UFU. Impresso), v. 26, p. 41-72, 2012.

GAMBINI, R. Sonhos na escola. In: SCOZ, B. (Org.). (Por) uma educação com alma: a objetividade e a subjetividade nos processos ensino/aprendizagem. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Por uma educação com Alma. Roberto Gambini**. 15 de março de 2008. Fóruns a Aliança pela infância. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ND9Kto-hev4 Acesso em: 27 out./ 2019.

_____. Com a cabeça nas nuvens. **Pro-Posições,** Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 121-148, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v21n2/v21n2a10.pdf > Acesso em: 07 ago. 2020.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992

HILMAN, James. Uma investigação sobre a imagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**.organização e edição Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. **A natureza da psique.**Petrólis, Vozes, 2013.

_____. **O homem e seus símbolos, concepções** e organização Carl G. Jung. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

_____. **Seminários sobre Psicologia Analítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis, Vozes, 2014.

_____. **O eu e o inconsciente.** 27 ed. Petrópolis, Vozes, 2015.

KEHLI, Maria Rita. Elogio do medo. **Ensaios sobre o medo.** Adauto Novaes organizador. São Paulo: Editora Senac São Paulo: edições Sesc SP, 2007)

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista em Educação**, Rio de Janeiro: n.19, jan/fev/mar/abr., 2002, p. 20-28.

MARTIN, Kathleen. **O Livro dos Símbolos, reflexões sobre imagens arquetípicas**. China: Taschen, 2012.

MCLEAN, Adam. **A Deusa Tríplice: Em busca do feminino arquetípico**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. Editora Cultrix, São Paulo, 1998, 142p.

MENEZES, A. L. T.; OINHO, A. M. M. **A arte e vivência na psicologia comunitraia e na educação popular.** Curitiba, PR: CRV, 2014. p.176.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2014.

MONTENEGRO, Oswaldo. **Metade**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/oswaldo-montenegro/72954> Acesso em: 10 jan. 2020.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MULLER, L. **O heroi: a verdadeira jornada do heroi e o caminho da individuação**. São Paulo: Cultrix, 2017.

MUNIZ, Paula. **Conheça a história da esfinge na mitologia grega**. Disponível em <https://www.oversodoinverso.com.br/conheca-a-historia-da-esfinge-na-mitologia-grega/ >acesso em 04 de novembro de 2020.

PESSOA, F. ***Novas Poesias Inéditas****. 4 ed. (*Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1993.

PONTES, M. R. **A Árvore**: um arquétipo da verticalidade (contributo para um estudo simbólico da vegetação). **Revista de Faculdade de Letras**, **Línguas e Literaturas**, Porto, XV, 1998, p. 197-219.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e Grande Público: a distância a ser extinta.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003. – (Coleção polêmicas do nosso tempo)

PESQUISA PARTICIPANTE: ALTERIDADE E COMUNIDADES INTERPRETATIVAS Maria Luisa Sandoval Schmidt Instituto de Psicologia – USP. Psicologia USP, 2006, 17(2), 11-41. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/issue/view/3450> Acesso em: 18 de out. 2020.

QUITANA, M. **Apontamentos de história sobrenatural.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ROSENBERG, Colonnese Luisa. **Jung e arte: a obra em contínuo devir;** orientadora Laura Villares De Freitas. -- São Paulo, 2018.

SOUZA, L. R.; RIBEIRO, T. C**. Visões da ilha**: apontamentos sobre teatro e educação. Arão Paranaguá. São Luís, 2003, 210p.

STRECK, D. R. et. al. **Pesquisa participante: a partilha do saber.** Aparecida- SP: Ideias & letras, 2006.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações Sobre o Inconsciente: Mito, Símbolo e Arquétipo na Psicologia Analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XVI(1): 76-82, jan-jul, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n1/v16n1a10.pdf> Acesso em: 10 dez. 2020

SCHLICHTA, Consuelo. **Arte e educação: há um lugar para a Arte no Ensino Médio?** Curitiba: Aymará, 2009.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

SEIXAS, Raul Santos. **Gita.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48312/> Acesso : 14 de dez. 2019.

VALENZUELA, Andrés Palma; DAMIÃO, Maria Helena. Da “Narrativa” Humanista à Educação Humanista - Uma análise do currículo escolar na contemporaneidade. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 11, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em <DOI:http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v11n2p11-33>: 05 de nov. 2020.

VARGEM GRANDE. Secretaria Municipal de Educação. **Relatório dos projetos desenvolvidos na rede municipal em 2019.** Vargem Grande, 2019.

_____. Unidade Escolar Duque de Caxias. **Projeto Político Pedagógico.** Vargem Grande, 2019.

APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Ana Maria da Costa Monteiro

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoas maiores de 18 anos

Título do projeto: Teatro dos sonhos na aprendizagem esolcar: a educação através do sensível.

Pesquisador responsável: Neudson Antonio Costa Penha.

Orientador: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes

Objetivo principal: Investigar como os sonhos e a linguagem tetral favorecem a educação do sensível.

Eu,**ANA MARIA DA COSTA MONTEIRO,** autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto para fins de publicações e divulgações acadêmicas em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

São Luís,19 de agosto de 2020

Ana Maria da Costa Monteiro

Assinatura

Nome: ANA MARIA DA COSTA MONTEIRO
RG.: 014704182000-4
CPF: 956820233-15
Telefone: (98) 991642901
Endereço: RUA HORÁCIO GONÇALVES

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Antonia Mary dos Santos Corrêa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoas maiores de 18 anos

Título do projeto: Teatro dos sonhos na aprendizagem esolcar: a educação através do sensível.

Pesquisador responsável: Neudson Antonio Costa Penha.

Orientador: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes

Objetivo principal: Investigar como os sonhos e a linguagem tetral favorecem a educação do sensível.

Eu,**ANTONIA MARY DOS SANTOS CORREA ,** autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto para fins de publicações e divulgações acadêmicas em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

São Luís,19 de agosto de 2020

Antonia Mary dos Santos Corrêa
Assinatura

Nome: ANTONIA MARY DOS SANTOS CORREA
RG.: 013152532000-5
CPF: 007886673-19
Telefone: (98) 991192782
Endereço: RUA HILDENORA GUSMÃO

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Bruna Trabulsi Araújo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoas maiores de 18 anos

Título do projeto: Teatro dos sonhos na aprendizagem esolcar: a educação através do sensível.

Pesquisador responsável: Neudson Antonio Costa Penha.

Orientador: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes

Objetivo principal: Investigar como os sonhos e a linguagem tetral favorecem a educação do sensível.

Eu, **Bruna Trabulsi Araújo,** autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto para fins de publicações e divulgações acadêmicas em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

São Luís,19 de agosto de 2020

Bruna Trabulsi Araujo
Assinatura

Nome: Bruna Trabulsi Araújo
RG.:052614082014-7
CPF:618.587.623-08
Telefone: (98)99145-6360
Endereço: Rua C, quadra 10, casa 20. Canaã. Vargem Grande - MA. CEP: 65430-000

APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professor Cleiton Silva Araújo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoas maiores de 18 anos

Título do projeto: Teatro dos sonhos na aprendizagem esolcar: a educação através do sensível.

Pesquisador responsável: Neudson Antonio Costa Penha.

Orientador: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes

Objetivo principal: Investigar como os sonhos e a linguagem tetral favorecem a educação do sensível.

Eu, **Cleiton Silva Araujo,** autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto para fins de publicações e divulgações acadêmicas em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

São Luís,19 de agosto de 2020

Cleiton Silva Araujo
Assinatura

Nome: Cleiton Silva Araujo
RG: 038769602010-7
CPF: 057.838.753.09
Telefone: (98) 991576442
Endereço: RUA DA TELMA, BAIRRO ROSALINA

APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Joelice Silva Reis

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoas maiores de 18 anos

Título do projeto: Teatro dos sonhos na aprendizagem esolcar: a educação através do sensível.

Pesquisador responsável: Neudson Antonio Costa Penha.

Orientador: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes

Objetivo principal: Investigar como os sonhos e a linguagem tetral favorecem a educação do sensível.

Eu, **JOELICE SILVA REIS ,** autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto para fins de publicações e divulgações acadêmicas em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

São Luís,19 de agosto de 2020

Joelice Silva Reis
Assinatura

Nome: JOELICE SILVA REIS
RG.: 000039740795
CPF: 954996603-87
Telefone: (98) 991236301
Endereço: AVENIDA SÃO RAIMUNDO

APÊNDICE F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Joselma Rosa Mendonça

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoas maiores de 18 anos

Título do projeto: Teatro dos sonhos na aprendizagem esolcar: a educação através do sensível.

Pesquisador responsável: Neudson Antonio Costa Penha.

Orientador: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes

Objetivo principal: Investigar como os sonhos e a linguagem tetral favorecem a educação do sensível.

Eu,**JOSELMA ROSA MENDONÇA,** autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto para fins de publicações e divulgações acadêmicas em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

São Luís,19 de agosto de 2020

Joselma Rosa Mendonça
Assinatura

Nome: JOSELMA ROSA MENDONÇA
RG.: 000088376198-0
CPF: 887371603-20
Telefone: (98) 991151890
Endereço: RUA TRÊS DE JANEIRO

APÊNDICE G – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Maria Cleomar Mendes da Costa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoas maiores de 18 anos

Título do projeto: Teatro dos sonhos na aprendizagem esolcar: a educação através do sensível.

Pesquisador responsável: Neudson Antonio Costa Penha.

Orientador: Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Objetivo principal: Investigar como os sonhos e a linguagem tetral favorecem a educação do sensível.

Eu, **Maria Cleomar Mendes da Costa,** autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto para fins de publicações e divulgações acadêmicas em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

São Luís, 19 de agosto de 2020

Maria Cleomar Mendes da Costa
Assinatura

Nome: Maria Cleomar Mendes da Costa
RG.:000070660897-6
CPF:81720572372
Telefone: (98) 992220478
Endereço Conjunto Santa Maria

APÊNDICE H – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ – Pessoas maiores de 18 anos – Professora Maria Cleomar Ilma de Sousa Silva Pereira

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoas maiores de 18 anos

Título do projeto: Teatro dos sonhos na aprendizagem esolcar: a educação através do sensível.

Pesquisador responsável: Neudson Antonio Costa Penha.

Orientador: Dra. Ana Luísa Teixeira de Menezes

Objetivo principal: Investigar como os sonhos e a linguagem tetral favorecem a educação do sensível.

Eu, **MARIA ILMA DE SOUSA SILVA PEREIRA,** autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto para fins de publicações e divulgações acadêmicas em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do pesquisador e sob sua guarda, entretanto tenho o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

São Luís, 19 de agosto de 2020

Maria Ilma de Sousa Silva Pereira
Assinatura

Nome: MARIA ILMA DE SOUSA SILVA PEREIRA
RG.:000062096596-7
CPF:925220333-87
Telefone: (98) 991332250
Endereço; COHAB, AVENIDA 2, CASA 26